

NICOLE OLIVEIRA

ANTES do SIM



dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

NICOLE OLIVEIRA

ANTES^{do}SIM



NICOLE OLIVEIRA

ANTESdo**SIM**

Direitos autorais © 2025 Nicole Oliveira Todos os direitos reservados. É proibido a reprodução, distribuição, comercialização ou impressão de qualquer parte desta obra [física ou eletrônica] sem o consentimento escrito da autora, exceto pelo uso de citações breves e resenhas. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela Lei nº 9.610 de fevereiro de 1988 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Este livro é exclusivo para o formato Kindle.

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios.

Autora: Nicole Oliveira

Capa: Andresa Rios

Leitura Crítica: Adeline e Justine — [Projeto Aurora](#)

Betagem: Camila Pedrosa, Amanda Abdias, Thais Eduarda, Andresa Rios e Marcela Marche **Revisão:** [Livros do UP](#)

Diagramação: Nicole Oliveira

Esta é uma publicação independente.

AVISO NIVERSO

AVISO

Se ainda não nos conhecemos: prazer, eu sou a Nicole, fique à vontade no meu Niverso!

Se você já me acompanha: feliz em ter você de volta!

Antes do Sim é uma comédia romântica de protagonismo sáfico que contém **conteúdo sexual explícito, consumo de bebida alcoólica e linguagem imprópria**. Mesmo os assuntos sendo tratados de forma leve, a novela é indicada para pessoas **maiores de 18 anos**.

Todos os livros do Niverso se conectam de alguma forma, então se você já conhece meu mundinho, se prepare para encontrar *easter eggs* e *spoilers* perdidos.

Seria incrível se você pudesse avaliar o livro ao terminar a leitura! As estrelinhas ajudam a plataforma a identificar o livro como relevante e a recomendar para novos leitores! Se quiser comentar suas impressões comigo nas redes sociais, vou **amar** saber o que você está achando.

Divirta-se!

@eagoragemeos

PLAYLIST



PLAYLIST

Não existe um livro do Niverso que não tenha uma [playlist](#) personalizada e com músicas escolhidas a dedo para combinar com cada momento.

Espero que gostem!

Para todas as garotas que já se apaixonaram pela melhor amiga.

Espero que a vida lhe mostre que o melhor final é aquele que escolhemos com o coração.

PRÓLOGO



PRÓLOGO

“Eu não quero você como melhor amiga

Só comprei este vestido para que você pudesse tirá-lo”

Dress - Taylor Swift

— Para de ser medrosa, só envia logo e pronto!

Brigo com Luana de brincadeira, e ela revira os olhos, jogando a cabeça para o alto.

— E se não der certo? E se eu passar vergonha? — ela, como sempre, retruca.

— E se der certo? E se você não passar vergonha? E se você arranjar o emprego dos sonhos porque você enviou esse bendito e-mail em vez de ficar enrolando por medo? — rebato.

Meus olhos vão direto para seus lábios, carnudos e brilhantes depois de ter passado *gloss*.

Respira fundo e, do nada, aperta o botão de enviar na tela do celular.

Grito em comemoração com os braços para o alto e ela ri, a risada mais linda que já escutei e que, felizmente, escuto desde que somos crianças.

— Se eu sair disso humilhada, a culpa será sua! — Faz beicinho e eu me aproximo dela.

— Tá, mas e se você conseguir, a culpa também será minha? — Levanto uma sobrancelha, e posso estar ficando louca, mas tenho quase certeza de que olhou minha boca também.

Não é algo que aconteceu só uma vez, e sim várias. Luana sempre está me olhando. Sei disso.

— E se a gente fizer uma aposta? — Sua voz baixa o tom, e ela morde os lábios enquanto dá um passo para mais perto de mim. Perto até demais.

— O que eu ganho se você conseguir o emprego?

— O que você quiser.

Acho que não estava tão louca assim!

— E se eu não quiser esperar um e-mail para ter o que eu quero?

Encaro seus lábios e diminuo a distância que existe entre nós. Estou perto o suficiente para sentir o cheiro do seu *gloss*. Luana faz charme, dando de ombros enquanto se aproxima tanto que o nariz quase toca o meu.

É assim que beijo a minha melhor amiga.

CAPÍTULO 1



CAPÍTULO 1

“Você pode beijar centenas de garotos em bares

Inventar uma nova desculpa, outro motivo idiota...

Boa sorte, querida”

Good Luck, Babe - Chappell Roan

Dois anos depois

Eu, com certeza, joguei pedra na cruz para estar dentro deste carro.

Tento focar na paisagem da estrada, em vez de nas vozes das minhas amigas cantando uma música de Maiara e Maraísa a plenos pulmões no banco da frente. Não faço ideia de como a Ana consegue dormir com a barulheira delas. Ela está até babando!

Não trouxe o fone porque essa viagem é “a última chance de passarmos um tempo juntas”, já que a Beca vai se mudar logo após o casamento. Elas parecem esquecer que a última vez em que passamos um tempo juntas, todas as cinco, já faz alguns anos.

É claro que jogo a culpa na rotina adulta que consome toda a nossa energia vital, mas o fato da Luana estar noiva de um cara que mal conhecemos também influenciou. No caso, *elas* mal conhecem, porque *eu* nunca vi esse cara na vida.

E eles namoram já tem dois anos. Coincidentemente, quase o mesmo tempo desde que me declarei para a minha melhor amiga.

— Você tá muito quieta, quer escolher a próxima música?

— Diana diminui o volume do som e se vira para trás, as sardas do rosto em evidência com a maquiagem que já virou sua marca registrada: bastante *blush*, cílios longos e muito iluminador.

— O que vocês escolherem está bom pra mim. — Forço um sorriso porque mesmo sem querer estar aqui, não vou estragar a viagem com meu mau humor.

— Ana, quer escolher? — Beca tira os olhos da estrada rapidinho para perguntar, mas quando checa por cima do ombro, encontra nossa amiga de boca aberta.

— Ela estava de plantão ontem. Deixa descansar, se não, não vai aguentar o final de semana de bom humor —

respondo para as duas no banco da frente e afasto a mecha loira escura do rosto da nossa amiga “desmaiada”.

— Tá, vou aproveitar que ela está no 13º sono pra ter uma conversa séria com você. — Beca agora desliga o rádio e fica quieta, criando um suspense no carro.

Olho para Diana, confusa, e ela me devolve um olhar incomodado. Com certeza já sabe qual é o assunto.

— Sei que esse é pra ser um final de semana especial, que o sonho da Lu desde criancinha era fazer essa viagem e viver momentos incríveis com as melhores amigas antes de casar e *blá-*

blá-blá... — Vejo Beca revirar os olhos pelo retrovisor antes de diminuir a marcha por causa de um caminhão muito devagar à nossa frente. Fico impressionada em como consegue dirigir de boa com essas unhas gigantescas. É como um dom. — Mas a gente não pode deixar ela se casar.

— Do que você está falando? — pergunto, ficando ereta no banco, incomodada com o assunto repentino e imaginando para onde ele vai.

— Bia, quem é esse cara? Tipo, acho que nem ela conhece ele. — Diana se vira para mim de novo, agora com todo o corpo. — Eu mesma já falei isso pra ela.

— Com essas palavras? — Rebeca pergunta, chocada.

— Não, mas sei que a Lu entendeu. Nós nos conhecemos, mas não o *conhecemos* de verdade. Você já viu ele? — Di continua virada para mim.

— Vocês sabem que não, e nem era pra eu estar aqui — respondo baixo, com vergonha. —

Só aceitei ser madrinha porque vocês me atazanaram com isso.

Esse assunto me atormenta há meses. Sei que a Luana me convidou porque quer se reaproximar, ela tenta isso desde o fatídico dia em que tudo mudou, mas eu não estou pronta para vê-la sem sentir desconforto e vergonha... Tudo bem que somos amigas de infância e também a amizade mais antiga do quinteto, mas é difícil. Sonhamos e brincamos de faz-de-conta com nossos casamentos desde que me entendo por gente. Sei cada detalhe que ela gostaria que tivesse em sua cerimônia e já a casei com o Jeremy Sumpter mais vezes do que posso me lembrar, já que revezamos quem era a cerimonialista da brincadeira.

Temos quase os mesmos gostos, ou então uma copiou a outra com o passar do tempo e acabou moldando o que queria na junção das duas. Nossos casamentos seriam de manhã, com muitas flores amarelas e um calorzinho gostoso de primavera.

Imagine minha surpresa quando recebi o convite e descobri que ela vai casar de noite e a cor principal é vinho.

A mudança com certeza veio após eu ter falado que estava apaixonada por ela e como resposta, recebi um *“não posso fazer isso, mas podemos continuar amigas”*.

Amigas? Como poderíamos continuar amigas se eu estava apaixonada por ela? *Estava*, no passado. Eu só não quero ficar próxima dela porque... Bom, porque não. Isso deveria bastar, acho.

— Até parece que ela não te chamaria pra ser madrinha só porque você passou quase 2 anos a ignorando! — Rebeca revira os olhos e respira fundo. Ela acha que estou exagerando e não tem muita paciência para como lidei

com a situação. — De qualquer forma, a Lu mudou muito. Acho que é culpa do João Pedro.

— Tá, e o que esse cara tanto fez? — pergunto, interessada no que ela tem a dizer. — Algo que o coloca naquele lugar de homem escroto que faz coisas pesadas?

— Não, se fosse algo assim eu já teria arranjado briga com ela e com ele! — Rebeca aperta o volante. — Mas eles não combinam, de jeito nenhum. Ele é chato, sabe? Chato mesmo. Não em uma ocasião, mas em todas. É estranho, fechado, não se esforça pra se aproximar nem da família dela. E ela está mais fechada também, mais quieta e na dela.

— Eu tenho juntado provas desde que comecei a achar esquisita. Foi logo que eles começaram a namorar. — Diana pega o celular.

Ela tem *prints* guardados para cada ocasião e os divide em pastas pensadas de forma tão estratégica que se qualquer pessoa tentar encontrar algo, não vai conseguir. Vou mandar o currículo dela para trabalhar na edição do *BBB*.

— Tudo começou quando ela não quis sair pra ir em um barzinho novo ali na Vila Madalena. Aquele dia que você foi comigo e detestou a comida, mas adorou a decoração,

lembra, Bia? — Diana completa.

— Calma, então você chamou a Luana pra sair com a gente aquele dia e não me avisou? —

pergunto, indignada.

— Você iria se soubesse que ela ia também?

— Não!

— Exatamente! — Diana dá de ombros e eu cerro os olhos.

Sei que elas ficam tentando me fazer encontrar a Luana mesmo sem eu querer. Afinal, é por isso que estou aqui, não? De tanto que me encheram o saco, acabei cedendo às suas tentativas.

— Vocês estão desconfiadas do cara porque ela não quis ir num barzinho? —Franzo a sobrancelha, achando esquisito o rumo da conversa. Não quero defender quem nem conheço, ainda mais o homem que vai casar com a Lu, mas para acusar alguém preciso pelo menos que os fatos façam sentido. Não sou injusta.

— Antes desse cara, quando foi que a Luana não topou sair com a gente, Bianca? Ainda mais sabendo que você ia?! — Rebeca a interrompe e meu coração acelera.

— E confirmou, tá? Ela desistiu em cima da hora. — Diana mostra o *print* da conversa.

— A Lu faz terapia porque não consegue dizer não para as pessoas, além de estar tentando se aproximar de você por muito tempo. Então, não acha estranho ela não ir? — Rebeca tem a voz firme. — *Ele* não deixou, mas não é um “não deixar” tóxico, é um falado com jeitinho e mudando os planos dela sem ela nem perceber que acabou recusando ver as amigas.

— E ela já falou alguma coisa pra vocês? — Aperto minhas têmporas. Pelo visto, perdi muita coisa nos últimos anos pelo meu medo.

— Não, mas depois disso continuou desaparecendo de vez em quando.

— Vocês já pararam pra pensar que, talvez, ela só esteja mudando a *vibe* dos rolês que quer ir? Passar mais tempo

com o noivo? Eles estão no período de “lua de mel” do relacionamento, em que tudo o que querem fazer é ficar juntos, não? — Faço careta, odeio pensar nisso e odeio defender ele, mas só consigo imaginar isso acontecendo já que depois do fora que deu em mim, ela tentou fingir que nada aconteceu e conheceu esse cara em seguida.

— Você está prestando atenção? — Diana exagera e me mostra outro *print*. Dessa vez, com uma foto deles e um grupo de pessoas que reconheço dos *stories* dela, mas não conheço de fato.

— Ela não sai com a gente, mas sai com os amigos *dele*, a família *dele*, tudo *dele*. O ciclo social dela está diferente por culpa dele e *ela* parece muito diferente. Vocês deveriam conversar, deixar o passado no passado e tentar entender.

— Estou prestando atenção. — Respiro fundo e tento ler a conversa do próximo *print* que me mostra. Não tem nada de mais, só a Lu recusando sair e explicando que vai fazer alguma coisa com o João Pedro, mas não consigo ler direito pela forma que a Di continua segurando o celular enquanto o carro balança. — Não acho que ela me escutaria, de qualquer forma. Nós duas... Ai, não sei. Por que vocês não falaram dessas “suspeitas” antes?

Tento soar blasé, como tudo o que faço que tem a ver com a Luana. Se consigo enganá-las ou não, é um mistério. Acho que não, mas finjo que sim.

— Porque só conversamos sobre isso lá no aniversário da Maju que vocês não foram. E tudo o que a Di pensava sobre ele, batia com o que eu penso — Rebeca responde pela Diana. As duas são inseparáveis, assim como eu e Luana éramos.

— O aniversário da Maju foi naquela balada horrível em Pinheiros no começo do ano? —

Franzo a sobancelha e tento ligar os pontos. Minhas amigas saem tanto e têm tantos amigos que fica difícil de acompanhar.

— Isso! O que você foi embora mais cedo. E, cara, a gente sabe que a Lu sempre teve

muitas expectativas nos relacionamentos e sempre quebrou a cara porque nada acontecia da forma que ela idealizava — Rebeca continua. — Então, aconteceu o lance de vocês, você ficou toda esquisita e se afastou. Logo em seguida, ela conheceu o João Pedro e ele meio que tinha os requisitos que todos queriam que ele tivesse e foi conveniente com os planos dela.

— Dela ou da família dela? Porque isso é ridículo já que *eu* estava lá. — Assumo em voz alta pela primeira vez desde o fora que levei e as duas ficam quietas, me dando espaço para falar.

Me arrependo assim que as palavras saem da minha boca, mas é difícil fingir que esse assunto não me irrita. — Quer dizer, que requisitos, sabe? Só se for ser um homem.

— Você sabe muito bem que gênero nunca foi um problema pra ela. — Di levanta a sobancelha para me tranquilizar com o rumo que a conversa está tomando. — É um problema pra família dela.

— Sei disso. — Tento não soar tão ríspida, mas depois que me assumi bissexual, a família da Lu meio que deu as costas para mim e isso foi péssimo. Uma vida toda com eles para, de repente, não passar de uma desconhecida. Ou pior, uma decepção.

— Não acho que ela ama ele de verdade. — Ana surpreende nós três.

— Você não estava dormindo, garota? — Rebeca briga e olha rápido para nossa amiga.

— Eu estava dormindo escutando Maiara e Maraísa, não fofoca. — Ela se ajeita no banco e passa a mão no cabelo para alinhar os fios finos. — Acho que é isso: conveniente com a expectativa de vida que ela e a família têm, o que está fazendo com que cometa um tremendo engano.

— De qualquer jeito, não acho que eles se encaixam na vida um do outro e esse é um fator muito importante. Tipo, *ela* parece se adaptar a ele, mas não tem aquele brilho no olhar de quando estamos apaixonadas. — Rebeca suspira.

— A Lu já me falou que ele é super carinhoso, mas eu nunca vi — Ana completa.

— Você me entende agora? — Di se vira para mim mais uma vez. — Não é normal suas madrinhas terem pé atrás com seu noivo, Bianca!

— Tá, então se vocês sentem tudo isso, por que não foram falar com a Lu ainda? —

pergunto com obviedade porque intervenções são comuns na nossa dinâmica.

Eu mesma já sofri pelo menos 15 intervenções durante a vida e a última foi quando quis comprar um óculos de grau caro na Chili Beans só porque achei que teria uma chance com o vendedor gato. Ainda bem que não comprei, porque ele era gay.

— Porque a gente não sabia como falar isso sem você. — Di dá de ombros, mas vejo a apreensão em seu rosto. Elas

sabem do que aconteceu, mas nunca conversamos muito a fundo sobre, além de tentarem fazer a gente se reaproximar o tempo inteiro. — E também a Beca começou a correria com a mudança e o novo emprego, eu estava envolvida em um projeto na agência que sugou minha alma, e a Ana... a coitada nem consegue respirar direito de tanto plantão que tem pegado. Olha pra ela, está pálida!

— Eu *sou* pálida! — Ana se defende fazendo careta.

— A gente até tentou sem você, mas ele fez o pedido de casamento no dia anterior da intervenção e não tivemos coragem de acabar com a alegria dela. — Rebeca solta um suspiro pesado. — Depois daquele dia, nunca mais conseguimos conciliar agendas e a gente não podia falar algo assim por mensagem ou por chamada de vídeo. Tem que ser cara a cara. E assim, eu não sei muito bem como falar que ela tá fazendo merda sem magoar.

— Por favor, não me digam que vocês querem fazer isso hoje. — Fecho os olhos porque sei que é isso que elas querem.

— Quando estaremos juntas de novo? O casamento é esse mês, eu vou me mudar e aí já era

— Rebeca finaliza e eu balanço a cabeça em negativa. — Bianca!

— Não.

— Tá todo mundo pensando o mesmo e guardando pra si, nós temos que avisar que ainda dá tempo de abortar a missão — Diana já me repreende, chocada.

— Olha, por mais que eu não vá com a cara desse sujeito sem nem ao menos o conhecer, e que seja super a favor de ser a motorista dessa fuga-

— Você não acha estranho que-

— Dá pra parar de me interromper, Diana? Meu Deus, parece a Denise da Turma da Mônica, alguém já te disse isso? — Reviro os olhos e respiro fundo. — Como eu estava dizendo: por mais que eu não vá com a cara dele, a gente não pode fazer isso hoje. Nem amanhã, antes que vocês sugiram. A gente se afastou e-

— Não foi bem porque *ela* quis, não é mesmo? — Rebeca pontua de forma firme.

— Ah, e eu tive escolha? Você queria que eu continuasse por perto agindo como se nada tivesse acontecido e como se eu não tivesse ficado magoada? — Esfrego na sua cara o que eu não queria falar.

— Não, eu queria que em vez de fugir, você desse uma oportunidade pra conversar com a Lu sem destruir a amizade. Ela está mais do que disposta pra vocês se reaproximarem, mas você insiste em-

— Eu estou aqui, não estou? — corto. — E o assunto nem é esse, por que você insiste em querer falar disso?

— Porque senão você vai passar uma vida inteira se arrependendo dessa decisão. Você nunca se perdoaria se não viesse! E outra, você acha certo deixarmos ela casar com alguém que não ama? — Diana finaliza por Beca.

— Eu não estou falando que nada disso é válido, porque é! Concordo com vocês, juro que concordo. Se ela está esquisita e vocês todas acham que precisamos de uma intervenção, então bora! A Lu viveu a vida toda seguindo um roteiro idiota e aceitando tudo o que propunham, se contentando com qualquer pequena merda que acontecia porque é óbvio que ela não consegue escolher as coisas por conta própria. Acho que a intervenção deve ser feita,

mesmo sem falar com ela há anos, mas *não esse fim de semana* — concluo firme para elas me entenderem e não agirem como adolescentes teimosas da forma que todas agimos quando colocamos algo na cabeça. Da forma como venho agindo nos últimos anos. — Vamos tentar ser razoáveis, tá bom?

E assim uma falação começa. Não consigo entender 100% de nada do que sai de suas bocas.

Rebeca diz que é um absurdo que a gente fique quieta, Diana procura outros *prints*, cita mais situações em que a Luana agiu esquisita, o que, para ela, é uma grande *red flag*. Ana fala que o João Pedro usa sapatênis e não dá para confiar em homem de sapatênis.

Concordo com ela.

— Que caralho! Nós temos 15 anos? — grito mais alto para elas ficarem quietas e funciona.

Elas sempre me escutam no final das contas porque eu sou a mais pé no chão do grupo. A *chata*.

— Casar sempre foi o sonho da Lu e ter uma despedida de solteira com suas melhores amigas, todas adultas e independentes, igual vemos nos filmes. Por mais que vocês possam ter razão, isso deveria ter sido feito *antes* dessa viagem. Poxa, meninas, ela alugou um chalé pra gente em Campos do Jordão, o que deve ter sido caríssimo, e encomendou *looks* personalizados. Tenho certeza que o chalé vai estar decorado e preparado com todo o carinho. Por mais que siga um roteiro de terceiros, eu sei que esse é o sonho dela e não quero ser a responsável por estragá-lo.

Não quero que nenhuma de nós sejamos, pra falar a verdade.

— Também tem o problema de: a gente falar o que pensa, brigarmos, e em vez de ela

conversar com a gente, se fechar e não contar mais nada da vida dela. — Ana fala baixo e eu concordo.

— Ela tem mania de se fechar mesmo... — Diana murmura, sem querer dar o braço a torcer.

— Mas vocês deveriam tentar se reaproximar, Bia... Acho que seria bom.

— A gente dá um jeito de nos encontrarmos antes do casamento e então fazemos a intervenção. — Ignoro o que diz. — Mas vocês estão proibidas de falar qualquer coisa que estrague essa despedida pra sempre. Estamos entendidas? — Finalizo a bronca como uma mãe falando com suas crianças.

As três retrucam baixo. Ana se acomoda escorada na porta e fecha os olhos de novo, fugindo do embate. Diana volta a mexer no celular, injuriada por ser contrariada, e Rebeca fica com os olhos fixos na estrada.

Será um final de semana *ótimo*.

CAPÍTULO 2



CAPÍTULO 2

“Achei que você era tudo o que eu poderia sonhar

Mas você gosta de meninos e você não gosta de mim”

I Wish You Liked Girls - Abbey Glover

E eu estava certa, Luana se superou no aluguel do chalé.

Não paramos de subir a montanha até chegar na frente de um portão de madeira cheio de trepadeiras que davam a volta em todo o muro. Ao entrarmos com o carro, nos deparamos com vários chalés distantes um do outro e muito maiores do que eu esperava.

O nosso foi fácil de achar, já que estava com a entrada toda enfeitada com as flores favoritas da Lu: gérberas. E enquanto Beca se prepara para estacionar, me preparo para viver os próximos dias.

Antes da conversa que tivemos no carro, eu estava com medo de vir e ter que olhar para ela como a garota superada que não se abala, quando, na verdade, sou um gatinho medroso que foge há muitos meses. Agora preciso segurar essas malucas de uma intervenção enquanto processo tudo o que escutei no carro sobre a Luana ter mudado tanto. Pelo menos se eu focar minha energia nelas, não preciso pensar no restante das coisas, como nos meus sentimentos.

Que não existem mais, é claro.

Rebeca desliga o carro e nós quatro nos olhamos em clima de funeral — e não de despedida de solteira.

— Não vamos brigar... — A voz de Ana sai baixa e ela morde os lábios.

— Não vamos. Tá tudo bem, não tá? — pergunto para Rebeca, a mais explosiva de nós.

— Sim, tudo bem. — Beca força um sorriso e concorda, depois joga o cabelo comprido por cima do ombro e retoca o *gloss* no retrovisor.

— Certo, então chega de cara fechada porque a Lu já viu a gente. — Diana segura a maçaneta e, com a cabeça, aponta em direção ao nosso chalé.

Assim que abre a porta, escuto os gritinhos animados dela, seguidos pelo das outras duas ao também saírem. É isso, não tem mais volta. Aproveito que elas correm em direção ao chalé e a Lu, para ficar sozinha uma última vez.

Meu coração está blindado, eu não cometo os mesmos erros.

É o mantra que repito em minha mente sem parar, uma tentativa vã de me convencer de que superei a Luana porque, no instante em que vou até o porta-malas, meus olhos a encontram e eu derreto.

Ótimo, estou lascada.

Luana está mais bonita do que jamais estive. Seu cabelo está mais cacheado do que da última vez que a vi e com um corte que o deixou bem volumoso, apesar de continuar longo. A

saia curta destaca as coxas desnudas e meu coração dispara tão forte que faz meu corpo inteiro vibrar. Noto uma tatuagem nova em seu antebraço, perto da borboleta que fizemos juntas, e meu estômago se contorce de ciúmes. Não faço ideia do que seja, mas só de pensar que ela pode ter feito uma tatuagem com outro alguém e perto da *nossa*, me causa mal-estar.

Isso ou o fato dela estar cada dia mais bonita, merda!

Seus olhos castanhos e pequenos encontram os meus e o sorriso mais lindo de todo o mundo se abre em minha direção.

— Preparada pro melhor final de semana de todos? —
Diana dá alguns pulinhos no lugar, tão feliz que se eu não a conhecesse, acharia que estava mentindo com base no clima que estava no carro, mas sei que é genuíno.

— Vocês que não estão preparadas pra tudo o que planejei para fazermos! Inclusive, as bebidinhas já estão todas prontas e a receita foi desenvolvida pelo Edu só pra nós —
Lu responde e joga o cabelo para trás de forma metida, e as outras fazem um sonoro “uuuh” para acompanhar.

— Deus abençoe o Edu! — Beca grita com os braços levantados para o céu e Ana, sem graça, pede para ela parar.

Mais uma boba apaixonada pelo amigo, mas Ana foi mais esperta que eu e não estragou tudo expondo o que sente em voz alta. Edu é o típico homem hétero que não consegue ver o que está debaixo do seu nariz, ou seja: prefere ficar com um bando de guria que irá descartar em uma semana, do que investir em algo duradouro. Porém, não podemos reclamar do jeitão dele, já que não ilude ninguém e é um ótimo amigo para todos, principalmente para a Ana e, pelo que sabemos, sem segundas intenções. Só amizade.

— Deixa as malas aí, depois a gente pega! — Diana vai em direção à escada do chalé e segurando na mão de Rebeca.
— Está na geladeira?

— Em cima da mesa! — Lu responde, acompanhando elas.

— Beca! — grito e ela para no meio da escada. — Abre o porta-malas!

Ela puxa a chave do bolso e aperta o botão que o abre, fazendo um barulho alto. Lu para no meio do caminho e, para minha infelicidade, começa a caminhar para perto do carro.

— Tem presente pra vocês na mesa, pode abrir! — grita.

Merda, merda, merda!

Ela vindo em minha direção me deixa maluca. Devia ter ido com as outras para evitar ficarmos sozinhas. Quase me escondo naquele mundo de malas no bagageiro e enfio metade do meu corpo ali, enquanto procuro pela minha única bolsa. A encontro jogada no fundo, e preciso tirar sacolas e bolsas das outras três para o lado, a fim de puxar a minha para frente. A mala vermelha é nova, comprei só para a viagem porque não queria usar minha velha rasgada que já viajou tantas vezes comigo e a Lu.

Procurro nos bolsos o maço de cigarro e o isqueiro, quando escuto passos próximos demais.

— Oi. — A voz doce me arrepia e só posso agradecer por estar com o cigarro em mãos.

Tenho algo para fazer e disfarçar.

— Oi. — Forço um sorriso e me viro para ela, que está mais perto do que eu esperava.

Luana parece não se importar e me dá um abraço forte.

Quando nossos corpos se tocam, aquele arrepio percorre meu corpo de novo. Não diria que está tão ansiosa quanto

eu, mas sei que não está normal, porque suas mãos tremem de leve. Ou estou tremendo e não notei até agora.

Abraço de volta e ela relaxa um pouco. Lu está muito cheirosa e fecho os olhos para aproveitar o aroma doce do seu cabelo, assim como a maciez do seu corpo voluptuoso. Puta merda, eu senti muita falta dela.

— Que bom que você conseguiu vir. A Di disse que você ia tentar uma folga, foi muito difícil? — pergunta, gentil, e dá um passo para trás. Não queria que se afastasse.

E eu tinha certeza que a havia superado. Uma boba. Se tivesse não estaria tão desesperada para fugir dessa forma.

— Talvez eu tenha que responder alguns e-mails e fazer ligações hoje, mas nada que vá atrapalhar sua despedida, pode ficar tranquila.

— Você nunca atrapalha. — Até o piscar de olhos dela parece existir para me fazer sofrer.

Mas falar algo assim é cruel. Sei que ela não teve maldade, ou espero acreditar nisso, mas meu coração esperançoso e apaixonado logo pula uma batida só de pensar em outra possibilidade.

Tento notar algo diferente em seus olhos como as meninas falaram, mas tirando o fato de ter uma leve olheira escondida em seu rosto e aparentar estar mais madura, ela parece feliz.

— O chalé tem *wi-fi*, te passo a senha pra poder trabalhar em paz.

— Obrigada. — Coloco o cabelo atrás da orelha e ela observa o movimento.

— O que deu em você pra cortar tão curto? — pergunta, jogando conversa fora, inventando motivo para não ficar um clima estranho entre nós.

Não gosto disso, como ela consegue fingir estar tudo bem com tanta facilidade e como quer se aproximar de novo. Não parece arrependida, ou melhor, é óbvio que não está arrependida!

Caso contrário não estaria de casamento marcado. Sei que fugi nos últimos anos e que ela até tentou se reaproximar algumas vezes, mas... Ai, sei lá.

Dois anos atrás, antes de toda a nossa confusão, eu perguntaria na sua cara o que está rolando, se ela gosta mesmo desse cara e se quer casar. Faria ela tomar juízo e se esforçar para resolver seus problemas imaginários porque, sim, ela mesma que inventava sobre o que sofrer.

Hoje eu não quero causar desconforto algum, então decido manter o que pedi para as meninas, não ser hipócrita e não revirar o passado agindo como a antiga Bianca.

— Ah, enjoei da minha cara e achei que estava na hora de fazer uma mudança. — Passo a mão mais uma vez no corte chanel e ajeito a franjinha que acabou ficando um pouco curta demais.

— Ficou ótimo, combinou com você. Parece como a sua mãe cortava quando éramos crianças, só que moderno.

— E nada torto, espero! — Dou risada ao lembrar de como minha mãe insistia em cortar meu cabelo sozinha e como sempre ficava horrível. Por isso passei a adolescência e o início da minha vida adulta deixando o cabelo crescer, mas acredito que uma hora ou outra, a gente acaba voltando para os padrões da infância e senti necessidade de cortar.

— Não está nem um pouco torto, pode ficar tranquila! — Luana ri também e, por um breve segundo, nada parece ter mudado. Até que esse ar inesperado da familiaridade desaparece tão rápido como chegou, e nós ficamos sem graça. Ela aponta para a minha mão. — Você pode fumar lá dentro, se quiser. Quer dizer, no deck! Arrumei um cantinho com cinzeiro pra você.

Uau, que romântico. Seria fofo se não fosse trágico.

— Obrigada — agradeço e não sei mais o que falar. Odeio como deixamos tudo ficar tão estranho entre nós.

Coloco o maço de volta no bolso da mala e a jogo por cima do ombro, então fecho o porta-malas e, juntas e em silêncio, caminhamos até o chalé. O momento quieto não se estende por muito tempo já que, no começo da escada de madeira, conseguimos escutar os gritos de nossas amigas escandalosas. Assim que passamos pela porta, as encontramos com robes de cetim escrito

“time da noiva” nas costas e óculos de sol combinando.

— Amiga, eu amei! — Diana diz animada para Lu e dá uma voltinha para mostrar o *look* fazendo biquinho. Ela é a mais baixa de nós e mesmo assim o robe serviu certinho. — Que luxo, juro! Está muito chique!

— Comprei lá no Brás, boba. O dinheiro mesmo foi todo pro casamento. — Escutá-la falar do casamento, ao vivo e pela primeira vez, é estranho.

Como uma faca sendo enfiada no meu estômago.

E pensar que um dia me imaginei casando com ela, ou que pelo menos fosse estar envolvida nesse tal casamento. Minha cabeça de repente gira, é estranho pensar no que

poderia ter acontecido se Luana não tivesse fugido na primeira oportunidade.

— Você arrasou! — Beca completa e Ana pega a jarra para servir o drink especial nas taças, todas de um vidro vermelho-escuro que poderia ser lindo, se eu não soubesse que aquela é a cor tema da cerimônia da Lu.

Sim, estou de birra e não ligo.

Coloco a mala em cima do sofá e sigo Luana até a mesa central do chalé, onde tem uma enorme tábua de frios e uma sacola de presente com o meu nome.

Ana entrega as taças cheias para cada uma de nós enquanto elogia o lugar, que é mesmo lindo. A sala é ampla e integrada com a cozinha, tudo em madeira e aconchegante. Muitas plantas e decorações nas paredes. Uma mistura do industrial com o rústico, eu amei.

— Vamos, a noiva precisa dizer algumas palavras antes de começarmos com os trabalhos, não acham? — Beca levanta a taça.

— O que vocês querem que eu fale? — Lu ri sem graça e então olha para o teto, pensando por um momento. — Tá, quero agradecer por serem minhas melhores amigas e por estarem aqui, mesmo sabendo que não é sacrifício nenhum pra vocês viajarem pro interior, com muita bebida!

Lu faz todas darmos risada.

— Ela não mentiu, sabe? — Faço uma careta e Diana joga uma uva verde em mim. — É

sério, não sei como vocês não vieram bebendo!

— Ei, eu estava dirigindo! — Rebeca se defende e finge estar ofendida.

— Menos você, é claro! — Pego a uva jogada em mim e jogo em Beca, que ameaça revidar, mas desiste. Ela não está brava comigo, que bom.

— Certo, não quero ser muito sentimental, então: obrigada!

— Lu levanta a taça e dá um gole, e todas nós a acompanhamos. — Eu já programei todo o nosso dia, então agora cada uma vai pro seu quarto se trocar porque teremos canapés, bebidinhas e muita música na jacuzzi com hidro!

— Já falei que te amo? — Beca vira todo o conteúdo do drink de laranja e coloca a taça na mesa.

— Como ficou a divisão dos quartos? — Ana pergunta com a voz baixa e come um pedaço de queijo.

— Temos só dois quartos, então pensei em você ficar comigo na suíte e as três dividirem o outro quarto — Lu pontua com simplicidade e eu concordo com a cabeça, por dentro estou aliviada.

— A suíte é cama de casal? — Ana pergunta, curiosa, e Lu confirma. — Então, acho melhor mudarmos.

Levanto a cabeça em alerta.

— Ué, por quê? — Lu franze a sobrancelha, confusa.

— Tenho me mexido demais dormindo, prefiro dormir em uma cama de solteiro. É culpa dos plantões, estou agitada! — Ana se justifica.

— Tudo bem, então a Di dorme comigo, pode ser? — Lu pergunta, preocupada.

Sei o que elas estão fazendo e, agora, só quero acabar com cada uma delas.

— Não dá, a Di está tomando um remédio de madrugada e eu tenho que acordar ela para dar. — Rebeca dá a desculpa mais esfarrapada que já vi na vida.

— Ué, e quem faz isso na casa dela, já que ela mora sozinha? — Cruzo os braços, desafiando-as na mentira deslavada que estão contando.

— Eu acordo e ligo pra ela toda madrugada, não tem por que atrapalhar nossa noivinha com uma ligação no meio da madrugada! — Rebeca dá de ombros, a melhor mentirosa do grupo. Que ódio.

— Então fica assim, eu, Ana e Beca no quarto, e vocês duas na suíte, pode ser? — Diana sorri, bem falsa.

Quero apertar o pescoço delas por transformar o *plot* de só tem uma cama em algo muito real e que eu não queria viver.

— Tem problema por você? — Lu se vira para mim, preocupação escorrendo de seus olhos.

Me vejo sem saída. É óbvio que vejo problema em deitar em uma cama com a mulher que ainda mexe muito comigo. Mas não vou ser desagradável, e muito menos arranjar confusão. São só duas noites, eu dou conta.

— Problema algum. — Aperto os lábios em um sorriso e Lu solta os ombros, aliviada.

— Então, nos encontramos no deck em 15 minutos? — Lu dá as coordenadas e começa a andar em direção às escadas. — Venham, vou mostrar onde são os quartos.

— Sim, senhora! — Di responde e a segue, não sem antes se virar para mim com o sorriso mais sacana de todo o universo e eu a xingar de todos os nomes possíveis sem som, o que a fez dar uma risada silenciosa.

Ana a acompanha e eu fico ali, parada como uma boba com a taça na mão, processando o que acabou de acontecer.

Rebeca olha para mim e levanta uma sobrancelha. A chata com certeza vai falar alguma coisa que vou ter que me esquivar. Ela se aproxima bastante, olha bem no meu rosto. Finjo que está tudo bem, porque é o que sei fazer de melhor, e dou o último gole na minha bebida.

— O que foi? — pergunto como quem não quer nada.

— Nada. — Beca se afasta. — Está tudo bem, né?

— Por que não estaria? Será que talvez seja porque vocês armaram uma emboscada pra mim? — Continuo fingindo que não tem nada acontecendo.

— Se não fizéssemos isso, você iria fugir da Lu a viagem toda, e vocês precisam conversar.

Sem ser sobre nossa intervenção, mas sobre vocês.

— Eu não quero falar sobre isso.

— Não precisa ser *exatamente* sobre o que aconteceu, mas vocês sempre tiveram uma amizade bonita demais pra deixarem morrer. Ela deu o primeiro passo várias vezes e você fugiu.

É sua primeira vez dando uma oportunidade, então abra esse coração e deixe-a entrar de novo.

Tá bom?

Beca fica esperando por minha resposta, então concordo com a cabeça, só para ela ir e me deixar em paz. Suas palavras ecoam na minha cabeça, mas antes que eu possa pensar em mais algo, ela diz:

— Você vai na jacuzzi, né?

— Vou, só vou lavar isso aqui antes pra não nos preocuparmos depois. — Aponto para as taças na mesa, inventando uma desculpa para não ficar no quarto sozinha com Luana, já que ela deve estar se trocando.

Vai ser estranho demais.

— Tá bom, trouxe biquíni?

— Trouxe, mãe! — retruco e recebo uma careta de volta, então sou deixada sozinha na sala para me preparar e fazer sala fingindo estar tudo bem enquanto a ideia de dormir na mesma cama que Luana assenta em minha mente.

Que ótimo!

CAPÍTULO 3



CAPÍTULO 3

*“Por mais que eu tente lhe dizer o quanto eu sinto por você
Como é possível não saber que eu te quero”*

Por mais que eu tente - Marjorie Estiano

Enrolo o máximo possível para ir até o quarto, tudo para não ficar muito tempo sozinha com a Lu com as portas fechadas. Já basta a noite inteira que passaremos juntas.

Quando vejo as três descendo as escadas, animadas e me chamando para ir logo, finjo secar minha mão no pano do lado da pia, pego minha mala e então subo. Tem só duas portas no segundo andar do chalé, as duas encostadas, então preciso espiar dentro para saber qual é meu quarto.

O primeiro é o das meninas, as malas estão em cima das duas camas, uma de casal e outra de solteiro. Parece que um mini furacão já passou por ali. Então vou em direção ao segundo quarto, o que será meu tormento pelos próximos dias.

Luana deixou suas coisas arrumadas do lado esquerdo da cama, um claro recado de que o lado direito é o meu. Eu seria boba por achar que ela tinha se esquecido disso, se é o lado que ela sabe que gosto desde que somos crianças. Me arrumo rapidinho, sem dar margem para minha mente me pregar peças, coloco o biquíni e o robe novo por cima para então seguir em direção ao som de funk e risadas no andar de baixo.

É claro que Beca e Diana gritam quando me veem chegando para a festinha, e a atenção das três me constrange.

— Aleluia! — Diana ri. — Tira esse negócio e vem aqui!

Obedeço de forma tímida, colocando o celular, o maço de cigarro, o isqueiro e o robe em cima de uma espreguiçadeira vazia, para poder me juntar a elas. Procuro por Luana, mas sem querer perguntar onde ela está para

não dar margem para piadinhas ou olhares das minhas amigas enxeridas.

Beca usa um biquíni meia taça com *hot pants* e dança um funk pesado que nunca ouvi na vida, mas que cada vez que presto atenção nas letras me faz abrir a boca em puro choque, e é claro que Diana escolheu a *playlist*. Segundo ela, nós somos desatualizadas porque paramos de ir às baladas com ela. Não sei como Diana aguenta, com quase 30 anos, virar a madrugada nas mais diferentes baladas de São Paulo, porque esse pique, nem Rebeca, sendo sua fiel escudeira, tem mais. Ela só acompanha a melhor amiga de vez em quando e, mesmo assim, Di está lá, firme e forte.

— Achou, amiga? — Ana se apoia na borda da hidro e eu acompanho seu olhar, só para encontrar Luana levantando uma garrafa de vinho rosé geladinho e sorrindo.

Juro que tento não abaixar o olhar, mas é impossível quando Luana parece querer acabar

com o meu juízo ao usar um mini biquíni como aquele.

— Prontas pra começar a festa? — Ela agita o vinho no ar e então se vira para nós, rebolando a bunda na minha cara e fazendo um quadradinho.

Quer dizer, não na minha cara, mas na minha direção. Na *nossa* direção. E pode até não ser de propósito, mas para mim é como se o universo estivesse me testando a cada segundo. Como pode? Dois anos sem vê-la e ela ainda mexer comigo dessa maneira? Se não é com o sorriso absurdamente lindo, é sendo uma gostosa seminua.

Imagine ela sem roupa.

Não! Que horror, Bianca. Parece um hétero que nunca viu mulher na vida!

O único defeito do seu biquíni enfiado na bunda e a cortininha envolvendo seus seios é a cor: vinho. Tudo agora tem que ser dessa cor?

Luana sempre foi colorida e alegre. Gostava tanto de brincar com as estampas, que era um pavor quando eu precisava dormir em sua casa sem ter levado uma muda de roupas. Apesar de achar todas as peças lindas, nunca pareceram se encaixar em mim. Quando me olhava no espelho com um de seus vestidos estampados, parecia até o reflexo de outra pessoa. Eu estava linda?

Provavelmente, sim, mas naquela época eu ainda não havia trabalhado minha autoestima. Isso foi pauta da minha vida só nos últimos meses.

Parece que preencher o mundo de cor sempre foi o papel da Lu, o meu era ser a melhor amiga sem paciência da protagonista. Aquela que a gente não vê a vida porque a câmera só mostra o que importa, mas que está sempre a postos na coxa para entrar em cena quando a mocinha chama. Apesar de ter certeza que o mundo não nos via assim, com ela ao meu lado eu me sentia um pouco protagonista também.

O lado bom era que, quando adolescentes, eu via a Lu de biquíni e não a achava uma gostosa, e agora vendo esse monumento na minha frente, fico até desconfortável em saber que levei um fora e, mesmo assim, ainda bato palmas para ela. E não digo com as mãos.

É difícil superar alguém que esteve do seu lado sua vida inteira e que, mesmo na hora do fora, foi tão legal e gentil que não te deixou nem espaço para a odiar em paz.

Luana podia ao menos ter me feito esse favor.

— Vocês nunca vão adivinhar quem vi perto do trabalho esses dias. — Diana abaixa o som e ajuda Luana a servir todas nós, criando o suspense que tanto ama fazer.

— A Paula? — Luana dá um chute e Di nega.

— A Gabi! — Ana sugere, com certeza.

— Nossa, vocês são péssimas em adivinhar. — Di revira os olhos.

Lu se aproxima para me servir. Dá um sorrisinho de lado, e eu posso jurar que seus olhos caem no meu busto, ou então no meu biquíni azul-escuro com estampa de constelações.

— Ué, você não encontrou com ela e o Mal tem uns dias? — Rebeca questiona.

— Sim, no cinema. Inclusive, eles falaram que a Filha de Romeu vai para um lugar maior em breve, juro! Bem grande, mesmo!

— Que legal! — Tiro minha atenção de Luana, porque essa é uma ótima notícia de amigos distantes, mas queridos. — Ela merece crescer o negócio mesmo.

— Ela continua escrevendo cartas, então? — Ana pergunta.

— Uhum, está com uma coleção original de produtos na loja e acabou de fechar mais uma parceria com uma floricultura nova — Di completa, a voz cheia de orgulho da nossa amiga que, desde nova, teve coragem para insistir em seu sonho.

— Vocês acabaram de me dar uma ideia, sabia? — Luana olha pro alto, pensativa. — Eu tô com um pouquinho de

dificuldade de escrever meus votos, posso pedir para ela fazer por mim.

É inevitável a troca de olhares que damos umas para as outras. O primeiro sinal ao vivo de que tem algo errado. Tá, é claro que esse é o trabalho da Gabi e que muita gente pede para ela escrever os votos ou qualquer outra carta que quiserem, mas estou em alerta desde a conversa no carro e quando estamos assim, tudo é motivo.

— Acho que é algo muito pessoal pra pedir pra ela, não acha? — Não consigo evitar me meter e franzo a sobancelha. Luana fica constrangida com a minha reação, porque morde os lábios e abaixa a cabeça para disfarçar.

Os votos deveriam ser um momento especial de declaração pela pessoa que vai estar do seu lado o resto da vida e eu conheço ela. Ou pelo menos conhecia, porque a antiga Luana *nunca* deixaria outra pessoa escrever os seus votos. É um dos momentos mais importantes em uma cerimônia, segundo ela, então como terceirizar algo que é o que deveria ter mais peso em seu coração?

— Mas esse não é o intuito da Filha de Romeu? Ajudar pessoas a colocar sentimentos em palavras? — Rebeca defende a ideia de Luana, disfarçando o desconforto que surgiu em todas nós. — Eu acho uma ótima ideia e ela arrasa nas cartas que escreve. Acho inclusive que você deveria ver se ela terminou o curso de cerimonialista e a contratar pra celebrar o casamento.

Imagina? Com certeza, todo mundo ficaria emocionado.

Incrível. Quando falei para Rebeca não falar nada sobre a intervenção durante essa despedida, não imaginei que ela iria fingir tanto a ponto de apoiar a Luana com a ideia para escrever seus votos para o cara que ela espera que a amiga não case.

Deveria ser atriz em vez de programadora.

— Já contratamos o cerimonialista, é um conhecido da família do João Pedro. — Luana coloca firmeza na voz e levanta a cabeça em minha direção, quase como se me enfrentasse. O

que é engraçado, porque essa “bronca” que deu, só me acendeu mais um alerta na cabeça. — Já até tivemos algumas reuniões pra ele saber um pouco da nossa história.

— Tá, parem de fugir do assunto e, não, não encontrei nenhuma mulher. Eu estou falando de macho! Vamos, chutem!

Di corta a conversa e volta ao assunto inicial. E lá vamos nós, passar pelo menos dez minutos tentando adivinhar de quem ela quer fofocar e errando só para escutarmos outras fofocas nada a ver com a que ela queria contar em primeiro lugar. Porque é claro que a gente vai se perder no assunto se tiver fofocas boas o suficiente para discutir, mas não consigo parar de pensar na conversa do carro e nos dois sinais claros que Luana acabou de nos dar de bandeja.

Escuto meu celular vibrar e olho para a espreguiçadeira, mas ignoro. Assim que me viro para o grupinho, para prestar atenção na nova fofoca do momento, encontro Luana me observando.

Me constranjo, mas finjo que não me importo com a atenção que ela dá a mim e tento entender a história absurda que Diana está contando. Luana continua me olhando, agora de canto de olho. Sei porque é aquela sensação horrível de que tem alguém prestando atenção em você e quando me viro na sua direção mais uma vez, ela desvia o olhar.

Que isso, vamos ficar de cão e gato agora?

Minha barreira parece ter se levantado mais uma vez e sinto vontade de perguntar se tem algo de errado comigo, mas fico em silêncio. Entro no modo Bianca amiga feliz que não se importa nem um pouco com a situação atual. Está tudo bem, tudo normal. *Mesmo não estando.*

Meu telefone toca de novo, dessa vez Ana percebe e olha em direção às espreguiçadeiras também.

— Acho que tem um telefone tocando... — ela nos alerta e todas param a conversa para

escutar e ter certeza.

— É o meu, deve ser o insuportável do Sérgio — retruco revirando os olhos e me levanto, com toda a atenção em mim enquanto saio da hidro.

É uma boa oportunidade para fugir um pouco de perto da Luana e seus olhares estranhos.

Procuro qual é a minha toalha entre as que estão dobradas na espreguiçadeira e a encontro com o meu nome bordado. Sim, a toalha também é vinho e o bordado em dourado.

Não é possível que ela tenha mudado tanto assim em dois anos, ou é? Vejo aquelas *trends* on-line “da água pro vinho” em que as pessoas postam fotos do seu antes e depois, mas na maioria das vezes tem a ver com mudanças no nosso exterior. Luana parece a mesma, se você não prestar atenção nesses detalhes escondidos.

— Não é esse o cara que você falou que ia ser demitido e você ia ficar com o cargo dele? —

Diana e sua mente de titânio que não esquece de nada, pontua.

— É, ele conseguiu fechar contrato com uma marca enorme de preservativo e “não importa se ele é abusivo com os colaboradores e não é um bom chefe, ele traz resultado pra empresa”. É

claro que o RH não disse com essas exatas palavras, mas foi o que deram a entender quando questionei sobre a mudança de planos. — Abro um sorriso falso e cansado, e todas elas sentem por mim, até mesmo Luana, que não sabia da possível promoção. Pelo menos não da minha boca, já que descobri que Diana tentava armar nosso encontro, talvez tenha contado essas coisas sobre mim.

— Sinto muito, amiga... — Rebeca me consola e eu me seco pelo menos um pouco, enquanto o telefone continua tocando.

Ele não cansa.

— Tá tudo bem, uma hora a casa dele cai. Ou arranjo um emprego melhor. Até lá, vou ter que atender essa ligação.

Vou até o bendito celular que não para de tocar e quando o pego, encontro seis chamadas perdidas, vários novos e-mails e algumas mensagens. Ótimo. Respiro fundo e, com a toalha amarrada na cintura, deixo-as para trás, entrando no chalé.

Vou direto nas mensagens para tentar entender o que está acontecendo, não quero ter que ligar para aquele otário. É muita incompetência para uma pessoa só e eu não estou a fim de ter que lidar com ele agora. Leio os primeiros e-mails e pelo visto não vai ter como não me estressar com ele.

— Tá tudo bem? — Dou um pulo de susto, porque não vi Luana chegar.

— Que coisa, garota! — Coloco a mão no peito e ela tenta esconder o riso pelo meu gritinho. — Vai me matar assim!

— Desculpa... — Ela ri mais um pouco e é impossível não rir com ela.

Lu passa por mim e vai até a cozinha, acalmo o coração enquanto a vejo abrir a geladeira e sumir da minha vista. Volto a atenção para as mensagens, só para descobrir que o Sérgio “tão competente” arranhou um problemão só porque não consegue encontrar os documentos-base de orçamento do projeto sozinho. Documentos esses que enviei dias e dias atrás e ele já deveria ter olhado e aprovado. Depois ainda tem a cara de pau de culpar terceiros por atrasos nos prazos quando *e/e* não faz o que deveria fazer.

Homens brancos, héteros e velhos, não é mesmo? Mais preocupados em trair a esposa com a secretária do que em trabalhar. Típico e não esperava nada de diferente.

Escuto Luana reclamar de algo e minha atenção volta em direção a ela na cozinha, mesmo que não consiga ver nada além do seu cabelo volumoso e suas costas.

— O que você está fazendo aí? — murmuro baixo para mim mesma e sinto meu celular

vibrar na mão.

Sérgio está me ligando de novo. Penso se devo atender, mas quando escuto Luana reclamar mais uma vez, desisto. Ele que se vire e procure sozinho. Hoje não estou a fim de lidar com homens incompetentes.

Bloqueio a tela do celular e o jogo no sofá, sem querer obedecer meus pés que estão indo em direção a cozinha.

O que sinto por ela não esteve sempre ali. Claro, sempre a amei como amiga e isso é inegável, mas não sei bem ao certo quando tudo mudou. Talvez tenha sido depois de um dos pés na bunda que levou e veio me pedir consolo, ou depois de uma das tardes incríveis que passamos juntas inventando novos *workshops* com vinho para fazer, mesmo que a gente se embebedasse mais do que aprendêssemos algo.

Em algum momento, entre uma amizade forte e o dia a dia, eu olhei para Luana e quis beijá-la. E depois que nos beijamos pela primeira vez, tudo mudou para mim. Enquanto ela preferiu fingir que nada aconteceu.

CAPÍTULO 4



CAPÍTULO 4

“Você sente o mesmo? Tenho medo demais de dizer

Metade das coisas que faço quando te imagino”

Picture You - Chappell Roan

— Por que você está reclamando tanto? — pergunto e inclino sobre o balcão da cozinha para vê-la sentada do

outro lado, mas Lu dá um pulo acompanhado de um grito com a minha aparição.

— Caramba, o que é isso, o troco do susto que eu te dei? — Ela coloca a mão no peito e olha para cima, a fim de me encontrar. A toalha está esticada no chão, vejo suas coxas firmes enquanto senta com a perna de borboleta assim como uma criança. A parte de baixo da geladeira está aberta e cheia.

O que ela espera, uma festa para cem pessoas ou só nós cinco?

— Achei que merecia uma revanche. — Dou de ombros e ela concorda.

— Muito engraçadinha — debocha e me encara por alguns poucos segundos. — Já resolveu o problema no trabalho?

— Não, decidi deixar que ele resolva sozinho.

— Você não falou que iria estar disponível pra a empresa hoje? — pergunta, preocupada.

Nós duas sempre levamos nossos trabalhos muito a sério, mas no último ano sinto que estou o tempo todo andando em círculos. Quero fazer mais, aprender mais, conquistar mais e tenho minhas oportunidades negadas.

— Para emergências, não para a incompetência dele. O que ele pode fazer, certo?

— Te demitir? — Ela faz uma careta e ficamos em silêncio por um momento, escutando o motor da geladeira e a musiquinha irritante que sinaliza a porta aberta.

— Não seria algo tão ruim assim, sendo bem sincera. Assim eu receberia uma boa rescisão e poderia procurar outro

emprego sem peso no coração — assumo e sei que seu silêncio é uma oportunidade de me deixar falar. Indo contra o que planejei para esses dias, fico com vontade de ser escutada por *ela*. — Falta pouco menos de 2 anos pra eu fazer 30 anos e estou frustrada. Ver todo mundo ao meu redor atingindo cada vez mais objetivos, comprando casa, formando família, *casando*... Me deixa com sentimento agriadoce por dentro. Não é uma inveja do tipo “quero ter a sua vida” e sim uma em que eu só consigo pensar “o que estou fazendo de errado?”

— Mas pelo que a Rebeca me contou, você está indo super bem.

Meu coração bate forte por saber que ela soube de mim pela Rebeca, o que significa que *ela* foi atrás para perguntar. Diana conta porque é boca de sacola, mas Rebeca só responde quando é questionada. Ela pensou em mim, então ainda se importa.

Quer dizer, é óbvio que ela se importa ou então não teria me convidado para ser madrinha do

seu casamento.

— Depende do que você interpreta como “bem”. — Disfarço o que sinto com autodepreciação.

— Bom, você mora em um bairro super legal e seu aluguel não é tão caro assim se pensarmos que moramos em São Paulo e qualquer cativeteiro é o valor de uma casa no interior.

Você tem um emprego com muitos benefícios, não precisa ir sempre pra empresa, então não vive a insalubridade de pegar metrô em horário de pico todos os dias. É inteligente, artística, tem um bom gosto pra tudo, seus pais te amam e seus amigos também... — Luana cita essa lista

sem dificuldade nenhuma, como se tivesse dando um soco na minha barriga. — Não acho que não ter um apartamento próprio signifique que você está errando.

— Nossos pais já estavam no 3º filho na nossa idade, com carro e casa própria, sem contar que tinham cara de adultos. A gente parece umas adolescentes que nunca cresceram! — rebato e ela ri.

— Nós somos millennials! Crescemos escutando que se estudássemos e trabalhássemos íamos ter uma vida boa, mas nossos pais e professores esqueceram de olhar pro mundo à nossa volta. Relaxa, você está indo muito bem, eu prometo. — Me tranquiliza com um sorriso doce e concordo.

Ela tem razão e consegue finalizar o assunto de uma forma que não me deixa com vontade de beber cloro e sim... satisfeita com o que escutei. Parece que nossa amizade nunca terminou.

Desço os olhos para seus lábios, lindos e brilhantes com um gloss marrom. Que tentação.

— Quer ajuda? — Levanto a sobrancelha e respiro fundo, então aponto para a geladeira.

— Quero, esqueci de tirar as cervejas do freezer e não queremos que elas congelem pra depois, certo?

— Com certeza não queremos isso. — Dou a volta no balcão e me aproximo dela para poder ajudar.

Abro a porta da geladeira normal e ela começa a me passar as latinhas para que eu coloque tudo no lugar certo. Se é que tem lugar certo porque o espaço está todo preenchido com muitas comidinhas e ainda mais bebidas.

— O que é isso, você vai nos embebedar, matar e jogar o corpo na cachoeira?

— Credo, que horror, Bianca! — Luana dá risada e continua me passando as latinhas. — Só quero ter certeza que não vai faltar nada.

— Espero que você tenha trazido umas bolsas de glicose também porque se nós cinco bebermos tudo isso... Com certeza é um passeio direto pro hospital. O SAMU consegue chegar até aqui?

— É claro que consegue, meu Deus, como você é exagerada!

Nós duas rimos. E é bom, familiar.

Como se nada tivesse mudado, exceto que mudou.

— Vi que fez uma *tattoo* nova... — Puxo assunto e ela olha para o braço.

— Com a Mel, ela está com um estúdio novo e fez um *flash day*!

— Ah, eu vi mesmo ela postando no Instagram.

Agora tudo faz sentido, é só um *flash*. Me sinto um tanto quanto tóxica por ficar com ciúmes de uma tatuagem sem nem saber o contexto dela, só porque estava perto da *nossa*.

Ficamos em silêncio enquanto arrumo as últimas latinhas e, assim que fecho a geladeira, Lu estende a mão para que eu a ajude a levantar. Nossos dedos se tocam e eu só queria poder implorar para meu coração parar de ser tão louco assim.

— Obrigada pela ajuda. — Lu pega a toalha no chão e a amarra ao redor da cintura. É difícil

não observar seus movimentos, e ela faz o mesmo comigo. — Azul ficou lindo em você.

— Estou tentando colocar algumas cores no guarda-roupa. Fiz até uma coloração pessoal há alguns meses... — respondo, tímida.

É difícil assumir que estou dando o braço a torcer um pouco, mas acho que isso é crescer, entender quando chega o momento de experimentar novas coisas e sair da caixinha que achávamos que nos cabia, mas que, na verdade, só nos reprime.

— Olha só, quem diria que a rainha do preto estaria se abrindo pra algumas cores, mesmo que escuras. — Ela levanta a sobrancelha e dou de ombros.

— Acho que estamos trocando, né? — Aponto para seus seios, quer dizer, para a parte de cima do seu biquíni, e ela também dá de ombros.

— Continuo usando cores, só quis estar temática pra despedida.

— E pro casamento, né? No meu convite de madrinha está pedindo para eu usar um vestido vinho. — Provoco, mas ela só assente como se tudo estivesse bem.

— Vai ser lindo, você vai ver.

— Não duvido que vá ser lindo, só é... Diferente do que imaginei — me arrependo assim que termino de falar. Não devia entrar nesse assunto com ela, pelo menos não sozinha.

— E o que você imaginou? — Cruza os braços no busto.

— Você sabe o que imaginei. — Devolvo o desafio e ela dá de ombros.

— Não somos um casal muito floral. — Assume de uma forma sem encanto.

Eu sei, estou caçando pelo em ovo, mas é impossível não fazer isso após escutar tudo o que as meninas falaram na viagem. E também o que a própria Luana falou alguns minutos atrás.

— E são um casal como?

— João Pedro gosta de coisas simples, mas fortes. Por isso o vinho. E eu acho bonito também.

Quero cutucá-la, falar que essa resposta é muito ruim, mas não faço. É melhor ficar quieta do que arranjar uma discussão com ela agora e, como falei para as meninas: não viemos aqui para brigar. Só que não consigo achar normal a forma que ela fala dele. Não era para ela estar apaixonada, com corações nos olhos e uma paixão avassaladora pelo homem com quem vai se casar?

A Luana que eu conhecia se doava 100% para qualquer um e não escondia sua devoção. Ou talvez ela só não se sinta mais confortável em expor sua nova vida pessoal para mim depois que a beijei e me declarei.

Preciso ficar quieta para, pelo menos, não a afastar de mim. Porque eu não a quero longe, mesmo que negue e finja não me importar.

— E vocês estão animados pro casamento? — Tento puxar o assunto.

Ela deu o primeiro passo ao me convidar para ser madrinha, então nada mais justo do que eu continuar mostrando que está tudo bem.

— Não diria que animados, mas sim ansiosos. — Ela fica séria e o terceiro alerta vermelho se acende.

— O que é normal já que casar é seu sonho. — Dou um passo para trás, para a gente sair da cozinha, e então me viro em direção à sala, fingindo ser compreensiva. Olho para trás, esperando sua resposta.

— É, é meu sonho. — Ela sorri, mas não consigo decifrar se é um sorriso de verdade ou não.

— Mas é muita coisa pra resolver e na vida real não é igual quando brincávamos de faz de conta, então dá vontade de surtar um pouquinho, mas quero muito que dê tudo certo.

— Eu imagino.

Discursinho pronto para cima de mim, Luana? Ah, me poupe. Eu não engulo essa, as meninas têm razão, tem alguma coisa acontecendo que ela não quer contar para ninguém. Ao mesmo tempo, ela está sorrindo, então pode ser que fale a verdade... Não sei o quanto mudou nesse tempo e o quanto posso confiar no que eu conhecia.

— Você deveria responder. — Luana para no meio da sala e aponta para meu celular jogado no sofá. — Sei que está frustrada agora, mas você tem uma boa oportunidade nas mãos, mesmo que pra isso tenha que lidar com um homem escroto. Sua hora está vindo, Bibi...

Amo como ela é a única que me chama de Bibi e não percebi o quanto sentia falta de escutar o apelido em sua voz.

Lu segura minha mão e a aperta com cuidado, seus olhos lindos me acompanham com tanto carinho que tenho vontade de gritar em frustração. Passa por mim, como se não tivesse acabado de me desnortear, e volta para a festinha na jacuzzi, me deixando sozinha na sala.

Odeio ficar confusa e não controlar meus próprios pensamentos. Eu sou uma mulher prática, decidida e que não suporta desaforos. Não tem espaço para não entender o que estou sentindo.

Sei o motivo do meu coração bater forte, mas nesse momento eu só queria que ele obedecesse minha cabeça e ficasse quieto.

Respiro fundo e, para fugir um pouco daquele ambiente, decido fazer o que ela falou. Pego o celular e subo para o quarto. Vou resolver o problema que aquele incompetente arranhou e ainda colocar todos os nossos superiores nos e-mails, só para eles verem quem faz o trabalho por ali.

CAPÍTULO 5



CAPÍTULO 5

“Você poderia, por gentileza, se apaixonar por mim?”

Would You Be So Kind? - Dodie Clark

— Bora, você tem cinco minutos pra se trocar! — Diana aparece na porta do meu quarto e de Luana, com a canga amarrada na cintura.

— E eu posso saber o motivo? — Coloco o computador de lado, interessada no convite que vai me fazer.

— Decidimos fazer uma trilha pra ver o pôr do sol.

— Ah, tá. E vocês sabem que ver o pôr do sol em cima de uma montanha significa voltar nessa mesma trilha de noite, no escuro, com bichos que adorariam nos matar, certo? — Levanto uma sobrancelha e ela revira os olhos.

— Você acha mesmo que eu estou amando essa ideia? — Sorri de forma forçada. — É claro que foi ideia da nossa noivinha, e você mesma disse que precisávamos fazer esse fim de semana ser bom pra ela, certo?

— Mas não quis dizer fazer uma trilha no meio do mato de noite! — Me defendo, mas fecho o computador e vou em direção à minha bolsa. Sei que terei que ir e é isso. Não deixarei de reclamar de qualquer forma. — Posso me trocar no seu quarto?

— Por que você não se troca no *seu*?

Não respondo, só levanto as sobrancelhas e deixo que ela entenda por conta própria, mas Di não cai na minha, faz que não com o dedo e sai fechando a porta, me deixando sozinha no cômodo. Droga.

Pego a roupa e vou para o banheiro, sei que Luana subirá logo, então vou evitar constrangimentos. O *look* foi uma sugestão que veio no convite e eu sabia que iríamos fazer uma trilha para uma cachoeira ou algo assim, mas não para ver o pôr do sol e voltar no escuro. Trilha, escuro e bichos são meus piores pesadelos, com certeza.

Coloco a legging preta, um camiseta *oversized* do último álbum da Fresno e escuto a porta do quarto se abrindo. Pronto, ela chegou. Posso sair do banheiro agora, mas posso pegá-la no flagra se arrumando, então vou enrolar para lhe dar tempo. Chega de ver Luana seminua hoje.

Afasto o cabelo do rosto com uma tiara, escovo os dentes, faço uma *make* bem leve com o pouco de maquiagem que tinha na minha necessaire de higiene pessoal, e coloco a meia. Não vou pegar a bolsinha de maquiagem agora. Só falta colocar o All Star e esse *look* garota trilhaeira terá que servir.

Não sei como avisar a Luana que vou sair do banheiro, então dou descarga e destranco a porta fazendo um barulho mais alto do que o normal, fingindo estar com dificuldade na tranca e avisando assim minha saída. Acho que funciona porque quando entro no quarto, vejo Luana

sentada de costas para o banheiro e terminando de colocar o sapato.

— Pronta? — Lu pergunta, se levantando.

Preciso esconder o sorriso involuntário. Não existe uma maneira dessa mulher não estar bonita e seu macacão de academia roxo é lindo. O cabelo preso com uma piranha no alto também deixou seu rosto ainda mais bonito.

— Só falta colocar o tênis.

— Legal, te espero lá embaixo. — Ela me dá uma piscadela que faz meu corpo inteiro tremer e me deixa sozinha.

Ela se trocou ainda mais rápido do que eu, com certeza também está incomodada em dividir o quarto comigo. Essa foi uma péssima ideia e mais tarde vou tentar trocar de

quarto com a Ana, ela é a mais boazinha de nós, se eu choramingar com certeza topa.

Coloco o sapato e antes de sair do quarto tomo um banho de repelente. Tenho alergia a picada de insetos, nada muito sério a ponto de ficar preocupada, até porque não saio de casa sem um antialérgico, mas não estou a fim de ficar com a perna machucada e coçando, então levarei o repelente em uma bolsinha comigo.

Quer saber, levarei até o antialérgico. Ou melhor, já vou tomar um para garantir! Sei que remédios não funcionam assim, mas na minha cabeça vai dar certo e é isso que importa.

Pego a *ecobag*, coloco meu celular, o repelente e o remédio, me certifico que não deixei nada bagunçado e antes mesmo de pisar no corredor, um cheiro muito doce e forte me faz torcer o nariz.

— Que isso, quer fazer todos os mosquitos de Campos do Jordão picarem a gente? — Passo a mão no nariz, fazendo careta, e Di para na minha frente.

— Você está implicando muito comigo do nada, viu? — Di reclama e então estica o pescoço na minha cara de propósito para eu sentir o cheiro mais perto. Empurro-a para longe e ela dá risada, correndo escada abaixo comigo atrás.

— Cadê as outras? — pergunto, mas logo tenho a resposta quando escuto as vozes já na sala.

— Todas prontas e belas? — Di fala alto para chamar atenção e as três concordam.

— A dona da pousada disse que a trilha é bem tranquila, então não teremos problemas. —

Lu coloca as mãos na cintura e Rebeca pega o celular.

— Falta pouco tempo pro sol se pôr, então acho melhor irmos.

— Calma, não vamos levar nada? — pergunto, fazendo todas pararem.

— Como assim? — Lu vira a cabeça de lado.

— Se vamos fazer uma trilha pra ver o pôr do sol, nada mais justo do que levarmos umas comidinhas, não acham?
— sugiro e vou em direção à geladeira.

— Aí, sim! — Ana concorda e escuto sua voz se afastar, seguido do barulho da escada de madeira ranger. — Vou pegar minha mochila!

— Então pega um lençol ou uma toalha! Tem no armário do corredor! — Rebeca grita no começo da escada e Ana confirma que escutou.

— É uma boa ideia. — Lu se apoia na bancada e autoriza eu pegar tudo o que eu quiser da geladeira, prestando atenção em cada movimento.

Abro a caixa de salgadinhos e separo alguns sanduíches naturais, além de um pouco de frios como azeitonas e salaminho. Então parto para as bebidas, escolho duas garrafas de vinho rosé para a ocasião, a favorita dela.

— O mínimo que espero é me embriagar no caminho — brinco.

— Você tem toda a razão, Bibi. — Coloco as coisas em cima da bancada e nossos olhos se

encontram. — Acho que vi uma bolsinha térmica por aqui em algum lugar...

Ela dá a volta na bancada e após procurar a tal bolsinha, me ajuda com as embalagens para colocar tudo organizado, assim como pegar as taças personalizadas que encomendou para a despedida. Quando Ana desce, já estamos terminando de arrumar tudo para colocar na mochila que ela trouxe e partir.

A trilha começa no terreno de trás do chalé, é bem sinalizada para os hóspedes e até menos insalubre do que eu imaginava. O caminho é “asfaltado” com pedrinhas baixas por um longo trecho e postes que, espero eu, vão ligar quando escurecer. O problema mesmo começa quando chegamos na trilha de verdade, onde temos que entrar na mata e subir o morro em um mini caminho de terra batida.

Tem algumas placas que indicam para onde ir para não nos perdermos, assim como avisos sobre animais perigosos como cobras, aranhas e escorpiões. Ótimo.

Tento não reclamar, ou melhor, todas tentamos não reclamar. A trilha que era para trilheiros de nível fácil, segundo o pessoal da recepção da pousada, para nós era nível *extra difícil*. Ou então só estamos sedentárias demais.

Seguimos ofegantes e com a perna queimando de subir e subir e subir. Bato nas panturrilhas e nos braços a cada novo bicho que tenta me picar. Me coço inteira e ao me perguntarem se está tudo bem, minto e digo que sim.

Que ideia de jerico.

Até que, enfim, depois de 20 minutos de caminhada, Rebeca, que está a frente da trilha, dá o grito da vitória.

— Chegamos! — E, seguido da sua voz, todas gritamos com ela.

— Graças a Deus! — Luana comemora, quase tão sem fôlego quanto eu.

— Eu não acredito que acabou — Ana diz, com a mão na barriga, faz uma careta e aperta o diafragma.

— Imaginem como *eu* estou! — Puxo o ar com muita dificuldade e sinto uma gota de suor escorrer da minha cabeça.

— Quem mandou ser fumante? — Rebeca joga na minha cara e tudo o que consigo fazer agora é lhe dar um belo de um dedo do meio, que ela devolve acompanhado de um sorriso no rosto.

Os últimos passos da trilha são, na verdade, uma pequena escada que nos leva até um deck de madeira com bancos e a vista mais linda que vi nos últimos anos. O que não é muito difícil, morando na selva de pedra. Uma a uma, nos separamos no espaço e finalizamos a recuperação do fôlego, acalmando o coração para podermos admirar a vista.

Morar em São Paulo faz com que eu sinta falta da natureza e não digo a natureza de um parque, por exemplo. É claro que posso ir em lugares com muitas árvores e respirar um pouco de

“ar puro”, mas nada é como estar no topo de uma montanha, na serra, e tendo a vista que está na nossa frente.

É lindo, o ar é fresco de verdade e até entra mais fácil em meu pulmão. Me acalmo como há muito tempo não consigo e esse é o momento perfeito para deixar o coração absorver tudo que está bem na minha frente.

— É muito lindo, não é mesmo? — Lu fala baixo, mas o suficiente para nós escutarmos.

— É, faz valer a pena o perrengue da trilha insalubre... — brinco e ela sorri para mim.

É injusto estar em um lugar desses com ela nas atuais circunstâncias.

— Temos pouco tempo até o pôr do sol, então... — Ana coloca a mochila no banco de madeira e a abre, depois tira tudo de dentro.

Rebeca e Diana estendem a toalha que servirá para o piquenique; Lu pega os potinhos com comidinhas; e eu e Ana, as bebidas e taças. Quando tudo está organizado, nos sentamos de frente para a vista e Luana faz as honras de abrir o vinho geladinho, graças a bolsinha térmica.

— Lu, você bem que poderia-

— Não vou fazer mais um discurso! — Luana interrompe Rebeca antes que ela possa terminar de falar.

— Nossa, chata! — Beca ri, mas aceita.

— Um brinde por conseguirmos chegar aqui vivas, a gente merece, não? — sugiro e Lu concorda, enchendo minha taça.

Quando todas estamos prontas, levantamos as taças ao centro.

— Um brinde pra nós, por estarmos juntas, não importa o que aconteça! — Ela olha para nós quatro, mas sinto seu olhar se demorar mais em mim.

Não sei como me sentir. Um lado quer ficar feliz por ter um fragmento da sua amizade de volta, por mais difícil que

seja agir como se fosse só uma amiga, mas, por outro lado, é por ser *apenas* isso que eu sofro. É o que ela queria desde o começo: que continuássemos amigas, mesmo que eu não consiga ser somente isso.

Os minutos passam com rapidez e nós conversamos sobre tudo e nada ao mesmo tempo.

Damos muitas risadas sinceras, daquelas que doem a barriga de tanto gargalhar e que te fazem deitar para poder rir da forma que a conversa merece. Como sempre foi.

O sol começa a se pôr, e logo o céu ganha um tom de laranja com rosa, tornando impossível não ficarmos em silêncio só para observar o espetáculo à nossa frente. O som dos pássaros e das cigarras cantando embala as cores tão bonitas que se dissolvem enquanto o azul-escuro começa a tomar conta. Quase não vemos nuvens, o que torna tudo ainda especial e, quando as primeiras estrelas começam a se tornar mais visíveis, perco o ar de emoção.

É bobo, eu sei, mas com a correria do dia a dia é difícil viver um momento assim, sem pressa e distrações.

Sinto um pequeno toque em meu dedinho da mão, e ao olhar para baixo, encontro a mão de Lu se esticando para alcançar a minha, devagar. Olho para ela, mas ela segue virada para frente, apesar de aproximar a mão mais um pouco da minha.

Deixo que o toque aconteça, mas sei que os *divertidamente* na minha cabeça correm de um lado para o outro em completo surto sem fazer a mínima ideia do que está acontecendo.

Meu coração bate enlouquecido e sinto a respiração ficar curta e pesada. Ela segurou minha mão porque estou com

lágrimas nos olhos como uma boba para uma paisagem de montanha?

Porque agora as lágrimas secaram e não consigo mais prestar atenção em nada do que está à nossa frente. Tudo o que penso é que a Luana está segurando minha mão e estou tendo um *bipanic* igual uma adolescente maluca no ensino médio.

Quero correr, quero gritar, quero rir, quero não me derreter de tanta vergonha. Na verdade, nem sei muito bem o que quero fazer porque sinto tanto ao mesmo tempo que é difícil organizar a cabeça. Por que ela está fazendo isso?

Meu surto está igual ao que aconteceu quando percebi estar apaixonada por ela. *Ai meu Deus, ai meu Deus, ai meu Deus*. Por que isso do nada?

— AI. MEU. DEUS! — Diana se vira para mim com os olhos arregalados, em completo choque, e Luana solta minha mão depressa.

Ótimo, isso é tudo o que eu precisava mesmo, fomos pegas no flagra fazendo algo que eu nem sei o que é. Diana tinha mesmo que gritar e nos dedurar?

Se formos pensar mais a fundo, amigas seguram as mãos o tempo todo, e eu e Luana sempre

securamos, então o ato não deveria ser motivo de choque para as outras, não é? Com o nosso histórico com certeza é um alerta, já que finjo para todo mundo que está tudo bem quando, na verdade, estou maluca por dentro.

— BIA, VOCÊ ESTÁ BEM? — Beca também está com os olhos arregalados e grita enquanto se ajoelha em minha direção.

Agora ninguém mais presta atenção no pôr do sol, mas sim em mim, e o pior: fazem um grande caos por causa de uma segurada de mão que não durou nem 1 minuto.

— Por que eu não estaria? A gente só segurou as mãos-

— Do que você está falando? — Diana se levanta, tropeça nos próprios pés e vai até a minha ecobag jogada com as outras bolsas.

— Pega o anti-alérgico logo! — Ana fala, tranquila, e então alterno o olhar entre as quatro, com Beca me encarando como se um ET tivesse crescido em meu rosto.

— O que foi, gente? — Luana pergunta e olha para mim, confusa, procura por algo em mim até encontrar e arregalar os olhos como as outras. — AI. MEU. DEUS!

— FOI O QUE EU FALEI! — Diana nem ao menos tira a atenção da bolsa.

— ALGUÉM ME DIZ O QUE ESTÁ ACONTECENDO COMIGO!
— A essa altura, estamos gritando, desesperadas e sem saber como agir.

— Calma, não precisa disso tudo. — Ana aperta os lábios e olha para Diana que está com a bolsinha de remédio na mão.

Ela a abre rápido, quase derrubando tudo que tem dentro, e enfia dois comprimidos na minha cara.

— Bebe logo! — Rebeca estende o restinho de água da sua garrafa em minha direção.

— Sua orelha está igual a do Dumbo! — Luana, horrorizada, se estica para ver direito.

Arregalo os olhos e aceito os comprimidos, mesmo já tendo tomado um antes. Uma superdosagem de anti alérgico não vai me fazer mal, certo? No máximo, vai me fazer ficar com muito sono. Jogo os comprimidos na garganta de uma só vez e dou um grande gole para me livrar disso logo.

Após engolir, levanto a mão livre até a tal orelha e a sinto tão quente que não sei como não percebi antes. Ah, claro, não percebi porque estava mais ocupada em não surtar com a Luana segurando minha mão do que em prestar atenção no meu corpo. A orelha está inchada, muito inchada, chega até a doer de tão grande e quente está.

— Você está bem? É melhor irmos na Emergência? — As quatro me olham preocupadas, sem saber o que mais podem fazer para me ajudar.

— Parece que vocês esqueceram que eu estou aqui! — Ana retruca.

— Vocês são muito desesperadas, sério! Não precisava disso tudo, eu vou ficar bem! —

Disfarço o quanto estou sem graça, mas não minto. Não é nada demais, quer dizer, desde que não se espalhe pelo corpo.

— Como assim não precisava disso tudo? Eu nunca vi um negócio desses na vida! — Beca continua olhando para minha orelha desproporcional e eu fico tímida com a atenção.

— Eu já tinha visto, aconteceu o mesmo uma vez quando fomos pra praia com a minha família, mas daquela vez você acabou parando no hospital, lembra? Tem certeza que está tudo bem? — Luana fala, preocupada, o terror do momento sumindo um pouco da sua expressão.

— Sim, mas está tudo bem agora. Mesmo. — Tranquilizo todas elas, que continuam com os olhos em mim, como se para se certificar de que estou mesmo bem. — Gente, é sério! Obrigada, está tudo bem.

— Então tá... — Diana ajoelha e respira fundo, nós todas nos olhamos e, como se o caos

não tivesse acabado de acontecer, caímos na gargalhada.

Luana olha para minha orelha e ri, Rebeca pega o celular para tirar uma foto e fico chocada com a monstruosidade que minha orelhinha se tornou. E eu vou na onda, porque é melhor rir do que chorar com as ironias que acontecem na vida para me testar.

CAPÍTULO 6



CAPÍTULO 6

“Deus sabe que tentei me sentir feliz por você

Saiba que estou, mesmo que eu não consiga entender

Eu aguento a dor”

Stone Cold - Demi Lovato

— Acha mesmo que é uma boa ideia? — Lu se certifica quando estamos perto do chalé. —

Você pode ficar se quiser.

— Estou bem, mesmo. E eu meio que quero ir! — assumo com firmeza, e as outras passam por nós, subindo para seus quartos.

— Então tá. — Ela sorri. — Beca, faz o meu cabelo?

— Faço, vem pro nosso quarto.

— Ah, e eu vou me arrumar sozinha? — Faço uma careta ao chegar na porta do chalé e Diana estica a cabeça já na escada.

— Eu me troco com você, só deixa eu tomar banho antes — Di diz e eu lhe dou um joinha.

Aproveito todas subindo para os quartos e procuro pelo meu maço de cigarro pela sala.

A trilha de volta foi tranquila se pararmos para pensar que foi só descida o tempo inteiro e o trecho no escuro não foi demorado. Acontece que, como estávamos descansadas e não precisávamos da mesma força usada para subir, foi mais fácil do que pensei. Claro que tiveram alguns gritos desesperados por acharmos ter visto algum bicho ou por alguma planta tocar nossas pernas de repente, mas no geral foi ok. E os postes no restante do caminho se acenderam só para nos ajudar.

Encontro o maço jogado no rack da sala, o pego e vou para o deck para fumar um pouco. É

meu momento de contemplação e preciso disso.

Queria entender por que a Luana segurou minha mão e pior, porque ela fez isso tão devagar, como se estivesse com medo da minha reação. Também queria entender por

que ela se afastou rápido quando fomos “pegas no flagra”. Toques eram comuns na nossa amizade, todos sem segundas intenções, é claro... Até algumas semanas antes de nos beijarmos que eles começaram a significar algo a mais, além de serem mais demorados e carinhosos. Inclusive demonstraria mais tranquilidade se hoje ela não tivesse fugido tão depressa.

É difícil pensar que não pude viver o que queria com ela, já que nem ao menos tive oportunidade de tentar. Queria entender o que se passava em sua cabeça na época, se não queria ter nada comigo, ou se foi medo de ir contra sua família.

Em outra situação, uma em que ela não estivesse de casamento marcado e em sua despedida de solteira, acho que a colocaria contra a parede. Não no sentido que eu gostaria, e sim no chato de tentar entender seus sentimentos. O que significou aquele toque, ela quer voltar a amizade?

Quer dizer, é óbvio que quer, ela sempre deixou isso muito claro, mas será que eu aguentaria voltar a ser só sua amiga ou passarei a vida inteira remoendo aquele fora e a detestando por escolher um homem chato para passar o resto dos seus dias? E o pior: sem nem parecer amar esse homem, segundo nossas amigas.

Acho que eu aceitaria melhor se ela fosse apaixonada por ele e demonstrasse isso para todo mundo. É claro que não é sua obrigação, mas é impossível não pensar nas possibilidades, tanto a meu favor como contra. Todas delusionais.

Escuto o som de uma música sertaneja e de risadas no segundo andar, e sorrio. É bom escutar minhas amigas bem e felizes dessa forma.

Apago o cigarro e decido entrar, a Di já deve ter terminado de tomar seu banho para deixar o banheiro livre para mim e a sessão “se arrumar para o rolê da noite” deve ter começado.

Luana achou um barzinho que parece bem legal na cidade, com música ao vivo, muitos drinks e comidinhas deliciosas, então é claro que vamos finalizar o primeiro dia do fim de semana nos embebedando e curtindo muito. Os antialérgicos e todo o álcool que bebi durante o dia me deixam com sono, não vou negar, mas amanhã não temos hora para levantar, então vou me esforçar a ficar acordada hoje só para não ser a chata que vai dar para trás. E a orelha já diminuiu um pouco, então nada que a esconder atrás do cabelo não resolva.

Ao chegar em meu quarto, Di continua no banheiro. Aproveito para separar minha roupa, maquiagem e acessórios. Escolho uma saia de couro *fake* preta, uma blusinha que deixa meus ombros à mostra, meia calça também preta de estrelas e um Creeper no pé. Ah, não me esqueço de deixar a jaqueta já na cama porque Campos é uma cidade fria e, apesar de ser novembro, não dá para confiar muito na serra. Qualquer coisa deixo na mesa.

Di não demora para liberar o banheiro e fala que vai me esperar para começar a se maquiar.

Tomo uma ducha rápida, sem lavar o cabelo, e assim que termino, a encontro me esperando.

Fofa.

— Até que o dia foi legal, não? — Di fala no instante em que saio do banheiro, enrolada na toalha.

— Melhor do que eu esperava.

— Só que o motivo de termos deixado vocês duas no mesmo quarto é pra conversarem, então não adianta nada se as duas se evitam.

— Não fui eu que inventei de ir me arrumar com a Rebeca — me defendo, fingindo que não faria o mesmo se ela não tivesse sugerido primeiro.

— Ah, não se faça de maluca, Bianca! É óbvio que ela fez isso porque sabe que você está desconfortável e não queria te afastar, *de novo*. — Reviro os olhos e Di me encara, não me julgando ou brava, mas sim me analisando. — Mas você viu o que ela falou na jacuzzi, né?

— Sim, e pode não significar nada. — Eu sabia que ela ia tentar falar sobre o assunto do carro.

— Ou pode significar tudo.

Ficamos nos encarando por um segundo, Diana pisca os olhos e finge inocência.

— Anotei os sinais no bloco de notas, não quero saber. Pelo menos assim, quando vocês esquecerem dos detalhes, estarei prontíssima com as provas.

— Isso não é coisa de psicopata? — Levanto a sobrancelha só para provocá-la e consigo, porque ela revira os olhos.

— Não, mas estou bem interessada em saber de você... E aí, você está bem?

Não quero falar sobre.

— E por que não estaria?

— Não se faça de tonta, Bia. — Ela senta no chão. Apoia o grande espelho de parede, que estava no canto do quarto,

à sua frente, e deixa espaço para me sentar ao seu lado. — Vocês duas.

— A gente precisa mesmo falar sobre isso? — Faço uma careta e aproveito o momento que ela não presta atenção em mim para vestir minha roupa.

— Precisamos. A vida continua, por mais que você evite os assuntos chatos — me dá um coice necessário. — Vocês conversaram um pouco de tarde?

— Sim, mas nada que seja importante. Só... Coisas normais da vida. — Solto um suspiro baixo porque, no fundo, eu queria que fosse sobre algo importante de verdade.

— Isso é bom, é sinal de que ela quer que tudo volte a ser como sempre foi. — Di começa a parecer um fantasma ao aplicar a base e eu acelero para poder me sentar com ela logo.

— Por que você está falando isso? Ela disse alguma coisa?

— Ah, disse e não disse. Falou que achou que você fosse dar pra trás no último instante e que não fosse vir. Viu, só? É isso que dá evitá-la nos últimos dois anos.

— Se coloque no meu lugar, Diana! Você iria na despedida de solteiro do seu ex?

— Não, mas odeio ele e quero mais que se foda. Diferente de você...

— Diferente de mim?

— Ué, você odeia a Lu e quer que ela se foda?

— É claro que não, eu gosto dela.

— Então pronto, não teria motivo pra você não vir e acabar com uma amizade da vida inteira.

— Você faz tudo parecer muito fácil, sabia? — Termine de me trocar e sento ao seu lado com minha bolsinha de maquiagem no colo. — Mas a vida não é assim, preto no branco. A amizade meio que já foi estragada quando ela me deu o fora e eu não consegui lidar muito bem com isso.

— Me explica como é então.

— Ah, Di, você sabe. É complicado.

Tento cortar o assunto, porque sei que se deixar, a Di vai acabar descobrindo coisas que eu não estou pronta para falar antes de destrinchar na minha cabeça com a ajuda da minha psicóloga. Como o toque de Luana em mim mais cedo. Sou pé no chão porque controlo minhas emoções e, quando estão fora de controle, me sinto perdida, em busca de um norte para não surtar à toa.

— Complicado ou não, eu também estou feliz que você veio e que podemos todas ser amigas de novo. — Ela me olha com uma bochecha rosa e a outra ainda pálida. — Só tenta não estragar tudo de novo, tá? Por favor.

Ela não pede com raiva ou com deboche. Apesar de parecer, não joga a culpa em mim e é sincera em suas palavras. Não quer que eu me afaste porque não superei. Ela tem medo de eu fazer alguma coisa que nos separe de novo. Eu não quero isso, então começo a aplicar a minha base com a certeza de que ficarei quieta. O que aconteceu está no passado e é lá que deve ficar.

Para sempre.

CAPÍTULO 7



CAPÍTULO 7

“Não quero ser sua amiga, quero beijar seus lábios

Quero te beijar até perder o fôlego”

I Wanna Be Your Girlfriend - girl in red

— Eu esperava que o lugar estivesse mais cheio — retruco assim que paramos na porta do bar que está às moscas.

De um lado, temos um músico tocando uma música tão chata que dá para entender por que ninguém está animado. E pelo salão, há meia dúzia de gatos-pingados espalhados pelo local.

— Tem certeza que esse é o lugar certo? — Rebeca julga todo o ambiente, absorvendo um pouco da atmosfera estranha. Ninguém nos recebe na porta, então aproveitamos o momento para refletir nossas decisões.

— Absoluta, a não ser que o Uber tenha nos deixado no lugar errado, mas... — Luana puxa o celular da bolsa, confere o lugar no Google Maps e dá alguns passos para trás para ver a fachada. — É, é aqui mesmo.

Todas trocamos olhares desconfiados e então olhamos o salão mais uma vez. A madeira vermelha e a pouca luz

amarela o deixam ainda mais escuro, mas não de uma maneira aconchegante, e sim... esquisita.

— Podemos sair pela rua e encontrar um lugar melhor, se vocês quiserem.

— Mas já paguei a reserva aqui... — Lu faz uma careta culpada.

— Você *pagou* pra virmos nessa espelunca? — Di arregala os olhos e não se importa em falar alto para qualquer um ouvir.

— Quando reservei nossa mesa pela internet, já paguei algumas entradinhas e drinks —

Luana assume com culpa e então coloca a mão no peito. — Em minha defesa, isso aqui não se parece em nada com as fotos online, eu juro! Nem com as do Instagram!

— Aqui é ótimo, Lu! — Ana defende nossa amiga e dá um olhar que nos obriga a entrar na onda. — O que faz o rolê é a companhia e não o lugar. É meio rústico, mas se tiver comida boa já está incrível. Certo, gente?

— Certo! — respondemos em uníssono, fingimos concordar só para tranquilizar Lu que está decepcionada com a própria escolha.

— Inclusive, é um bom lugar pra começarmos o rolê. — Me esforço para entregar meu melhor sorriso e a tática funciona, porque nossa noivinha também sorri. — Qualquer coisa depois a gente pode ir naquela balada que você achou, o que acha?

— Se vocês quiserem... — Luana morde os lábios e meus olhos vão direto lá. Ela está com um batom vermelho vivo e *gloss* com brilho por cima.

— Se você quiser — insisto, me demorando nos seus lábios antes de voltar para seus olhos.

— Esse final de semana é todinho sobre você, noivinha. — Diana segura o ombro da nossa amiga e a sacode enquanto ela concorda.

Lu fica com a bochecha rosada e não é de *blush*.

Como se tomássemos coragem, entramos no bar, restaurante, ou sei lá o que esse lugar é.

Vejo um senhorzinho atrás do balcão no fundo do local, e quando ele também nos vê, fica surpreso e vem animado em nossa direção. Ele tem o cabelo ralo bem grisalho e um bigode enorme e grosso, seus olhos brilham de tal forma que chego a ficar com dó.

— Alguma de vocês é a Luana? — pergunta e limpa a mão em um paninho. Lu passa por nós, tomando a frente do grupo.

— Sou eu! — Sua resposta é um pouco insegura, mas gentil, do jeitinho que ela é.

— Ah, nossa noiva da noite! — O senhor estende a mão para ela e eles dão um aperto caloroso. — Sou Jorge, o dono do JacaranBar. Reservamos nossa melhor mesa e minha filha fez questão de arrumar tudo para vocês.

Aponta para a lateral do salão e nos leva até uma mesa de frente para o bar. Ela tem bancos de estofado vermelho e fica encostada em uma parede com decoração temática. É impossível não achar fofo quando nos deparamos com uma faixa prateada escrita “Despedida de solteira” e, embaixo, um balão com a inicial da Lu. Na mesa, o jogo americano prateado é de crochê, com um fio brilhante e os pratos branquinhos. No centro, um arranjo floral de copo-de-leite,

simples e bem feito, o que contrasta com o restante do ambiente escuro.

— Meu Deus! — Lu diz, chocada. — Isso está muito lindo, obrigada!

— Não foi nada... — Ele aperta os lábios e assente com a cabeça várias vezes, encabulado.

— Fiquem à vontade, eu já volto com as entradas.

Ele se afasta, nos deixando sozinhas na frente da mesa.

— Tá, a gente julgou eles antes da hora. Olha que fofura! — Rebeca aponta para o arranjo.

— Vai lá pra a gente tirar uma foto, Lu. Pega a coroa! — Diana pega o celular na bolsa e Lu se arrasta no banco para sentar bem no centro da parede.

Ana muda o arranjo de lugar para não ficar na frente do rosto da nossa noiva, mas ainda assim aparecer na foto, e Lu coloca a tiara. Ela abre aquele sorriso feliz de quando as coisas dão certo e começa a fazer poses, com a direção da Rebeca e da Di atrás da câmera. Aproveito que estou fora de foco só para observar seu jeitinho e suas poses. Primeiro sorri e depois começa a fazer graça. Tira uma foto com a mão para o alto e a língua para fora, outra fazendo careta de olhos fechados, uma com a mão apoiada no queixo e um olhar fofo.

Em todas ela fica linda.

E a decoração prata contrastando com o restante do ambiente vermelho-escuro só mostra o quanto ela se destaca. O quanto ela não sabe muito bem onde está se enfiando, mesmo que o JacaranBar não tenha nada a ver com as decisões de sua vida.

— Essa rodada é por conta da casa. — Seu Jorge volta com uma bandeja cheia de shots e alguns pãezinhos. — Licor de jabuticaba, sei que não é tão comum assim, mas esse é especial.

Eu mesmo que faço e é um sucesso entre os clientes.

— Muito obrigada, seu Jorge! — Eu pego os shots e entrego para cada uma de nós.

Enquanto isso, Jorge coloca as comidinhas na mesa e espera a gente beber para ver nossa reação.

— A nós? — Lu pergunta e todos concordam.

— A nós! — Brindamos no ar e viramos o licor como se fosse vodca. Assim que o sabor toca minha língua, entendo por que é um sucesso. É muito bom.

— Uma delícia, seu Jorge! — Di elogia, se deliciando. — Pode trazer a garrafa!

— Que isso, Diana? — Ana franze a sobancelha, sem acreditar.

— A garrafa toda? Ela é um pouco forte, moça... — Seu Jorge diz, desconfiado.

— Ué, não vamos nos divertir? Eu adorei o licor e acho que merecemos beber mais dele —

Di confirma para Jorge e ele nos deixa à vontade, mas volta pouco tempo depois com a garrafa inteira e a promessa de trazer os outros drinks e comidas aos poucos.

— A filha dele deve estar tentando salvar esse lugar — falo baixo para que ninguém possa nos ouvir e elas concordam comigo.

— Pra fazer tudo isso? Com certeza. Nenhum outro lugar teria esse cuidado com uma reserva. — Rebeca carrega convicção na fala.

Em pouco tempo os primeiros drinks oficiais chegam, tão bons quanto o licor. O que rende uma *review* da Diana para seu TikTok. Fazemos um troca-troca de bebidas para provarmos todos e não paramos de pedir, um atrás do outro, chocadas em como a qualidade de tudo é o oposto da quantidade de pessoas interessadas pelo lugar.

O problema de tudo ser gostoso é que perdemos a mão do limite. E quando tenho consciência do quanto estamos bêbadas, já é tarde demais. As bebidas não chegam mais para nós na mesa, porque já tomamos conta do balcão, conversando com Jorge para descobrir cada detalhe da vida do senhor gentil que dá risada de todas as bobagens que falamos. Nós rimos de volta, e nos divertimos tanto que o músico agora toca animado, só para nos fazer dançar entre as mesas.

Os poucos clientes não se importam, parece até mesmo fazer com que eles se animem também. Diana oferece uma dose de sua garrafa para todo mundo, só para fazê-los comprar sua própria garrafa depois. A maioria das mesas compra.

Acordes de uma música que está no DNA de qualquer brasileiro começa a tocar e uma força se apossa em mim. Meus pés vão até o músico sem que eu controle, só para cantar com ele.

— *Quando digo que deixei de te amar, é porque eu te amo...* — canto desafinada e o músico dá risada.

— AAAAH! — Rebeca grita e corre até mim.

— EU AMO ESSA! — Ana tropeça e vem atrás.

— *Quando eu digo que não quero mais você, é porque eu te quero* — cantamos juntas como se nossa vida dependesse disso. A mão no coração é o charme da sofrência.

— Meu Deus, vocês estão bem? — Diana faz careta e se aproxima com a Lu, as duas tomando seus drinks no canudinho e nos julgando um pouco, mas não o suficiente para não entrarem na onda também.

— *Eu tenho medo de te dar meu coração, e confessar que eu estou em tuas mãos...* —

Rebeca e eu gritamos na cara de Di e da Lu, obrigando-as a cantar junto. — *Mas não posso imaginar o que vai ser de mim, se eu te perder um dia!*

Fazemos uma rodinha, uma de frente para a outra, e elas nos acompanham. Em pouco tempo, nós cinco estamos na frente do mini palco, entoando as duras palavras de *Evidências* com uma tentativa de ritmo e melodia que nos arranca risada. Mas é chegar no refrão que enlouquecemos e não tem uma única pessoa dentro daquele bar que não canta alto e forte conosco.

— *E nessa loucura de dizer que não te quero, vou negando as aparências, disfarçando as evidências, mas pra que viver fingindo se eu não posso enganar meu coração? Eu sei que te amo!*

Entre olhar minhas amigas gritando esse hino nacional brasileiro com tanta paixão, meus olhos caem em Luana. É clichê, eu sei, mas estou bêbada e é bizarro o quanto dá para me identificar com essa música. O olhar dela encontra o meu também e um arrepio percorre meu

corpo ao cantar aquelas palavras para ela.

— Chega de mentiras, de negar o meu desejo, eu te quero mais que tudo, eu preciso do seu beijo, eu entrego a minha vida pra você fazer o que quiser de mim... Só quero ouvir você dizer que sim!

Na verdade, eu quero ouvi-la dizer *não*. De preferência bem longe do altar. A culpa de esses pensamentos atormentarem minha cabeça é do álcool, mesmo que eu me mande parar de delirar.

Não poderia ser de qualquer outra pessoa ou sentimento. Só o álcool nos humilha a ponto de me fazer viajar na maionese achando que Luana também canta para mim, porque desvia o olhar só por poucos segundos e logo já volta a atenção em mim.

— Diz que é verdade, que tem saudade... Que ainda você pensa muito em mim.

Não canto a última frase, sinto que meu ar sumiu e meu coração parou de bater, mesmo vivíssima na frente dela. Odeio beber porque eu mesma acabo me iludindo pelas vozes malucas e desnorteadas dessa minha cabeça que não faz um pingão de sentido. Luana não estava olhando para mim, por mais que eu implorasse e quisesse muito que sim. Ela só estava cantando com as amigas por igual, porque é assim que ela nos vê.

É assim que ela *me vê*, uma amiga, e já deixou isso claro dois anos atrás. Deixou ainda mais claro quando me convidou para ser sua madrinha de casamento.

Os gritos e aplausos de todos no local me tiram do pequeno universo paralelo que entrei e também bato palmas para disfarçar a tristeza repentina que assombrou meu coração.

— Eu amo sertanejo! — Diana grita com satisfação e me abraça animada, o que nos faz quase tropeçar enquanto voltamos para nossa mesa.

Ana vai para o banheiro para fazer xixi pela 50ª vez. Lu bate palmas também e Rebeca diz algo em seu ouvido que a faz gargalhar, antes de nos acompanhar até nosso lugarzinho.

— Se divertindo, meninas? — Seu Jorge aparece em nossa mesa com uma porção de batatas fritas que eu já havia me esquecido de ter pedido.

— Muito! O bar do senhor é, de longe, o melhor que existe!
— Diana responde e pega uma batatinha com queijo, se derretendo ao sentir o sabor.

— E que dia é o casamento? — pergunta para Lu, que fica em alerta. Ela olha para mim de canto de olho antes de responder.

— Em três semanas!

— Está pertinho então, e está animada? Casar é um grande passo!

— Ela sabe, sonha com esse dia desde que nasceu — Rebeca fala para Seu Jorge, que concorda admirado.

— Estou animadíssima! — Apesar da voz feliz, Luana não parece nem um pouco empolgada.

— Me casei quarenta anos atrás. Minha velha é tudo na minha vida e com certeza foi minha melhor escolha. Ela e esse bar. — Ele aponta ao redor e, o lugar que antes víamos com maus olhos, agora ganhou um novo visual para nós. — Se precisarem, sabem onde estou.

Ele finaliza e se afasta, mas Lu vira o restante do seu drink de uma só vez, como se sua vida dependesse disso.

— Ei, vai com calma! — Não consigo evitar me preocupar e Rebeca aproveita a minha deixa para prestar atenção em nossa amiga também.

— É, acho que já deu de bebida por enquanto, vamos comer um pouco. — Rebeca, apesar de bêbada também, é a mais sóbria de nós.

— Ah, não! Poxa, a gente merece mais drinks. É a minha *despedida de solteira* no fim das contas, não? — Luana aponta para a faixa em cima de sua cabeça. — Eu vou *casar com o amor*

da minha vida. Então mereço beber enquanto ainda posso.

— Como assim enquanto ainda pode? — pergunto, preocupada. Mais um alerta acende em minha cabeça e Rebeca fica da mesma maneira que eu. É impossível deixar para lá. — O João Pedro te proíbe de beber?

— Quê? — Luana faz uma careta e revira os olhos. — É claro que não, é que ele é bem de igreja e não gosta muito.

— Então por que você disse “enquanto ainda posso”? — Rebeca insiste. A preocupação com o que conversamos no carro durante a viagem volta à mente dela e se aloja na minha.

— Foi só maneira de dizer, eu hein. — Luana pega a bebida de Diana, que está em silêncio só observando tudo, e vira de uma vez.

Não gosto da cara de “eu te avisei” que a Di tem.

CAPÍTULO 8



CAPÍTULO 8

“Há uma velha canção que escrevi para você

Eu a tocaria para todos os nossos amigos

Por que você teve que estragar tudo?”

The Wedding Song - Reneé Rapp

Estou deitada, virada para a porta do banheiro, imóvel e fingindo estar dormindo. Não faço ideia da posição de Luana atrás de mim, mas consigo escutar sua respiração calma.

Como vou dormir sabendo que ela está na mesma cama que eu? Já dormimos juntas assim várias vezes ao longo da nossa vida, mas agora tem um peso diferente. Tenho medo de me mover e tocá-la, ou sei lá, invadir seu espaço.

Fecho os olhos, me obrigando a dormir.

Nada.

Era de se esperar que depois de tanto álcool, farra e antialérgicos eu estivesse exausta, mas não importa o quanto tente, não consigo adormecer. Já contei até 100 várias vezes, respirei devagar, fiquei de olhos fechados,

mas não consigo. Pensei em rolar a tela infinita do TikTok, mas não quero atrapalhar o sono de Luana.

Minha atenção se fixa na teia de aranha no canto do quarto, pertinho do teto. A luz da lua que entra pela janela aberta reflete nos fios finos e delicados, mas não vejo a criatura que mora ali. Talvez se eu me levantar bem devagar, consiga fugir do quarto e ir tentar dormir na sala. Eu sei o que está me travando aqui. *Ela*.

Antes que eu possa bolar um plano de fuga, Luana se mexe do meu lado e eu, em pânico, fecho os olhos e finjo estar dormindo. Ela se levanta, muito devagar, e escuto seus passos leves caminhando pelo quarto até abrir e fechar uma porta. Deve estar indo ao banheiro.

Abro os olhos de novo, quando acho que é seguro, mas a luz do cômodo à minha frente está apagada e não escuto nenhum barulho vindo dali. Viro devagar, para me certificar que não estou ficando maluca e que ela se levantou mesmo, e encontro o seu lado da cama vazio. O ranger da escada chama minha atenção, não importa o quão devagar você tente descer, a madeira vai fazer um barulho super alto.

Então *ela* está fugindo de mim?

Deito de barriga para cima, encarando o teto. Nem mesmo conversei com Di e Rebeca antes delas dormirem, mas tenho certeza que depois da noite que tivemos, a vontade delas de fazer a intervenção ficou ainda mais forte. Ao mesmo tempo, não vejo abertura em Luana. Será que se falarmos algo ela vai aceitar bem ou não? Ela nem ao menos quis ficar na mesma cama que eu, então acho que irá receber mal.

Sento na cama e encaro a porta que dá acesso ao corredor. *Eu* tenho motivo para querer fugir

dela, mas ela não tem motivo para fugir de mim. Ou ela continua pensando que estou desconfortável e não quer invadir meu espaço assim como Di disse mais cedo?

— Quer saber? — murmuro e vou até a porta, determinada a ir conversar com ela para entender o que ela está fazendo lá embaixo e por que não quer dormir comigo.

O primeiro passo na escada faz com que ela ranja muito alto, me obrigando a parar porque tem mais três pessoas na casa. Os próximos passos são cuidadosos, desço devagar e, assim que viro o primeiro lance, agradeço o cômodo de conceito aberto porque vejo Luana na cozinha.

Ela está atrás do balcão de mármore que divide os ambientes. Abre a geladeira e a luz ilumina todo o ambiente. Tira uma bandeja de dentro e, com a porta ainda aberta, se afasta em direção aos armários para procurar por algo. Vejo uma xícara em sua mão. O último degrau range também, e a atenção dela se vira para mim no instante em que o barulho já familiar da geladeira, avisando que a porta está muito tempo aberta, começa.

— Ai, meu Deus, eu te acordei? — pergunta, preocupada, então fecha a geladeira, nos deixando no ambiente escuro por um momento.

— Não consegui dormir. — O que não chega a ser uma mentira. Caminho até a mesa de centro na sala, acendendo o pequeno abajur de luz amarelada que tem ali.

Pronto, agora pelo menos consigo ver o rosto dela.

O chalé fica bonito com a iluminação indireta, aconchegante.

— Você tomou um monte de antialérgico e se embebedou toda, como não está com sono?

— Ela soa inocente, curiosa, então abre outros armários, ainda procurando por algo, mesmo com a xícara já na bancada.

— Você estava muito pior do que eu e também está acordada — rebato, na defensiva, e me aproximo.

A bandeja tem vários docinhos finos, provavelmente para alguns dos eventos já programados para o dia seguinte.

— Eu melhorei depois que vomitei — diz, envergonhada. — Você sabe que é só pôr tudo pra fora que fico bem de novo.

Faço uma careta de nojo que a faz sorrir. Ela indica a bandeja para mim, um convite silencioso para que eu pegue um doce.

Escolho um brigadeiro rosa, com confeito enroladinho fofo, e fecho os olhos em deleite quando o sabor me invade. É de frutas vermelhas e está maravilhoso.

— Então, qual é a sua desculpa pra estar aqui embaixo? — pergunto antes de dar a última mordida no docinho e olhar a caixa para escolher o próximo.

Lu não me responde e fixa sua atenção na missão dos armários. Ok. Não tenho coragem de repetir a pergunta, parece que a determinação de colocá-la contra a parede desapareceu do meu corpo com essa ignorada.

— Quer beber alguma coisa comigo? Vou fazer um chá... — pergunta de repente, quebrando o momento esquisito e trazendo de volta a familiaridade que estava adormecida.

— Ah, então é isso que você estava procurando, entendi.

— Eu trouxe de camomila, mas não estou achando em lugar nenhum... Não lembro onde guardei, trouxe tantas

coisas... Ou então comprei e esqueci de colocar na bolsa.
— Suspira e apoia as mãos na bancada. — É uma alternativa.

— Que bom, não gosto de chá. — Faço careta.

— Eu sei. — Assente e se agacha, abre outro armário e coloca um pote escuro na bancada que nos separa. — É um chocolate quente?

Viro a cabeça de lado, tentando compreender toda essa simpatia doce. Não tem nem um

minuto que ela me tratou estranho ao ignorar minha pergunta, mas agora está mostrando que está tudo bem. Talvez eu deva seguir sua onda, ver até onde esse momento de nós duas vai.

Observo os poucos detalhes do seu rosto banhado pela luz do abajur, mas preciso me segurar para não baixar o olhar quando ela apoia os braços na bancada, apertando os seios na regatinha de alcinha do Frajola. É quase impossível não dar uma olhadinha. Ainda mais nessa luz.

— Um de verdade ou você vai fazer achocolatado e fingir que é chocolate quente? — Puxo a banquetta para me sentar.

— Achocolatado — responde, culpada, e me acompanha quando um sorriso involuntário escapa de meus lábios.

Não consigo dizer não para ela e esse é um dos meus maiores defeitos. Mesmo quando crianças, eu não conseguia negar seja lá o que fosse que ela me pedisse.

Uma vez, ficamos de castigo por voltarmos tarde demais para casa depois de um dia inteiro com nossos vizinhos da rua de baixo, e, mesmo assim, pulamos a janela e fugimos

para tomar açaí no restaurante da esquina com algumas amigas. Foi a primeira vez que fizemos isso e depois repetimos a aventura por semanas, até sermos pegas por seu pai e ficarmos de castigo de verdade. É claro que ele contou para os meus pais e passamos 3 longas semanas nos vendo só na escola, o que nunca foi o suficiente para nós duas.

É estranho pensar nisso depois de tanto tempo porque só nos vimos uma vez nos últimos dois anos. Fomos de um extremo ao outro.

Lu abre a geladeira de novo para pegar o leite, depois outro armário para pegar a leiteira.

Quando vira de costas para mim, me sinto mais à vontade para olhá-la sem me preocupar em ser pega. Ela se movimenta como se soubesse o que está fazendo, mesmo que esteja somente esquentando um leite no fogão. É... *sexy*.

— Faço a xícara inteira ou você vai dar um gole e dar o resto pra mim? — Não se vira ao fazer a pergunta e eu sorrio.

Ela lembra.

É claro que lembra, eu a obrigava beber todos os meus copos de “chocolate quente” por achar doce demais. E ela sempre me acobertava, mesmo com os adultos nos obrigando. “*Faz bem para os ossos*”. Me diz, quando achocolatado fez bem para os ossos? Millennials são sobreviventes, não tem como negar.

— Pode fazer metade — assumo e escuto seu risinho nasalado.

Quando coloca a bebida pronta na minha frente, beberico um pouco. Lu pega um docinho, apoia o corpo na pia atrás de si e também toma um pequeno gole enquanto me observa de forma que me constrange. É quase obsceno como não tira os olhos de mim. Por um lado, gosto de ter sua atenção, mas me intimido porque não a entendo mais e eu queria saber o que se passa em sua cabeça.

O constrangimento me faz beber mais do que o costume, só para continuarmos no silêncio que Luana não deixa durar muito tempo.

— O que você tem feito? — pergunta de repente.

— Oi?

— O que você tem feito? — repete, enunciado melhor as palavras, como se eu não tivesse escutado.

Eu escutei, só não entendi o real sentido da sua pergunta. Ela quer saber da minha vida em um geral? Do trabalho? De relacionamentos?

— Como assim? — FRANZO a sobrancelha. — Trabalhando.

É a resposta mais simples e mais fácil. Não tem como errar ao falar de trabalho, até por ela

já saber mais ou menos o que eu tenho passado por lá.

— Além do trabalho, o que mais você tem feito?

— Ah... — Seus olhos são como os de um predador encurralando sua presa. Gaguejo um pouco e então engulo com força. — Aula de *spinning*.

— Você só pode estar de brincadeira. — Sorri, divertida, e desencosta da pia. Vem até a bancada de mármore que

nos separa e deixa a caneca ali, então morde seu docinho, me dando espaço para falar.

— Três vezes na semana, em uma academia perto de casa.

— Você sempre odiou andar de bicicleta!

— Descobri que gosto quando tem música envolvida e uma professora animada que não me deixa desistir — assumo.

Sempre fui a chata que não faz exercícios físicos e foge de qualquer mini caminhada. Se puder pegar um Uber, farei isso.

Na minha cabeça, eu só iria virar *fitness* quando chegasse aos trinta anos. Parece que quando viramos uma década, uma mudança enorme acontece na vida das pessoas e todos começam a se cuidar de verdade. Grandes chances de isso acontecer porque a saúde começa a pedir por arrego.

Não dá mais para ficar só na curtição, comendo mal e sem tomar uma vitamina D, ou então a gente apodrece por dentro.

Eu só não sabia que ia ter essa sensação alguns anos antes dos trinta, o que me transforma em uma traidora das minhas próprias crenças tortas.

— Isso é uma novidade gigantesca, parabéns! — Ela sorri com... orgulho?

— E você? — Aproveito que ela abriu uma brecha para tentar saber um pouco mais dela.

A grande questão é: o quanto ela estará disposta a se abrir para mim?

— Hum... Aprendi a jogar truco — assume depois de pensar um pouco.

— Você? Jogando truco?! Duvido! Não é uma das regras básicas fazer o que você mais detesta: bater na mesa e gritar? — Coloco a caneca na bancada também e cruzo os braços no busto. — Isso não vale.

— E por que não? — Dessa vez eu sei que não estou enlouquecendo porque Luana olha para meus peitos. Eu sei que olha.

E eu gosto da sensação de ter sua atenção em mim, mesmo que não saiba o que isso significa, já que não consigo esquecer que ela me deu um fora anos atrás e que agora está noiva.

— Truco não é algo que você “está fazendo”, a não ser que você esteja tendo aulas frequentes de truco ou então trabalhando em um cassino, sei lá. É só algo que você, muito estranhamente, aprendeu.

— Tá, tá, tá. — Revira os olhos e lambe os lábios. E que lábios. Depois os morde e fita o teto, pensando. — Então eu não estou fazendo nada.

— O quê? A rainha das atividades extracurriculares não está fazendo nada?

Falo um pouco mais alto e Luana coloca a mão na boca, fazendo um *shh* quase mais alto do que minhas palavras. Me encolho e, se estivéssemos em um desenho animado, estaríamos com as orelhas bem abertas para tentar captar qualquer som diferente vindo das meninas no andar de cima.

Nenhum barulho é identificado, então ela continua.

— Não tenho muito tempo, então tive que parar com algumas coisas.

Por que ela insiste em responder sem de fato explicar algo? Como se parar de fazer tudo o que gosta fosse só mais um dia normal na Terra? Logo ela, que nunca fez isso antes.

— Então você parou até mesmo com as aulas de cerâmica?

— Até o casamento passar, sim.

— Mas vai voltar?

— Talvez.

Um sorriso triste invade seu rosto. O que tanto ela está escondendo que não pode falar para nenhuma de nós? Porque, quando ela esquece de fingir que está tudo bem, seu desconforto fica claro. Ela até começou a sair da concha comigo, mas logo se fecha de novo e já percebi que o assunto casamento é um enorme culpado para isso. Quando as meninas me falaram que ela estava estranha, imaginei que fosse exagero. No final das contas, eu devia ter acreditado desde o começo.

— Você sempre gostou tanto de fazer cerâmica, então acho que deveria voltar — encorajo.

— Quem sabe ano que vem? — Força um sorriso. — Pra falar a verdade, está sendo bom ficar um tempo sem aulas. Acabei percebendo que não gosto tanto assim de piano, por exemplo.

— Ah, é?

— Ou talvez eu só tenha enjoado depois de uma vida toda tocando. Acho que estou pronta para aprender um instrumento diferente.

— Aprende a tocar sanfona! Deve ser tão maneiro, e duvido que qualquer um do nosso ciclo saiba. Você ia ser diferente de todo mundo! — Minha brincadeira faz Luana rir com uma careta, indignada com minha sugestão.

— E se eu aprender sanfona, você vai aprender a tocar o quê? — pergunta, rindo, e bebe mais um pouco do seu achocolatado.

— Gaita!

— Bianca?! — Lu gargalha baixo, o que também me arranca uma risada.

— O que foi, meu Deus? — Finjo estar ofendida. — Me diz quem que você conhece que sabe tocar gaita de verdade! Imagina ser a única que pode sacar uma gaita da bolsa e tocar sem ficar fazendo graça e assoprando qualquer buraco sem saber o que está fazendo.

— Ouvi dizer que quem toca gaita é muito bom no oral.

Oi?

Arregalo os olhos e meu rosto esquenta na mesma hora, não preciso nem de um espelho para saber que estou como um pimentão.

— E-eu não sei por que f-falei isso... — Ela também está muito vermelha, e a maneira como gagueja e retrai os ombros mostra como se arrependeu do que falou logo para mim.

A tensão é tanta que o tempo parece ter parado por um momento, nos prendendo ali sem saber o que fazer.

— Mais um motivo pra aprender, seria tipo um combo de habilidades aprendidas em uma única aula. Achei que vale

a pena — brinco, porque é a única coisa que consigo fazer agora para aliviar o clima. E dá certo, porque ela cobre o rosto e ri também.

— Tá, e depois disso? — Coça a garganta e afasta o cabelo do rosto, se recuperando do constrangimento. — A gente faz o quê, começa uma dupla sertaneja?

— É uma opção. — Aproveito a deixa dela para me recompor também. — Ou então, podemos fazer parte de uma banda. Beca e Di são ótimas cantoras e Ana pode ser baterista.

— Você enlouqueceu? — Luana volta a sorrir e é impossível não acompanhar. — As duas são a total definição de desafinação, e a Ana é doce demais para tocar bateria. Não dá para imaginar ela batendo em algo.

— Que chata, use sua imaginação! — Pego minha caneca uma última vez e beberico de novo, agora sem esconder a careta que faço quando o líquido toca meus lábios.

O momento divertido continua flutuando entre nós, e eu poderia terminar a interação dessa

maneira: agradecer pelo “chocolate quente”, perguntar se ela está bem em dividir a cama comigo ou se prefere que eu durma na sala porque não tem problema. Entretanto, não é o que faço.

— Pedro sabe tocar algo?

— Só punheta.

Cuspo o achocolatado pela surpresa da sua fala. Tenho certeza que a bebida ameaçou sair pelo meu nariz, porque está tudo ardendo. Dou algumas tossidas, tentando

recuperar a respiração, e Luana ri de mim. Então, pega o rolo de papel toalha e me entrega.

— Que coisa horrível! — Rio em meio ao engasgo e ela dá de ombros.

— Não estou mentindo.

— Eu acredito que não! — Dou mais uma risada, terminando de me limpar, e Lu morde a boca.

Depois do que ela me falou, eu podia falar sobre qualquer coisa, menos sobre seu noivo. E o que escolho citar? Ele. Mas quer saber? Eu não tenho nada a perder e é a primeira vez que ela fala dele de forma leve, sem se esquivar ou ficar estranha. E eu preciso aproveitar para saber mais.

— O que ele faz? — pergunto.

— Por que a curiosidade sobre ele de repente? — Ela abaixa o olhar para as mãos e cutuca a alça da caneca com a unha.

— Como eu vou ser sua madrinha se nem ao menos conheço o noivo?

— A gente não precisa fazer isso.

Ela me encara e vejo em seu olhar que ela diz isso pelo nosso passado, mas não estou mentindo, eu quero saber mais sobre ele. Todas queremos, mas eu em especial para entender melhor tudo o que está acontecendo com a Luana e o real motivo das meninas estarem tão desconfiadas dessa forma.

— Eu quero fazer isso. — Tento soar sincera, porque é tudo o que consigo entregar agora.

— Não quero falar sobre ele. — Ela pega minha caneca e a dela, e então a coloca na pia, virando de costas para mim.
— Vamos subir?

Tá, ela não quer *mesmo* falar sobre ele. Entendi. *Red flag* levantada com sucesso. Queria ter visto seu rosto quando fez essa pergunta, para poder interpretar o que está acontecendo e responder de acordo.

— Se quiser, eu posso dormir aqui no sofá, pra... você sabe, não ser estranho — falo devagar, insegura, e ela se vira para mim com a cabeça inclinada de lado, o cabelo caindo pelo seu rosto.

— Você não precisa dormir aqui, Bibi! Não me importo de dormirmos juntas.

Sua voz carrega tanta certeza que fico sem graça de insistir, então não faço. Apenas aceito o que me disse e a vejo dar a volta no balcão para ir em direção às escadas. Eu a sigo, sem me preocupar em apagar o abajur.

Ela sobe devagar na minha frente e meu coração palpita no peito enquanto fazemos o curto trajeto até nosso quarto. O fato da sua bunda com o Frajola estampado estar na minha cara não ajuda.

Luana abre a porta do quarto e espera eu entrar para então a fechar, e eu vou direto até o banheiro para escovar os dentes, o que é uma clara desculpa para fugir dela e pensar no que diabos está acontecendo nesse momento. Vejo-a pela porta entreaberta, e tenho que fingir não estar olhando para ela quando vem até o cômodo. Ela pega sua escova e eu dou um passo para o lado, dando espaço para que também escove seus dentes.

Tá, o que estamos fazendo? O que *ela* está fazendo?

Trocamos alguns olhares esquisitos até terminarmos e, ao irmos em direção à cama, ela puxa assunto mais uma vez.

— E como estão os seus pais? Faz tempo que não os vejo. Ainda vão no clube todo mês? —

É sério que nesse momento esquisito ela decide me perguntar sobre os meus pais?

— Todo mês, e estão do mesmo jeito de sempre. Eles não mudam, não importa quanto tempo passe — respondo, fingindo não me importar, e levanto as cobertas para poder me deitar.

— E seus pais?

— Também não mudaram nada.

Ou seja, eles continuam homofóbicos. Legal.

— Isso quer dizer mesmas regras, mesmas cobranças e expectativas em você? — pergunto mais baixo, e Luana se deita com o corpo virado para mim.

Eu a acompanho, e também me viro para ela.

— Você os conhece tão bem. — Sorri triste, perto até demais.

— Acho que é mal de velhos. Eles só mudam para o pior, ficam cada vez mais chatos, teimosos, conservadores... E eu jurava que com o conhecimento e experiência de uma vida a gente só melhorava.

— É, mas... — Morde os lábios, parece pensar se deve ou não falar, então, contrariando o que imaginei que fosse acontecer, e sem precisar forçar, ela continua. — Eles estão muito animados para o casamento, parece que pela

primeira vez fiz o que eles esperavam que eu fizesse. É uma sensação, não sei, agridoce.

Sua voz baixa e o hálito refrescante me invade, dificultando minha concentração no que está falando.

— Você teve a aprovação deles, por isso está se sentindo assim. — Forço um sorriso e Luana concorda, colocando as duas mãos juntas em cima do travesseiro e apoiando o rosto. Isso faz com que seus lábios se tornem um coração perfeito.

— Eles nem precisaram fazer uma daquelas reuniões na sala em que apontam tudo o que faço de errado na minha vida. E eles amam a família do Pedro, vivem fazendo churrasco, saem para jantar, viajam juntos... Eles apoiam muito o casamento.

Foi como bater o dedinho na quina. Ou receber um soco no estômago. Uma faca sendo enfiada bem fundo no meu coração.

“Então quer dizer que eles estão agindo com a família do Pedro, como faziam com a minha família antes de eu me assumir bissexual?”

Fico quieta, apesar da vontade de perguntar. É doloroso ver como as pessoas se tornam descartáveis para alguns só por não fazerem o que eles querem. Pelo menos eles continuam sendo coerentes, seguem fazendo as mesmas coisas.

Uma parte de mim sempre teve dó da Luana que, com o passar dos anos, deixou de ser a rebelde que pulava a janela do quarto de noite para encontrar com os amigos escondida e se tornou a Luana que faz aula de piano só porque os pais querem. Outra parte de mim sente raiva por

ela ser tão boba que permite esse tipo de situação acontecer mesmo tendo quase 30 anos.

Não é como se eles a sustentassem ou algo parecido. É só puro trauma e falta de terapia.

— Por que sinto que você quer falar mais alguma coisa? — sussurro, vendo apenas o desenho do seu rosto no quarto escuro. Sei que ela pisca devagar, mas não consigo ler seus olhos.

— Eu não quero falar nada... — sussurra também, e é óbvio que está mentindo.

— Então fico feliz por você — minto também.

— Fica mesmo? — Tem um tremor escondido na sua voz que a faz quase não sair.

Não.

Quero responder, mas não digo nada.

— Acho que vou tentar dormir agora. — Corto o momento e me afasto dela devagar, ajustando o travesseiro para longe e virando de barriga para cima. Não sei se vou conseguir dormir, mas acho que já deu por hoje. — Boa noite, Lu.

— Boa noite, Bibi...

CAPÍTULO 9



CAPÍTULO 9

“E se ela escreveu a ‘minha’ na minha coxa só na minha cabeça?”

Guilty as Sin - Rachel Bochner

Sonho que estou dormindo com Luana.

Estou deitada em seus braços, e o aroma do seu cabelo me invade de uma forma tão boa que eu poderia dormir assim para sempre. É como se eu tivesse nascido para encaixar nela. Sorrio e subo o rosto até a curva de seu pescoço, cheirando-o devagar.

Levanto a coxa encaixada no meio das suas pernas até sua virilha e aperto devagar, o que faz com que ela solte um pequeno gemido em meu ouvido e vire um pouco o quadril em minha direção, pedindo por mais. Sua mão segura minha perna e me aperta, agora é minha vez de gemer e subir a coxa mais um pouquinho.

— Bianca...

A voz baixa e pedinte sai dos lábios de Lu e eu abro os olhos devagar para ver seu rosto, até me tocar que não estou sonhando. Ou melhor, estava, mas minha mão está mesmo segurando sua cintura e ela se esfregando em minha perna.

Mas que porra?!

Fico em completo pânico. O que estou fazendo? Ou melhor, *estamos* fazendo?

Ela continua adormecida, a mão quente e delicada me segurando até eu começar a me afastar sorrateiramente. Está com a boca entreaberta e nem ao menos acorda

quando saio de seus braços, mas vira o corpo em minha direção e abraça o travesseiro. Quero morrer, não acredito no que acabou de acontecer!

Levanto devagar, o coração disparado e enlouquecido enquanto quero sair correndo dali o mais rápido que conseguir. Saio do quarto e encosto na parede. Essa é uma daquelas situações que idealizei na cabeça mil vezes antes de dormir, mas agora que aconteceu parece... *Arg*. Nunca que parece errado, porque, porra, é a Luana e ela gemeu meu nome. Mas também... não é certo.

Ou será que ela não gemeu meu nome e isso não passou de um delírio da minha cabeça enquanto eu realmente toquei a cintura dela? Meu Deus, o quão errado isso é? Juro que não fiz de propósito! Eu estava dormindo, não tenho controle do meu corpo e do meu subconsciente quando estou adormecida e...

— O que você está fazendo aí? — Ana me pergunta assim que me vê escorada na parede do corredor, a porta do nosso quarto entreaberta.

Olho para os lados, me certificando que estamos sozinhas, então pego na sua mão e corro escada abaixo com ela. É claro que a madeira range muito, mas foda-se, o que mais eu poderia fazer?

— Garota, o que está acontecendo? — Ana fica preocupada quando chegamos na sala e eu

abraço meu corpo, me mexendo de um lado para o outro.

— Dormi com a Luana.

— Eu sei disso, foi meio que parte do nosso plano...? — Ana levanta uma sobrancelha, como se fosse óbvio, e tenta entender onde quero chegar.

— Não, Ana, eu estou falando sério! Eu acordei agorinha agarrada nela e a gente estava meio que... — Mexo as mãos, ansiosa, tentando contar sem falar as palavras. Ela abre a boca em choque.

— Vocês ficaram?

— Não! Mas eu estava com a perna no meio das pernas dela, e ela se esfregou em mim.

Tenho quase certeza que gemeu meu nome.

Coloco a mão na boca e olho para a escada, certificando-me de que não tem ninguém descendo.

— Vocês transaram!

— Não! A gente estava dormindo! Eu acordei bem na hora que ela gemeu meu nome. Não sei se foi sonho ou real, e é óbvio que eu surtei quando acordei e estávamos agarradas uma na outra, não podia ficar lá e... — Caminho de um lado para o outro, nervosa. — O que eu fiz? Por que vocês deixaram a gente dormir juntas? Era óbvio que isso não ia dar certo e-

— Para de surtar! — Ana segura meus braços e me faz olhar fundo em seus olhos. — Está tudo bem.

— Não está! Eu fodi com tudo.

— Me escuta, está tudo bem. Não era bem o que estávamos pensando quando falamos para vocês dormirem juntas, mas ok. Você sabe o que isso significa, né?

— Que passei dos limites!

— Não, para de ser maluca! Ela deve estar escondendo muito mais do que a gente pensa.

Você já pensou na possibilidade dela... gostar de você?

— Juro, você está se passando. Ela está *noiva*.

— E o que uma coisa tem a ver com a outra? — Ana levanta as sobrancelhas, esperando por minha resposta, então dou de ombros. — Escuta, não pira, tá? Tô contigo.

— Impossível não pirar...

— Eu sei, mas-

— Bom dia, coisas lindas da minha vida! — Diana grita do alto da escada e nem ao menos preciso pedir para Ana não contar para as outras, ela sabe que tem que ficar em silêncio. —

Preparadíssimas para hoje?

— Fala mais alto que o chalé vizinho não conseguiu te escutar. — Rebeca aparece atrás de Diana com seu mau humor matinal padrão.

— BOM DIA, COISAS LINDAS DA MINH-

Rebeca tapa a boca de Diana com a mão e Di segura o riso pela provocação.

— Juro, você é escandalosa demais... Dá para segurar pelo menos até eu tomar meu café?

— Tá, tá, insuportável. — Di termina de descer as escadas, vem até nós e dá um beijinho na bochecha de cada uma.

Beca dá um sorriso forçado de quem precisa mesmo esperar a alma voltar para o corpo antes de falar conosco, e vai direto até a cozinha. Nós a seguimos, Ana gesticula em silêncio para eu ficar tranquila e eu faço uma careta, mas concordo.

Minha caneca e de Luana continuam na pia, um lembrete de que nosso momentinho de madrugada foi real.

— Bom dia, meninas! — A voz de Lu chega até nós, acompanhada de um bocejo, do pijama

do Frajola e do cabelo despenteado e volumoso.

Fico vermelha na hora.

— Bom dia, noivinha! — Di dá alguns pulinhos até ela e a abraça com força, as duas dão alguns passos assim pela sala, até darem as mãos e virem até nós.

— Estão acordadas faz tempo? — Lu pergunta e puxa uma banqueta para se sentar ao lado de Ana, que agora está no meio de nós duas.

— Nada, acabamos de levantar também — Ana responde com um sorrisinho sutil. — Teve bons sonhos?

É óbvio que cutuco sua costela, o que a faz afastar minha mão sem que ninguém perceba e se virar de frente para Lu, ficando de costas para mim. Puta merda, o que ela está fazendo?

— Ah, podemos dizer que sim. — Lu fica sem graça, então a mão de Ana, atrás do corpo, começa a mexer como se chamando minha atenção.

— Dona Lu vermelha? — Diana, agora do outro lado do balcão e ajudando Beca a pegar a louça do café, abre a boca, divertida. — Pode ir contando, com certeza tem sonho sexual safado na jogada.

Ela fica ainda mais vermelha e agora é minha vez de apertar a mão de Ana. Isso quer dizer que...

— Dá pra você respeitar minhas intimidades, por favor? — Luana tenta desconversar, mas parece que se esqueceu com quem está falando. Não consigo ver seu rosto direito pela Ana estar entre nós, mas os apertões na mão que Ana me dá são animados.

— Engraçado que ninguém respeita as minhas intimidades, mas todas querem respeito, não é?

— Você conta as suas sem que a gente tenha pedido, não diria que é a *gente* que não te respeita — Beca diz, seca, começando a interagir.

— Ai, vai tomar seu café, vai! — Diana a espanta com a mão e Beca coloca o pó do café no coador. Ela organiza tudo esperando a água ferver na chaleira. — Bora, quero saber.

— Você não vai parar até eu contar, não é? — Lu ri, nervosa. — Tá, digamos que acordei molhada.

— É disso que o Brasil gosta! — Diana comemora com as mãos para o alto, enquanto os apertões de mão da Ana continuam em um código morse que eu não sei decifrar.

Ela joga o corpo para o lado, o que me permite ver o rosto da Lu, e ele é muito esclarecedor.

Se eu tinha dúvidas de que ela não sabia o que aconteceu, agora não tenho mais.

Sua mordida de lábio me diz tudo: Luana gemeu mesmo o meu nome.

CAPÍTULO 10



CAPÍTULO 10

“Quero te dizer como me sinto, mas como?”

Não é minha culpa que você está nos meus sonhos”

Right Now - saturn 17

— Agora todas brindando pro alto e gritando “Luana”! — o fotógrafo nos dirige.

Com certeza, não imaginei que o *brunch* do nosso cronograma fosse ser um evento no enorme jardim atrás do chalé — com direito a tenda florida, mesa toda decorada e posta com o bolo e, de quebra, um fotógrafo muito do metido nos coordenando.

Lu e Di parecem à vontade com a câmera, tirando uma foto a cada pequena interação entre nós, mas eu e Ana estamos desconfortáveis. No meu caso, não estou desconfortável só pela câmera, é claro. Rebeca até consegue manter algum diálogo, como se o homem não estivesse ali, já que ele faz questão de falar para fingirmos que não existe. Mas como, se o homem não fica quieto e nos manda fazer as piores poses para nos fotografar nos ângulos mais desfavoráveis possíveis?

Juro, a câmera lá embaixo pegando todo o meu papo!

É estranho porque não dá para ser real, muito menos conversar de verdade. Não que eu tenha muito o que dizer depois do desastre da noite/manhã, até porque, Luana não falou nada para mim além de deixar no ar o seu sonho misterioso.

Nos trocamos no mesmo quarto e não tocamos no assunto nem uma vez. Eu que não ia ser a pessoa a falar sobre em voz alta primeiro. Apenas fingi que estava tudo super bem.

— Vamos, Lu! Agora morde o canapé e olha pra mim — diz o fotógrafo. E Luana, mesmo achando esquisito, faz.

— Que homem é esse, gente? — pergunto para as três que só dão de ombros.

O foco maior dele está em Luana, como era o esperado, e ela não consegue respirar sem uma lente apontada para seu rosto, seja da câmera fotográfica, seja da filmadora. Lu não nasceu com o dom de não ligar para essa atenção, mas dá para ver que está se esforçando e jogando conversa fora para que tudo ocorra como o seu planejado.

Talvez ela não tenha levado o que aconteceu a sério e não esteja mesmo ligando.

— Acho que podemos captar algumas imagens só suas agora, Lu. O que você acha? — o homem que não guardei o nome sugere.

Luana concorda e os dois se afastam da tenda, indo em direção às floreiras do jardim. É

lindo, não tem como negar. Mas essas fotos estão no limite de se tornarem bregas pelo simples fato desse homem parecer não ter o mínimo de noção do que fazer com uma câmera.

Pego um canapé de frango e o enfio inteiro na boca, observando os dois de longe.

— Já comeu o presunto enrolado no melão? — Beca pergunta, segurando o espetinho

peculiar na mão. Faço uma careta porque é estranho demais. — Juro, é bom.

Agora que já comeu, esperou a alma voltar para o corpo e tomou um banho, Beca voltou a ser ela mesma.

— Não achei que isso existisse de verdade. Achei que fosse só alguma maluquice das músicas da Clarice Falcão...

— Pode até ser, mas eu seria mais feliz se tivesse isso em todo casamento que vou. — Beca pega mais um e fecha os olhos, se deliciando com o sabor que não quero conhecer.

Sou um pouco chata para essas combinações estranhas de comida.

— Vamos aproveitar que a Lu está longe pra falar sobre o que precisamos falar? — Diana sorri e se aproxima da mesa também, e eu trato de enfiar mais um canapé na boca.

— Ela pode ouvir... — Ana sussurra e então acena para Lu, que olha na nossa direção. Nós três copiamos o gesto de Ana, fingindo estar tudo nos conformes.

— Problema resolvido. — Diana desfruta da deixa para se virar de costas para onde Lu está, mas ainda ficando de frente para nós. — Bia, a gente tem que falar sobre o que aconteceu de noite.

Olho assustada para Ana, porque tinha certeza de que ela não iria contar para ninguém, mas ela disfarça e nega com a cabeça, me garantindo que ninguém sabe. Ufa.

— Eu não sei do que você está falando — rebato.

— Eu também não, o que aconteceu? — Ana tenta me salvar e eu a agradeço com o olhar.

— Lu deu a entender que o Pedro não deixa ela beber e que ela tem que aproveitar antes de casar — Beca responde e finge um sorriso em direção à ação que acontece nas flores: uma tentativa de pose que deixa Luana com a mão na cintura e a clássica quebradinha de quadril da mulher millennial. — Precisamos fazer a intervenção.

— Não.

— Você vai se arrepender — Rebeca fala, debochada, virando a cabeça de lado para estudar minha expressão. — Acha que não notei como olhava pra ela ontem? Ou pior, como ela olhava pra você? Assume que você só não quer fazer a intervenção porque está com medo de acabar levando outro fora.

— Você perdeu a noção, Rebeca! A intervenção nem tem a ver comigo! — Tento fugir do assunto e avisto o maço de cigarro em cima de uma cadeira de plástico, afastada da mesa, mas Beca entra na minha frente, me impedindo.

— Não nos faça de bobas, Bianca! — Ela revira os olhos e bufa, então se aproxima com a voz baixa, mas alta o suficiente para as outras escutarem. — Não quero ser uma idiota, mas parece que só assim pra você abrir os olhos já que nesses últimos dois anos virou mestre em se esconder. Você a ama e isso é bem claro pra qualquer um. E eu sei que ela também te ama. Todo mundo fica quieto pra não se meter no que quer que tenha acontecido entre vocês duas, mas se você não quer fazer a intervenção pelos sinais que temos visto, então pelo menos seja egoísta uma vez na vida e faça pelo que você sente.

Meu coração dispara com sua sinceridade. Acho que ninguém havia sido tão franca assim comigo antes e, mesmo com sua brutalidade, não me sinto magoada.

— Se eu for líder dessa intervenção, então ela vai achar que estou fazendo só porque não a superei. Isso, sim, será ser egoísta!

— Então deixe a gente fazer!

Abro a boca para responder, mas não consigo falar, já que avisto Luana e o fotógrafo voltando para perto de nós.

As três fingem que nada aconteceu e se viram com um sorriso, debandando na frente da

mesa de comes e bebes.

— Meninas, vamos começar com as fotos individuais agora e fazer umas últimas imagens pro vídeo da viagem, tá bom? — o fotógrafo nem se vira na nossa direção ao falar, atento a tela da sua câmera. — Quem quer ir primeiro?

— A Bia vai! — Ana me oferece como um tributo e eu nem tenho tempo de contestar.

— Certo, vamos debaixo daquela sombra! — Ele começa a se afastar e Lu me chama com a mão, andando atrás dele.

Cerro os olhos para Ana. Se eu apostasse qual de nós se tornaria uma traidora de uma figa, jamais seria ela.

Sinto sua mão nas minhas costas, me dando um leve empurrão em direção aos dois. Não tenho o que fazer além de ir, não sem antes dar um último olhar mortal para as três traíras satisfeitas.

Lu para de andar no meio do caminho até as flores para poder me esperar e meu estômago se contorce.

— Eu sei que você não gosta disso... — Lu fala baixo. — Prometo que são só algumas fotos e um vídeo, rapidinho. Você não precisa fazer nada, só sorrir e ficar do meu lado.

Sua voz é doce e isso faz meu coração me trair também. Que porra está acontecendo que hoje parece ser o dia para me tirar do eixo?

Paramos onde o fotógrafo indica, uma do lado da outra, e estou travada, como se nunca tivesse tirado uma simples foto na vida.

— Isso, a luz aqui está ótima e o cenário também. Agora fiquem mais perto. — Ele faz o sinal com a mão para que a gente se junte e tira uma foto de teste, arrumando as configurações da câmera em seguida.

Dou um passo para perto dela e um calafrio invade meu corpo quando sua mão quente toca minha cintura desnuda pelo *cropped*. Merda, merda, merda.

— Conseguiu dormir? — Lu sussurra e meu coração para de vez.

Viro a cabeça em sua direção e encontro os cílios enormes piscando para mim em antecipação. Isso não é nem um pouco justo.

— Consegui, e você? — Torço para parecer que não faço a menor ideia do que ela está falando e sinto seu polegar fazer carinho nas minhas costas.

— Só um pouco, de manhã acabei dormindo melhor — é tudo o que fala, e não preciso de muito mais do que isso.

Escuto o som da câmera fazendo alguns cliques, mas decido ignorar.

— E tem algum motivo específico pra isso ter acontecido?

— Eu tenho que parar de pensar que *não vou fazer* algo e *fazer* o oposto logo em seguida. Mas ela está me provocando, então por que eu não posso provocar também?

— Me diz você.

Seus olhos caem em meus lábios e o polegar não para de me acariciar. Agora o que Beca acabou de me falar não parece ser tanta loucura assim, porque ela não pode só estar com fogo no cu pré-casamento, ou pode?

— Calma, fica parada... — Vejo seus dedos se aproximarem de mim e, devagar, tocarem minha bochecha. Ela tira um fio de cabelo grudado no meu *gloss* que eu não havia reparado estar lá.

Prendo a respiração enquanto todo o toque acontece, acompanhado de uma pequena arrumação do meu cabelo, tirando-o de trás da minha orelha.

— Pronto, agora está perfeita.

O cheiro doce do seu perfume me invade, e meus olhos se fixam em sua boca mais uma vez.

Quero beijá-la. Mesmo depois de tanto tempo, não consigo me esquecer do seu beijo e quero senti-la de novo...

— Isso mesmo! Está ótimo! Agora fiquem bem animadas e levantem o braço pro alto em comemoração! — O fotógrafo quebra o momento que estava se criando entre nós duas.

De repente, Lu parece ficar muito consciente de suas ações. Dá um passo para trás, se afastando um pouquinho de mim, e faz o que o fotógrafo manda com um sorriso no rosto.

Não tenho mais controle do meu corpo e apenas faço o que ele pede. Os cliques são rápidos, ele se aproxima e tira mais uma, então afasta a câmera do rosto e encara a tela, satisfeito.

— O que você acha, Lu?

Ele mostra para nós, e em uma das fotos estamos nos olhando muito profundamente. Se os pais dela virem isso, vão dizer que é profano, um pecado.

— Eu adorei, e você Bibi? — Ela tem antecipação presente na voz, além da ansiedade de saber minha opinião, e também sinto medo. Ou seja: Luana não está tão segura quanto parece.

— Ficaram lindas — afirmo com um sorriso. — Nós já acabamos? Eu tenho que ir ao banheiro.

Não espero a resposta dela ou do cara e ando rápido até a casa. Preciso de um tempo.

CAPÍTULO 11



CAPÍTULO 11

“Admirando de longe porque mesmo quando ela está perto de mim Nós não poderíamos estar mais distantes”

She - Dodie

Já li o mesmo parágrafo trinta vezes.

Não sou bem uma leitora assídua e não estou entendendo nada desse livro de fantasia que Rebeca me emprestou, mas tento, apesar de me distrair toda vez que escuto a voz das meninas gritando animadas com a partida de UNO acontecendo no outro extremo do deck.

O que Beca me falou durante o *brunch* martela em minha cabeça sem parar.

“Vocês se amam e isso é bem claro.”

Eu não vim para essa despedida pensando em acabar com a vida da Luana. Vim para tentar colocar meu rancor para trás e ficar bem com ela. Talvez não como éramos antes, mas o mais próximo possível disso. Só que estamos indo para um terceiro caminho.

— Ei, você está bem? — Ana levanta da espreguiçadeira, onde estava deitada lendo um livro da pós, e vem até a

minha rede.

Abro a perna, sinalizando que ela pode sentar ali e, de forma desengonçada, ela se acomoda, quase me fazendo voar para fora da rede. Nós damos risada e nos arrumamos no espaço para ficarmos as duas confortáveis: Ana sentada entre minhas pernas e eu deitada, ou meio deitada, sei lá.

— Fui traída por você mais cedo, mas estou bem — brinco e ela dá um tapinha em minha perna.

— Às vezes você precisa de um empurrãozinho, e acho que foi no momento certo. — Ana é calma, simples. O oposto de Beca, que fala a verdade na nossa cara sem se preocupar se vai doer ou não. Eu a entendo, mesmo que seu jeito bruto doa.

— Você me jogou do precipício com força! — me defendo.

— Foi pro seu bem.

— Sei... — Continuo me fazendo de sentida, só para mexer com ela.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Ela deixa o livro técnico no colo e mexe no celular, enquanto eu finjo estar lendo. Pelo visto, os herdeiros de um dos reinos elfos acabaram de descobrir que terão que fugir para o mundo dos humanos para não serem mortos pelo golpe que está acontecendo na casa deles.

— Você concorda com o que a Beca disse? — pergunto de repente, abaixando o livro e fazendo-a bloquear o celular. Ela respira fundo e parece pensar em como me responder.

— Todas concordamos, Bia. — Aperta um sorriso.

— Por que você nunca me disse?

— Ah, um pouco antes de se afastarem, eu sentia que ia rolar algo entre vocês. Elas também sentiam, mas não tinha por que fazermos alarde sobre. Deixamos vocês se entenderem por conta própria. Não deu muito certo, no caso...

— Simples assim?

— E quando as coisas entre vocês não foram simples? — a forma tranquila com que ela diz isso me faz refletir.

Nunca tivemos momentos difíceis no nosso relacionamento. A amizade sempre foi leve e achei que não fosse mudar depois que nos beijamos pela primeira vez. E foi... eletrizante.

— Quando ela me deu um pé na bunda e falou que poderíamos continuar amigas.

— É, isso não era algo que achávamos que fosse acontecer. Mas ela te deu abertura pra continuar por perto, e você só se isolou. E não se isolou de nós porque fomos atrás. Não imaginávamos que as coisas iam tomar essa proporção, sabe... De não se falarem mais, se evitarem...

— Ela arranjar um noivo...

— É, essa parte pegou a gente de surpresa.

— Posso ser sincera com você? — pergunto com um pouco de vergonha.

— Você ainda tem dúvidas? — Essa é sua deixa para eu falar o que quiser, sem julgamentos.

— Eu queria muito sentir raiva dela, juro que queria. Queria ter recusado o convite de madrinha e ter esculachado ela por essa maluquice que está fazendo.

— Eu achei que você fosse fazer isso, sabia? Inclusive, achei que fosse ser a favor da intervenção.

— Mas eu sou a favor.

— Você entendeu o que eu quis dizer. Intervenção nesse fim de semana, e não depois.

— Eu já fui a culpada por nossas famílias se afastarem, não queria ser a culpada por destruir um casamento. Até porque, eu sei que ia respingar em mim, não importa quem fizesse a intervenção... De uma forma ou de outra, a culpa seria minha.

É estranho assumir isso, mas sinto um peso sair dos meus ombros.

— Luana nunca te culpou por qualquer coisa. Na verdade, ela se culpa por várias que aconteceram.

— Ah, é? Tipo o quê? — pergunto, curiosa, e olho para as três jogando à distância.

— Não cabe a mim falar sobre o que ela sente, Bia. Isso é algo que as duas precisam resolver e conversar, sem terceiros atrapalhando. Até porque, Di e Beca não sabem sobre o sonho, mas eu e você temos certeza que tem algo de errado acontecendo.

— Bom, é tarde demais pra isso... — Mordo os lábios e cutuco a quina do livro.

— Isso, sim, é papo de maluca, sabia? Por que seria tarde demais? — Ana franze a sobancelha.

— Talvez porque tem um puta casamento gigante sendo organizado? Já deve até estar pago a essa altura do

campeonato. E conhecendo a Lu, mesmo que concorde com a intervenção, ela não vai desistir.

— Acho que a quantidade de anti-alérgico que tomou ontem deve ter te deixado meio zureta.

Desde quando uma festa paga quer dizer que é tarde demais? Nem depois que ela estiver casada é tarde demais, poxa!

— Então você quer que eu seja a responsável por terminar um relacionamento?

— Não, eu quero que seja fiel a si mesma e que fale a verdade do que sente em vez de ficar se escondendo por medo. Sei muito bem que você não sumiu nos últimos anos só por ser

rancorosa, mas sim por *medo*, e essa não é a Bianca que eu conheço.

Ficamos em silêncio, deixo suas palavras assentarem.

— Eu só tenho medo de ser a pessoa a ir atrás dela e tomar outro pé na bunda. Quer dizer, ela tem tido umas atitudes esquisitas desde que chegamos, mas...

— E se por acaso ela não tiver ido atrás porque você se escondeu tanto que *ela* teve medo de acabar levando uma patada e de invadir o seu espaço? — Ana rebate o que estou falando.

— Isso é ridículo.

— Não, ridículo é vocês não terem tido uma conversa franca sobre o elefante na sala e estarem pisando em ovos uma com a outra. Qual é a pior coisa que pode acontecer se conversarem? Se fizermos a intervenção?

— Ela nos odiar pra sempre, Diana me culpar por afastar o grupo de novo, Beca não falar mais com a gente depois de se mudar...

— São muitos “e se” inventados pela sua cabeça ansiosa. Acho que, no final das contas, só está faltando uma conversa sincera entre todas nós. E é isso. Se essa conversa vai acontecer ou não, vai depender de vocês duas.

O silêncio paira entre nós mais uma vez e é difícil pensar. A cabeça vai de um lado para o outro, sem saber no que focar, no que pensar... No que decidir.

Odeio essa sensação de que a responsabilidade está no meu colo e que, se eu não fizer nada, continuarei nesse limbo. As alternativas que Ana colocou na mesa para mim são simples: eu não superei e ela está tentando recuperar a amizade. Mas depois das últimas horas, talvez não seja só isso.

O interfone do chalé toca, chamando atenção de nós cinco.

Lu se levanta e vai até lá atender, fala algumas coisas com quem quer que seja e desliga em menos de um minuto.

— O que aconteceu? — Diana pergunta, curiosa, abaixando seu bolo muito grande de cartas para o colo.

— A recepção avisou que está tudo certo com os preparativos da despedida e a área gourmet da piscina vai estar liberada pra gente às 19 horas — Lu responde, voltando para seu lugar e pegando as cartas.

— Uhhh, mais uma festinha! — Beca brinca.

— Quem colocou essas cartas a mais aqui? — Luana a ignora, franzindo a sobrelha, indignada.

— Ninguém colocou nada aí não, eu hein! — Diana já se defende, denunciando que é claro que foi ela.

— Vou tirar um cochilo antes da festa. — Ana se levanta, quase me derrubando da rede de novo.

Concordo em silêncio e a vejo se afastar. Sozinha com meus próprios pensamentos, fecho o livro em cima de mim e encaro as nuvens, tentando organizar tudo o que escutei e vivi até agora.

CAPÍTULO 12



CAPÍTULO 12

“Algumas garotas boas fazem coisas ruins também”

Guilty Preasure - Chappell Roan

— Uau! — Beca e Diana gritam quando me veem chegando no gazebo.

Acabei ficando por último porque o idiota do Sérgio me ligou, em pleno sábado à tarde, para resolver pepino. Não consegui fugir, por mais que quisesse desligar na cara dele e o mandar para a puta que pariu. Engoli o ódio, abri o computador e perdi a noção do tempo em meio ao trabalho enquanto deveria estar descansando. É final de semana, por favor!

— Gostaram? — Dou uma voltinha tímida, mostrando o *sleep dress* de cetim preto com as costas abertas.

— Está maravilhosa! — A voz de Luana se sobressai às outras e meu rosto fica vermelho.

Ela também está linda, como todos os dias da sua vida. Com uma blusinha tomara-que-caia e saia de renda *off white*, os cachos caídos pelos ombros e um saltinho baixo delicado. Sinto vontade de elogiá-la de volta, mas pego Ana no flagra, nos olhando com mais intensidade do que deveria, e travo. Ela não disfarça, assim como Diana e Beca.

O lugar é uma graça: uma área gourmet com janelas de vidro de fora a fora, uma mesa grande de madeira maciça no centro do espaço e, no fundo, uma cozinha super equipada e brilhando de tão limpa. Já a decoração não podia ser diferente: prata e vinho, muitas flores e balões colados no teto. Na mesa principal, três bolinhos pequenos, brancos e com detalhes desenhados em vinho. Ao redor, os docinhos que reconheci serem os que comemos na cozinha na madrugada de ontem.

Todo o lado de fora está enfeitado com luzinhas iluminando o espaço ao redor da área gourmet, dando um charme na piscina. Lindo e, apesar da decoração “simples”, o local por si só deixa tudo especial.

— Seguinte, eu preparei várias brincadeiras pra nossa noite! — Diana vai até a geladeira no fundo da área gourmet para pegar cerveja. Nossa atenção se volta a ela.
— Então temos muitas atividades pra fazer com você, noivinha. Preparada?

Di volta estendendo uma *long neck* para mim, que aceito e já dou um grande gole. Elas já começaram os trabalhos e estavam só me esperando para brincarmos.

Eba, a noite toda escutando a Luana falar do noivo, tudo o que eu queria!

Não tivemos outras trocas significativas ao longo do dia por causa do trabalho inesperado, mas com certeza não estou a fim disso.

— Acho perfeito, estou pronta quando quiserem começar!

— Lu dá o aval, e Diana pega uma sacola enorme escondida debaixo da mesa, surpreendendo a todas nós.

De dentro, ela tira um véu curtinho, um buquê de flores de plástico, um caderninho fofo e

uma espécie de ampulheta rosada. Ela pega uma cadeira e arrasta até o centro do gazebo, indicando que é para Lu sentar lá. Já nós quatro, nos sentamos na frente dela.

A *playlist* toca uma coletânea de músicas nacionais de mulheres poderosas que todas nós adoramos.

— Certo, estão vendo isso aqui? — Di coloca a ampulheta na palma da mão e noto que tem um líquido na parte de baixo. — É um *tesômetro*!

— Ah, pronto! — Ana fica vermelha e dá risada.

— Quanto mais tesão a gente sente, mais rápido o líquido sobe. — O sorriso indecente de Diana cresce quando ela faz uma concha a mão e o líquido sobe bem rápido. — Viram?

— Óbvio que o seu ia subir, né? Parece que toma tesão de vaca! — Beca alfineta e Di lhe manda um dedo do meio.

— É, então você é a próxima. Faz quanto tempo que não transa? 10 meses? — Diana entrega a ampulheta para Beca.

— 8 meses! — Beca nem ao menos olha para Di, foca toda sua energia no *tesômetro* na sua frente e, alguns segundos depois, o líquido começa a subir devagar até atingir o topo com dificuldade. Beca age como se tivesse obtido sucesso.
— Viu?

— Com certeza, vi uma mulher na seca sem tesão — Diana alfineta de volta e é impossível não rir com as duas. — Ana, sua vez!

E, mesmo vermelha como um pimentão, Ana segura o objeto. Um pouco mais rápido do que o de Beca, mas ainda mais lento do que o de Diana, sobe até atingir o topo.

— Olha só, quem diria que a nossa Aninha esconde o jogo... — Diana ri. — Em quem você pensou?

— É óbvio que no Edu! — assumo a resposta antes de Ana. Ela já me jogou para a cova dos leões hoje, então nada mais justo do que eu a jogar de brincadeira também.

— Para! Eu não pensei nele! — Ana se defende.

— Aham, tá bom! — nós quatro respondemos ao mesmo tempo.

— Sua vez, Bia. — Di se levanta em minha direção e de repente fico nervosa.

É óbvio que eu ia ter minha vez também, não é nenhuma surpresa. Mas, de alguma forma, eu não havia pensado que iria ter que fazer esse experimento bobo.

— Pensa naquela pessoa que te enche de tesão, hein. — Di coloca o *tesômetro* na palma da minha mão e dá uma pequena piscadela, então fecho os olhos só para fugir da atenção que está toda em cima de mim.

Não vou pensar na Luana, apesar de ser a pessoa que me deixa molhada sem esforço algum, só de existir na minha frente. Também não vou pensar sobre meu sonho dessa noite, nem em como ela gemeu meu nome e se esfregou na minha coxa, me segurando perto de si. Também não vou pensar em como, mesmo com medo, eu queria que tivéssemos ido adiante e...

— PUTA MERDA! — Beca grita e, quando abro os olhos, o *tesômetro* não está só no seu limite como também está borbulhando sem parar.

Sinto meu rosto esquentar muito, igual o líquido me denunciando, e preciso até mesmo me arrumar na cadeira porque é claro que agora estou com aquele pulsar gostoso — e incômodo —

no meio das pernas.

— Que isso, hein? Tá cheia de amor pra dar! — Beca dá risada e eu acompanho, sem graça.

Disfarço o olhar para Luana e ela parece saber o que pensei, mesmo sendo impossível.

— Tá transuda? — Diana pergunta, sem delicadeza ou senso de preservação.

— E te interessa? — Fujo da resposta e as outras gritam, dando risada.

Não vou assumir que não transo tem uns 4 meses e o máximo que faço é virar o DJ Alok em

noite de ano novo.

— Agora é a vez da nossa noivinhaaaa... — Di canta e vai dançando em direção a Lu.

Ela também está constrangida, mas disfarça com um sorriso bobo no rosto. A tensão no ar é crescente e ela pega a ampulheta devagar.

— Pensa no seu noivinho lindo e na sua lua de mel chique naquele resort mexicano... — Di fala para a ajudar e Lu coloca todo o seu foco no *tesômetro*.

Ela até mesmo cerra os olhos, e o encara sem piscar, mas o líquido não sobe — o que me satisfaz mais do que deveria. Um climão se instaura entre nós, que trocamos olhares sutis umas com as outras, mas Lu não desiste e continua focada, tentando fazê-lo subir.

Eu a conheço bem, agora é questão de honra.

— Tudo bem, o *tesômetro* deve estar cansado... — Diana tenta resolver e acabar com a brincadeira, mas Luana a interrompe.

— Eu não acabei! — retruca, e então deposita sua atenção em mim.

Não precisa de muito. Apenas alguns segundos de intensidade comigo sendo seu alvo é o suficiente para fazer o líquido subir e começar a borbulhar, assim como o meu.

Putá merda.

O coração dispara quando Beca e Di se levantam batendo palmas e aliviando a tensão gritante que sinto.

— Tesuda, tesuda, tesuda! — as duas gritam e pulam, enquanto Ana bate palmas. Eu a acompanho, meio fora do ritmo, mas me esforço para fingir estar bem. Nós trocamos uma conversa silenciosa, uma dizendo para a outra “você viu isso, certo?” .

— Uhhh, agora vamos pra próxima brincadeira! — Diana dança dando uma giradinha e pega o caderninho. Não me dá nem a chance de absorver o que aconteceu direito e já começa: —

Alguns dias atrás, pedi pra cada uma escrever uma história sobre a Lu. Eu vou ler essas histórias em voz alta e, se ela adivinhar a dona da história, então sorteia uma prenda pra nós. Mas se errar, nós que sortecemos pra ela. — Diana abre um sorriso maquiavélico.

— Você vai ser injusta só pra eu errar, não é? — Lu já revira os olhos e cruza os braços, escondendo a diversão na voz.

— Eu? Nunquinha! — Di se faz de ofendida e pega o caderninho, preparada para ler a primeira afirmação. — “Certa vez, segurei seu cabelo pra você dar pt”.

— Ai que nojo! — Ana diz, brincando.

— Vai me falar que você nunca deu pt na vida? — Luana coloca as mãos na cintura, indignada.

— Nunca, obrigada.

— Então temos mais uma missão pra hoje, o que acham?
— Beca diz, se levantando e indo em direção à geladeira abarrotada de bebidas.

Antes estávamos bebendo cerveja, agora Beca pega o licor de jabuticaba comprado no Jacaranbar e, em vez de colocar só uma pequena dose para Ana, ela coloca uma quantidade grande até demais em um copo.

— Você tem 2 minutos pra beber tudo. — Entrega para nossa amiga, que faz careta, mas não retruca e começa a bebericar aos poucos.

É óbvio que se ela não quiser beber, não precisa, e também ninguém vai cronometrar o tempo de verdade. Nunca fomos cuzonas a ponto de forçar alguém a se embriagar, então ver a Ana beber mesmo assim, mostra que talvez ela queira, sim, perder um pouco da noção hoje.

— Bora, diga a resposta! — Diana insiste para Lu, que olha para mim e então para a própria Di.

— Tá, meu critério vai ser o dia mais traumático que já vivi com bebida, então: Diana! —

Lu responde, apontando para nossa amiga que solta os ombros do lado do corpo, se dando por vencida.

— Acertou, que droga!

— Que dia foi esse? — Beca pergunta.

— Foi no Carnaval que a gente desceu pro interior, foi... Santo Antônio do Pinhal? Aqui perto, não é? — Lu franze o cenho, tentando se recordar.

— Isso, viemos só nós duas porque *aparentemente* todo mundo tinha algo pra fazer e...

— Até eu? — interrompo, confusa, tentando me lembrar de quando foi, porque sempre passei os carnavais com a Lu.

— Foi naquele ano em que, em um dos dias, você foi visitar tua avó, lembra? — Lu já responde, deixando claro por que eu não estava presente. Concorro, ao me recordar desse dia.

Dona vovó estava numa fase triste depois da morte do meu avô, então pausei a folia um pouquinho e acompanhei minha mãe em um bate-volta até sua casa.

— Aí bebemos muito, mas muito mesmo. Acabamos conhecendo um grupo que alugou uma casa lá e ficamos o dia inteirinho com eles. De noite essa daí nem sabia quem era, passamos horas tentando encontrar a van da excursão e ela vomitou absurdos antes de voltarmos pra São Paulo.

— Diana aponta para Lu. — Juro, parecia que tinha sido possuída por um demônio, ou sei lá. Achei que ia precisar levar ela direto pro hospital quando chegássemos pra tomar uma bolsinha de glicose.

— Nossa, que exagero! Nem foi tudo isso assim. Eu só fiquei mal, mas dormi na viagem e já acordei me sentindo bem melhor — Lu se defende. — Você sabe que eu sempre melhoro depois de vomitar!

— E fedida. Meu Deus, como ela estava fedendo. Cachaça e vômito. — Diana ignora e segue dando risada.

— PARA COM ISSO! — Luana grita em meio aos risos e todas fazemos caretas. — Vai, eu acertei! Então qual é tua prenda?

— Vamos sortear pra ser justo! — Di se volta para a sacola e pega uma caixinha pequena, transparente e cheia de papeizinhos.

Ela sacode bem e estende na frente de Lu, que enfia a mão e faz suspense, decidindo qual dos papéis vai escolher. Entrega o pequeno papel rosa dobrado na mão de Di, que abre para ler e solta um sorriso aliviado. Deu sorte.

— Minha prenda é: dançar na boquinha da garrafa!

— Ah, que prenda fajuta! Não gostei! — Luana retruca em meio a uma risada e todas nós nos levantamos, fazendo uma rodinha.

Di coloca a música, eu deixo minha *long neck* vazia no centro e, no momento certo, gritamos ao vê-la descer até a boquinha da garrafa. Podia ter parado por ali, mas quando menos esperamos, estamos rindo e nos revezando para fazer a dança também.

A música acaba e, antes de nos sentarmos de novo, eu ajudo Diana e já volto para a *playlist* anterior. Di se recompõe de tanto bater cabelo ao dançar e se prepara para ler a próxima

“confissão/memória” da sua pequena lista.

— Preparada, Lu? “Eu já te vi de noiva.”

Damos risada, o clima leve, divertido.

— Isso não é justo, vocês três já me viram de noiva! — se defende e então cerra os olhos, alternando para as meninas, mas se esquecendo de mim.

Fui eu que escrevi essa, mas só porque tinha certeza de que ela ia errar. Eu não a vi de noiva

na situação atual, mas sim quando criança. E só dela falar que as três a viram, se esquecendo de mim, já responde o porquê coloquei essa afirmação. É fácil tirar o meu da reta para fugir da consequência.

— Tá, eu vou ter que chutar... Beca!

— Errou! Vai ter que pagar uma prenda! — Diana ri e aumenta o som, dançando no lugar em satisfação.

— Já estou vendo que essa noite vai ser muito injusta! — Lu retruca, brincando. — Quem foi?

Trocamos olhares em silêncio, então levanto a mão devagar.

— Posso não ter visto o vestido atual, mas até já te casei. Ou você já se esqueceu das suas centenas de casamentos?
— assumo com uma pequena timidez por estar trazendo nossa infância à tona, e Lu abre um sorriso lindo.

— *Jeremy Sumpter* foi um ótimo parceiro. — Ela olha para as outras, que esperam para escutar a história. — Nós sempre nos divorciávamos em, sei lá, 3 minutos, mas era ótimo. Tanto que eu casava de novo com ele depois.

— Acho que a gente brincava de casamento, sei lá... umas 10 vezes por final de semana. —

Dou o contexto para as outras, que sorriem com a memória que compartilhamos.

— E com quem você casava, Bia? — Beca apoia o cotovelo nos joelhos e inclina o corpo para frente.

— Sempre fui uma mulher de muitos amores, então cada semana com um diferente. —

Levanto a sobrancelha de forma metida e elas dão risada.

— Ah, me poupe!

— É sério!

— Tá, hora da prenda! — Diana nos interrompe e sacode o saquinho. Ela o estende em minha direção para escolher um papelzinho. Assim que lhe entrego o papel, ela vê o que está escrito e abre um sorriso safado para nós. — Lu, você vai precisar nos ensinar a fazer uma...

gemada!

Trocamos olhares confusos e Di tira do saco um ovo, uma tigela e um batedor de ovo, que nos faz arregalar os olhos. Quase seria um batedor comum para fazer uma gemada,

se o lado de segurar não tivesse um pinto de borracha balançante. Chocadas, começamos a rir tanto que não precisa de muito para minha barriga começar a doer.

— Você só pode estar brincando! — Luana coloca a mão na boca, segurando a risada.

— Não, senhora! Pode começar. — Diana quebra o ovo na tigela e coloca *Perigosa* das *Frenéticas* para tocar.

A risada só aumenta enquanto Luana bate o ovo com um movimento que, se não fosse aquele utensílio indecente, não teria nada de mais. Infelizmente — ou felizmente para a nossa diversão — o pinto de borracha na ponta transforma a ação quase em uma punheta enquanto ela tenta não desconcentrar com nossos gritos.

— Que nojo! Esse negócio é melequento e grudento! — Lu retruca, fazendo careta, mas sem parar de “bater gemada”.

— Deixa eu fazer um pouco! — Beca estende a mão e pega o utensílio de Luana.

Ela segura com a mão cheia — mesmo que o pinto de borracha não seja grande —, e faz caras e bocas enquanto bate a gemada com força.

— Nossa senhora, tá bom, tá bom... Chega! — Diana faz uma careta e arranca tudo da mão de Beca. — Fala sério, garota. Você está desesperada, por acaso?

— Eu hein, me deixa brincar!

Beca zomba e volta a se sentar, e assim seguimos por horas. Diana inventou tantas brincadeiras que não sei da onde ela tirou tudo aquilo — bem provável que do Tiktok — e nos embebedamos em meio a risadas e histórias que

vivemos juntas ou separadas. O foco, diferente do que imaginei, foi em nossa amizade, e não no João Pedro.

Elas me fazem lembrar do quão boa a vida é. Nos últimos anos, me afastar por estar amargurada só me fez entrar em buracos internos que eu não queria acessar. Comecei a duvidar mais de mim, não vou negar... Coisa que elas não me deixariam fazer se estivessem por perto como costumavam estar.

Amizades femininas são a forma de amor mais pura que eu já experienciei, e não quero perder isso de novo. Nunca.

— Meu cigarro acabou! — aviso quando abro a caixinha e a encontro vazia.

— Eba, chega de estragar o pulmão! — Ana levanta as mãos para o alto, comemorando.

— Só que não! Vou pegar mais um maço na mala e já volto, tá? — Elas concordam e seguem na festinha.

Apesar do caminho escuro e pouco iluminado por alguns postes antigos, vejo luzes no enorme prédio principal perto da área gourmet, indicando os quartos que estão com hóspedes e os que estão livres. Como Luana quis o chalé privativo para nós, tenho que caminhar para um pouco mais longe, depois do enorme jardim que divide o terreno ao meio. Vou rápido, porque tudo está muito silencioso e eu tenho medo de ambientes assim.

Nem ao menos olho para trás, com medo de encontrar alguém ou algum bicho, e quando vejo o chalé se aproximando no fim do jardim, dou uma corridinha até dar a volta nele e alcançar a escada frontal. Deixei as luzes já ligadas de propósito, para não chegarmos tarde no completo escuro, já pensando na bebedeira futura.

Como todas as luzes são indiretas e estou sozinha, o ambiente, que deveria ser acolhedor, fica um tanto quanto assustador.

Subo as escadas, ainda sem olhar para trás, e acendo a luz do hall e dos dois quartos, só para garantir. Sim, vou deixar a casa inteira ligada.

No quarto, encontro meu último maço fechado na mala e, antes de descer as escadas de novo, escuto a porta da frente se abrindo, o que me faz ficar em alerta.

— Bia? — A voz de Luana ecoa pelo chalé e eu posso respirar.

— Tô aqui em cima! — respondo e já volto para a escada.

Eu a vejo na sala, com seu vestido branco, e colocando o véu na banquetta da bancada que divide a sala da cozinha.

— Precisamos levar alguma coisa pra festa? — pergunto, descendo as escadas, e Lu nega.

Ela está nervosa, consigo ver a maneira que aperta a barra da sua saia. — Veio usar o banheiro?

Quer vomitar?

— Quê? — Lu nega com mais rapidez agora, como se estivesse espantando o constrangimento do que falei. — Não, eu não quero ir ao banheiro, só...

Paro no primeiro degrau e ficamos da mesma altura dessa forma. Procuro sinal de que tem algo de errado acontecendo em seu rosto, mas em vez de falar algo, Luana só me beija.



CAPÍTULO 13



CAPÍTULO 13

“Me toque, querida, coloque seus lábios nos meus

Podemos ir para o inferno, mas provavelmente vamos ficar bem”

Naked in Manhattan - Chappell Roan

Ela segura o meu rosto no seu e me beija com tanta vontade que fica até difícil de entender o que está acontecendo. Sua boca está ainda melhor do que me lembro: macia, gostosa, molhada, quente...

— Luana, o que você está fazendo? — Afasto-a pela cintura e procuro sinais do que está acontecendo em seu olhar.

— Eu também não sei, só... — Luana leva o polegar até meu lábio inferior, me fazendo fechar os olhos quando encosta a testa na minha. — Eu preciso de você, pelo menos uma vez.

Abro os olhos com a confissão inesperada, e aqueles pouquíssimos segundos em que fitamos fundo uma a outra parecem durar uma eternidade. Ela explode medo, mas, ao mesmo tempo, um desejo incontável.

Concordo, e assim que o primeiro momento de choque some, percebo não ter um fio de sanidade dentro do meu corpo que me faça afastá-la de mim. Agora é a minha vez de beijá-la, e eu faço isso liberando tudo o que estava contido dentro de mim nos últimos anos. Seguro-a com firmeza e desço do último degrau, pressionando-a na parede para não poder fugir de mim, mesmo sabendo que ela não vai a lugar algum.

Minha mão vai direto para sua nuca. Seguro os cachos definidos e cheirosos enquanto ela aperta minha cintura com tanta força que tenho medo de me desmontar.

Faz dois anos que sonho com esse toque. Que comparo qualquer pessoa que me relaciono com ela. Dois anos desejando que Luana me devore como agora.

Sua mão vai em direção a minha bunda e ela pressiona o quadril no meu. Gemo em sua boca, e o desespero faz com que eu também precise tocá-la. Sinto suas costas, sua cintura, sua bunda, seu peito... Porra!

Ela toca meu quadril, desencosta da parede e me empurra para a sala.

Um sorriso escapa dos meus lábios, e deixo que me leve até o enorme sofá em L. Sento, sem pensar ou teimar. Luana pode fazer o que quiser comigo agora que só irei aceitar.

Percebo que estou tremendo, a adrenalina correndo para deixar claro que isso está acontecendo de verdade, e que dessa vez não é um sonho com um toque inconsciente. Luana me observa como se fosse uma leoa, e eu, sua presa. A boca vermelha pelos beijos entreaberta, a respiração cortada, o cabelo caído pelos ombros e algumas pequenas mechas caídas no rosto, mas sem me impedir de admirá-la dessa forma.

Foram apenas alguns momentos longe do seu toque e já estou desesperada, querendo por

mais. Viciada por ela.

Levanto a mão trêmula para sua perna desnuda pelo vestido, acima da altura do joelho, e faço um carinho desde sua panturrilha até chegar no meio da sua coxa. Mantenho meus olhos fixos nela, me divertindo quando a vejo fechar os olhos e prender a respiração. Posso sentir cada arrepio correndo seu corpo.

Não interrompo o toque, mas a puxo para se sentar em mim. A visão dela levantando o vestido e abrindo as pernas para se encaixar no meu colo me deixa ainda mais molhada. Seguro sua bunda e ela coloca minha cabeça de lado, pedindo por meu pescoço, e logo o toca com seus lábios deliciosos. Ela distribui pequenos beijos e chupões em minha pele, e eu faço o mesmo em seu ombro.

Aos poucos, me deito com ela se encaixando em cima de mim. Seu semblante derrama luxúria e toma conta de mim.

Ela me envolve com o seu calor e sorri quando vê a alça do meu *sleep dress* cair enquanto se ajeita em mim. Morde minha boca, me puxando para ela, e então desce devagar até minha mandíbula, fazendo todo o caminho até meu ombro. Seguro seu quadril largo e fecho os olhos, aproveitando a sensação dos lábios quentes em minha pele de novo.

Me arrepio quando seus dedos deslizam pela alça, abaixando-a ainda mais, e o ar gelado toca meu mamilo. Luana levanta o olhar para mim, pedindo permissão para seguir adiante, e eu autorizo sutilmente com a cabeça. Ela segura meu peito com desejo, e o chupa com ainda mais vontade. Quero falar todos os palavrões existentes no mundo, quero deixar claro que não quero que ela pare,

mas não consigo. Tenho medo de estragar o momento e de fazer ela cair na real do que está fazendo.

Porque é óbvio que eu sei que não deveríamos estar assim, mas, ao mesmo tempo, pau no cu do João Pedro. Quero mais é que ele se foda.

Enfio a mão entre seus cachos e encaixo o joelho no meio de suas pernas, abrindo caminho até onde quero chegar. Luana arfa com a pressão e quero descobrir por conta própria o quanto está molhada.

— Estou o dia todo pensando no que aconteceu de manhã... — Lu sussurra em meu ouvido e eu coloco um pouco mais de pressão. — Você não devia ter fugido.

— Fiquei com medo de como você reagiria — respondo e beijo sua boca, então tamborilo os dedos por sua coxa até tocar em sua bunda desnuda. — Mas faz muito tempo que eu quero fazer isso com você.

Subo um pouco mais e descubro que ela está usando fio dental, com certeza quer me matar.

— Me diz que você colocou essa calcinha de propósito... — pergunto, e ela se afasta para me ver, mordendo os lábios.

— Faz diferença?

— Podia ser uma calcinha velha furada, o que me interessa é *quem* está usando.

Passo o dedo devagar por cima da renda, e Luana fecha os olhos, aproveitando o momento.

A renda está encharcada, o que me deixa ainda mais molhada. Não preciso pedir permissão para seguir, seus olhos imploram para que eu a toque.

Faço primeiro sob o tecido, colocando um pouco de pressão nos dedos para que ela possa me sentir. E então, puxo o tecido de lado e mordo seus lábios quando sinto o quanto ela está melada, pingando por mim. Faço carinho em seu clitóris e seu gemido é combustível para eu fazer ainda mais.

Coloco um dedo dentro dela e Luana se contorce em cima de mim. Está quente, gostosa...

Beijo seus lábios com vontade, invadindo sua boca enquanto a sinto me envolver. Assim que

retoma os sentidos, sinto sua mão tatear meu corpo e procurar por mim por baixo do vestido.

Sorri em meus lábios quando encontra meu estado, talvez até pior do que o dela, e volta a me beijar quando começa a me masturbar.

Isso é certo, nós duas juntas. Não tem como negar. Ela é perfeita e tudo se encaixa. Seu cheiro, nosso beijo, nosso calor... Porra, fomos feitas uma para a outra!

Seus gemidos aumentam e eu pulso com tanta força que sei que só não gozei ainda porque quero que ela goze para mim primeiro. Quero ela nas minhas mãos, implorando por mim.

Mordisco seu queixo e seu pescoço, dando suaves chupões na área enquanto aumento a velocidade dos movimentos, fazendo-a rebolar. Escuto seu choramingar em minha orelha.

— Bia, eu quero gozar... — Luana implora, parece até mesmo estar me pedindo permissão para se soltar.

Como se precisasse que eu a autorizasse. Achei que já havia deixado claro o que quero que ela faça. Continuo fazendo como ela está gostando, e sei que está quase chegando lá quando começa a ter dificuldade de manter o ritmo da própria mão em mim. Amo ver o quanto estou desnorteando-a.

Falo a única coisa possível que poderia sair da minha boca agora:

— Eu quero que você goze para mim, Lu.

Firme, sem floreios. Só a verdade.

Luana me obedece, seu corpo treme e não paro por todo o tempo em que ela goza. Até seu corpo começar a amolecer no meu e o sorriso bobo de quem está satisfeita surgir no seu rosto.

Nos beijamos devagar, enquanto tentamos recuperar o fôlego. Fico contente por tê-la feito ter um orgasmo, por saber que ela se derreteu por mim.

— Que droga, Bia! — Sobe os beijos até minha orelha e a mão até meu peito. Sinto um arrepio por todo o meu corpo. Ela segura o mamilo com firmeza, beliscando e sorrindo perto demais. — Por que você tinha que ser tão gostosa assim?

Não consigo responder. Escutar o que queria tanto ouvir nos últimos 2 anos me deixou desnorteada.

— Quero sentir o seu gosto... posso? — Luana morde meu lóbulo, e meu estômago se contorce.

Sorrio e concordo devagar, a antecipação faz a pulsação se intensificar mais uma vez. Ela me dá um beijo, mas engatinha de ré, passando o nariz e os lábios por todo o

meu corpo até estar no meu tornozelo. Ao colocar as mãos na minha calcinha, com os olhos fixos em mim, levanto o quadril e lhe dou espaço para se livrar dela. Joga o tecido no chão e me admira, como se fosse a pessoa mais linda que já viu antes.

É assim que ela me faz sentir.

Luana beija meu ventre, então desce para minha coxa e a antecipação dos seus movimentos parece que vai me matar. Ela me olha, se divertindo com minha respiração pesada. Passa a língua devagar, me saboreando como disse que queria, então me mordisca.

Não consigo tirar os olhos dela nessa posição, não consigo não levantar o quadril e o pressionar em sua boca. Luana me aceita por inteiro. Com uma mão, agarra minha bunda e a levanta para si, e com a outra, faz eu arquear as costas quando enfia os dois dedos e me chupa como ninguém nunca chupou antes. Ela tem fome e faz tudo me olhando, o que me deixa com ainda mais tesão.

Quero ficar aqui para sempre. Quero senti-la em mim e para mim quando eu quiser. Toco meu próprio peito, massageando-o enquanto rebolo em sua boca.

Devo parecer uma adolescente de 15 anos, porque tão rápido quanto começou, eu gozo. Não

seguro meu gemido e Luana não para de se deliciar até o tremor tão familiar e gostoso em meu corpo diminuir. Me solto no sofá, cansada.

Ela ri baixinho, se diverte com a situação em que me deixou, dá um beijo suave em minha coxa e sobe até meu rosto.

A Bianca de ontem, que chegou nesse chalé com o discurso de “superada”, estaria chocada e em negação se soubesse o que ia acontecer, sem mais nem menos.

Beijo Luana, quero sentir meu gosto em sua língua, o que desperta minha vontade de senti-la agora. Abraço seu corpo e nos beijamos intensamente por alguns segundos, mas, quando achei que pudesse fazê-la se deitar debaixo de mim, ela se afasta com selinhos delicados, arrumando minha franja com cuidado.

— Acho melhor a gente voltar, ou então elas virão atrás da gente — fala suave e passa o nariz no meu, como um carinho.

A realidade cai em mim como um balde de água fria. Nunca, em toda a minha vida, pensei que em algum momento estaria vivendo uma situação dessas. Uma versão sáfica de Rory Gilmore esperando pelo casamento — dos outros.

O que a gente fez?

CAPÍTULO 14

LUANA



CAPÍTULO 14

“Eu deveria gostar desse cara, mas seria apenas perda de tempo Ele realmente não faz o meu tipo”

Girls - girl in red

Que merda eu fiz?

Apoio a mão na pia e encaro meu reflexo. Agi por impulso e o pior é que não me arrependo.

Parece que desde que ela saiu daquele carro, eu acordei de um coma, ou sei lá. A sensação é que eu estou errando, sem parar.

A essa altura do campeonato, eu deveria ter certeza da minha vida. Até porque, daqui a 3

semanas, vou subir no altar com um homem que nas últimas 36 horas só passou pelos meus pensamentos para me trazer desconforto. Só consigo pensar que talvez eu não esteja fazendo a escolha certa.

— Lu, tá tudo bem? — Bia pergunta do lado de fora do banheiro.

Não, quero responder.

— Tá, sim! Eu já tô indo, só me dá mais um minutinho! — respondo, me esforçando para soar tranquila, mas quero jogar uma água em todo o meu rosto e respirar um pouco de ar fresco.

Não posso destruir a maquiagem, então molho apenas minha nuca e olho para o alto. Tento respirar, mas o ar tem dificuldade de chegar. Nunca fui impulsiva, sempre pensei tanto antes de tomar uma decisão. E agora, de forma tão simples, cometi um grande erro. Não que ter ficado com Bianca seja um erro, porque não é... Na verdade, meu coração grita que foi o único acerto que fiz em muito tempo, e me pune por ter sido uma covarde 2 anos atrás.

Agora tem muito mais envolvido, tem o João Pedro, nossas famílias, nossos amigos...

Estou uma bagunça e acabei de arrastar Bianca para essa bagunça comigo.

Abro a porta do banheiro e ela me espera de pé, perto da porta do chalé. Seu cabelo agora está ajeitado, assim como o vestido, mas os lábios estão inchados e consigo ver as pequenas marquinhos que deixei em seu pescoço. Continuam claras, mas com certeza ela irá se lembrar de mim pelos próximos dias. Espero que não se lembre com raiva, apesar de imaginar que talvez seja assim que irá me ver por arrastá-la para uma situação que sempre foi tão contra.

— Estava pensando, se elas perguntarem por que demoramos, eu posso falar que o Sérgio estava me ligando e eu tive que resolver um problema com ele — diz, insegura com a minha reação.

— Pode ser, eu digo que estava te esperando.

Ela concorda, chateada. É óbvio que está assim, não merece estar nessa situação. Ela é corajosa, forte, não abaixa a cabeça para os outros e tem um coração tão raro de existir...

Bia abre a porta quando me aproximo e desce as escadas do chalé na minha frente. Eu a

acompanho enquanto começamos a curta caminhada até a festa. Não conversamos durante todo o trajeto, até a música ficar cada vez mais alta, indicando que estamos chegando.

É basicamente a volta da vergonha. Estou me sentindo um cachorro que está levando uma bronca porque foi pego

destruindo o sofá. Nesse caso, a bronca é que acabei de trair meu noivo com a Bianca.

E eu faria de novo, sem parar.

Não posso arriscar deixá-la no escuro mais uma vez, ou deixá-la fugir por mais anos, porque é o que ela vai fazer depois de hoje, ou do casamento.

— Bibi — chamo com a voz tão baixa que quase não sai. Ela se vira com os olhos brilhando, mas não de felicidade.
— Sobre o que acabou de acontecer...

— Não precisa se explicar, Lu. — Ela força um sorriso e coloca o cabelo atrás da orelha.

— Mas eu quero me explicar! — Dou alguns passos para ficar na sua frente e fazê-la parar de andar.

Bianca cruza os braços na frente do corpo, olha para a piscina por um pequeno momento e depois me encara. É a oportunidade que eu tenho.

Abro e fecho a boca algumas vezes, tentando organizar os pensamentos para não falar besteira, mas nada sai.

— Eu sei, não significou nada — ela suspira, desviando de mim e indo até a área gourmet.

— Voltaram! — Rebeca grita de longe, chamando nossa atenção e interrompendo a tentativa frustrada de uma conversa. Joga os braços para o alto e corre em nossa direção. — Cansei de esperar!

Diana tenta agarrar seu braço, impedindo-a de vir até nós. No fundo, vejo Ana dançando como uma patricinha americana em cima da mesa, com uma garrafa de cerveja

na mão. Só quando as duas malucas se aproximam é que percebo Diana molhada da cabeça aos pés.

— Mas que porra aconteceu aqui... — Bianca murmura, tentando ligar os pontos.

Beca e Diana começam a lutar de verdade. Ou quase de verdade. Uma puxa a roupa da outra, se impedindo de andar. Rebeca tenta falar algo, mas Diana se lança em sua boca e a tampa com a mão. Logo em seguida, a solta, gritando de nojo porque Rebeca lambeu sua mão inteira.

É no momento em que elas levam a briga para a grama que corremos em direção a elas.

— O que está acontecendo? — grito, procurando uma brecha para puxar Rebeca sem que elas se machuquem. Diana tem o cabelo e a roupa pingando, e agora está cheia de grama grudada em todo o seu corpo. — Por que ela está molhada?

— Ela foi arremessada na piscina! — Rebeca grita e tenta fugir do agarrão de Diana. Puxo-a para trás mais uma vez.

— Eu vou acabar com você, sua rapariga! — Diana se lança para frente e Bianca faz força para segurar sua cintura.

— Por que vocês estão brigando, malucas? — Bianca grita, tentando empurrar Diana para longe.

Nós quatro nos levantamos, meio cambaleantes, comigo e Bianca as mandando uma para cada lado. Beca, ofegante, firma os pés no chão e se vira para mim, segurando meus braços.

— Amiga, nós precisamos conversar. — O olhar dela é intenso e ela puxa o ar com força para poder falar. Sua

mão sobe em direção ao meu rosto e deixo que ela me faça carinho.

— Ah, não... — Bianca murmura, então solta Diana e as duas correm para tentar pegar Rebeca.

— Eu cansei de esconder! — Rebeca grita para as duas e foge, me deixando parada no meio do gramado, entendendo menos ainda o motivo de Bianca ter se juntado à perseguição.

— Isso é ridículo! — grito para elas, que me ignoram.

— Você vai ficar quieta! — Diana grita de volta e as três parecem brincar de pega-pega pelo jardim pouco iluminado entre a área gourmet e a piscina.

— Rebeca, para! — Bianca grita também.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo? — Giro no lugar, tentando acompanhar a perseguição que não faz um pinga de sentido.

— Uma intervenção! — Ana grita ao longe, com a voz bêbada e dando risada sem parar de dançar.

A realidade me atinge, e entendo até mesmo as conversas e cochichos que as vi trocarem desde que chegaram, achando que eu não veria.

— Intervenção de quem? — pergunto para as três, que me ignoram. Eu sei a resposta, mas quero que elas parem de idiotice e falem na minha cara, então grito mais alto: —

INTERVENÇÃO DE QUEM?

Eu nunca grito, então elas param, assustadas. O grito serve para que as coisas se acalmem, ou pelo menos fiquem parecendo menos com um hospício. Elas trocam olhares, e

quando Beca dá um passo em minha direção, Bianca a impede, segurando seu braço.

— Nós já conversamos sobre isso, Rebeca — Bianca diz, entre dentes. — Não. É. O.

Momento.

— Não, vocês podem continuar fingindo o quanto quiserem, mas eu não vou mais. Está errado — Rebeca diz, esperando Bianca soltar seu braço. Elas se fuzilam com o olhar.

— Então tá, faz a merda que você quiser. — Bianca a solta e Beca se vira para mim.

Ela levanta o nariz, determinada, então alterna o olhar entre nós três. Diana parece apoiar a Bianca, mas todo esse teatro já cansou. Eu quero saber o que está acontecendo.

A merda já bateu no ventilador, então agora a gente aceita e arca com as consequências dessa intervenção.

— Rebeca? — Dou abertura para a mais brava de nós seguir.

— Eu te amo, você sabe disso. Você é uma mulher incrível e não tem uma pessoa que te conheça que não te ame... Mas você não pode se casar. Você não é mais você, Luana! Não sorri como antes, se fecha em toda oportunidade que aparece e não ama ele. Não adianta você falar que ama porque todo mundo sabe que é mentira! Seus olhos não brilham para ele! Desde que chegamos aqui, você se ilumina quando estamos juntas nos divertindo, mas é citar o João Pedro, ou o casamento, que você murcha. Sua vida é um homem que não se esforça por você, e você está se deixando levar e aceitando uma vida que não te cabe!

Apesar de tentar segurar as lágrimas, é impossível não deixar que escorram pelo meu rosto enquanto ela despeja tudo em meu colo. Rebeca não poupa palavras, nem ao menos tenta falar com jeitinho. Ela é dura, brutal até demais, e fala tudo o que já estava pairando na minha mente há meses.

— Como você pode ter tanta certeza? — pergunto com a voz trêmula.

— Olhe ao seu redor, nada disso é você! Essa decoração, essas cores... Você nem ao menos quer escrever os votos do seu casamento! Eu sei que muitas pessoas terceirizam essa etapa, mas não você! — Rebeca toca meus braços e não presta atenção em mais ninguém além de nós duas.

— A Luana que *eu* conheço, *nunca* terceirizaria algo tão importante. Ela *nunca* se casaria com alguém por quem não é completamente apaixonada, e você sabe muito bem que não ama ele!

Por um lado, sinto como se aquele sonho que um dia existiu estivesse desmoronando de verdade. Ele já não era muito forte em meu coração, por causa de todas as inseguranças e questionamentos que não desaparecem, mas agora, parece que se tornou real.

É como se eu precisasse de uma pessoa de fora para jogar tudo na minha cara e me fazer acordar para a vida.

— As coisas não são fáceis assim, você não sabe de tudo o que eu vivo e... — Tento me esquivar da briga porque não quero falar sobre isso bem agora, não depois do que aconteceu no chalé, mas Rebeca me interrompe.

— Não fuja! Eu sei muito bem do que você vive! Sei que está se escondendo atrás dele e dessa vida perfeita que ele e os pais têm pra agradar os *seus* pais.

Meu peito se aperta e não respondo. Preciso sair de perto delas, então desvio e caminho a duros passos até a área gourmet para me sentar. Escuto passos correndo atrás de mim.

— Eu estou falando com você, Luana! Não adianta dar as costas e fingir que-

— Chega, Rebeca! — Bianca dá um chega para lá em nossa amiga. — Você já falou o que tinha que falar, ficar forçando e colocando ela contra a parede não vai ajudar em nada!

— Lu, fala comigo... — Diana se adianta até mim e puxa uma cadeira para eu me sentar.

— É por isso que você não queria que ela falasse comigo? Você não concorda com ela? —

pergunto enquanto Diana divide a atenção entre mim e Ana, que segue em cima da mesa. Di segura a mão da nossa amiga e a ajuda a descer.

— Eu... eu concordo, sim, amiga! — Diana fica sem jeito.

— E vocês têm falado de mim pelas costas? — Começo a ficar irritada. — Vocês deviam ser minhas amigas! Nenhuma de vocês tentou falar comigo antes pra *agora* virem com esse papinho de intervenção.

— A gente tentou, sim! — Diana se ajoelha na minha frente, me obrigando a olhar para seu rosto. — Mas você tinha acabado de ficar noiva e não tivemos coragem. Depois não surgiu nenhuma oportunidade, e...

— Gente, chega. Vocês já falaram o que tinham que falar, isso não vai levar a lugar nenhum... — Bianca se posiciona, sua voz firme.

— E você? — Me viro para ela. — O que você acha disso tudo?

— Eu não tenho que achar nada, Luana. — Bia umedece os lábios e olha para longe. — Eu não sou mais parte da sua vida, não tenho direito de me meter no que você está fazendo.

— Não? Você tem certeza disso? — pressiono.

— A Bia foi a única contra essa intervenção e não tem nada a ver com isso, então não desconta nela. — Diana a defende, alheia a situação.

— Não tem nada a ver com isso? — Solto uma risada nasalada. — Ela tem *tudo* a ver!

— Você quer mesmo ouvir minha opinião, Luana? — Bia franze a sobancelha e eu assinto.

— Então tá. A Rebeca falou tudo da forma mais torta possível, mas a pergunta que não quer calar é: o que *você* está fazendo? Porque nós sabemos a resposta, mas e você?

Bianca carrega julgamento no olhar e isso me dói.

— Ontem mesmo você estava me falando que está perdida e agora quer me fazer a mesma pergunta, Bianca?

— Estar perdida em relação à carreira é uma coisa. Agora, estar perdida a ponto de estar com casamento marcado com um homem que não ama é outra! — A raiva toma conta do seu rosto.

Faz uns bons anos que não brigamos.

— Eu não sabia que vocês detestavam o João Pedro tanto assim!

— Parem com a violência... — Ana fala baixo no meio da gritaria, nos fazendo olhar para ela e, então, a ignorar.

— Você não está entendendo nada, não é mesmo? — Bianca revira os olhos. — O problema

não é ele, é você!

— Amiga, a gente te ama e só quer o seu bem, estamos falando essas coisas porque estamos preocupadas. — Diana tenta baixar o tom da briga.

— Esse cara não é o certo para você e você está fazendo a maior burrice da sua vida! —

Rebeca ataca.

— Não dá para falar com vocês agora... — Me levanto, ameaçando ir embora.

De novo, como uma covarde, fugindo e me escondendo.

— E quanto a mim, Luana? — Bianca diz, me fazendo parar de andar e fechar os olhos. —

Sei que falei que não precisava se explicar, mas agora eu quero saber o que você estava pensando.

— É verdade, não dá para você dar um fora na Bia e agora a chamar pra ser madrinha do seu casamento. Tudo bem que a gente ficou botando pilha para ela aceitar e vocês se resolverem, mas parece que vocês nunca vão sentar e ter uma conversa de verdade uma com a outra! —

Rebeca a defende.

— Não estou falando só disso, Beca — Bianca assume, sem vacilar o olhar. Ela vira a cabeça de lado e vejo uma lágrima caindo por sua bochecha.

— Eu não sei o que te falar agora. Não sei o que fazer, não sei o que estou sentindo, não sei o que será do meu futuro, e...

— Você tem que ser responsável pelo que faz, Luana! Não pode aproveitar do fato de eu ser apaixonada por você para me comer no chalé a hora que quiser!

Um soco na boca doeria menos.

— E você não acha que eu estou querendo morrer por te colocar na minha confusão? —

Minha voz treme.

— Não parecia que estava sofrendo dez minutos atrás! — Bianca cruza os braços, nós duas não paramos de chorar.
— Eu sei que também não sou nenhuma santa, mas agora você teve sua pequena aventura e vai seguir o plano de casamento com o idiota perfeito que seus pais escolheram pra você. Como você acha que eu estou me sentindo?

— Vocês transaram? — Di pergunta, assustada.

— Transamos — Bianca responde, sem dar muita abertura.
— Faz anos que sou apaixonada por você, me afastei para não sofrer, e mesmo assim decidi ser sua madrinha e vir nessa porra de despedida de solteira em consideração a nossa infância juntas. Eu engoli meu orgulho e qualquer sentimento que surgiu ao estar do seu lado enquanto-

— Você acha que eu estava vivendo minha vida sem problemas e com a cabeça em paz?

Vendo você sendo a porra da mulher perfeita, que gostava de mim, e sabendo que destruí tudo?

Não foi fácil para mim também!

— Não pareceu ter sido difícil quando aceitou casar com ele.

— Eu achei que você me odiasse! Tentei te encontrar algumas vezes com ajuda das meninas e em todas você fugiu de mim. Eu sei que fiz merda quando te dei um fora, mas não é fácil para todo mundo ser segura com a própria vida como você é!

— Amiga, já pensou que você pode estar vivendo uma heterossexualidade compulsória, que-

— Quê?! Do que você está falando? — Interrompo Di, que fica quieta no mesmo instante.

Minha cabeça explode com tudo, querendo fugir do fato de que talvez ela tenha razão. Me viro para Bianca de novo. — Eu segui minha vida porque não achei justo te envolver na minha própria bagunça, do mesmo jeito que você seguiu com a sua! Você queria que eu fizesse o quê, Bianca? — rebato, o corpo inteiro tremendo.

— Que parasse de ser uma covarde! Que enfrentasse seus pais e vivesse a *sua* vida. Não precisava nem ficar comigo, mas nós *cinco* sabemos que você não ama esse homem de verdade.

Que só está com ele por comodidade, porque seus pais o aceitam.

Choro. E a verdade que eu já sabia existir, dói a cada palavra saída da sua boca. Sei que ela tem razão.

Bianca se aproxima de mim e levanta o nariz. Ela está muito sentida, eu a magoei de verdade. Todas nós nos magoamos. A única que está saindo ilesa é a Ana.

— Espero que pense em você uma vez na vida, Luana. Do mesmo jeito que você fez no chalé agora a pouco. Que faça algo porque você quer, e não porque mandaram. Ninguém merece ser infeliz.

Bia se vira em direção ao chalé, e vê-la se afastar de mim é a única coisa que sei não querer ver mais.

CAPÍTULO 15

B I A N C A



CAPÍTULO 15

*“Acho que poderíamos fingir que não cruzamos uma linha
Mas desde aquele dia tudo mudou”*

Kaleidoscope - Chappell Roan

Tirei minhas coisas do quarto e dormi no sofá.

Estou irritada, magoada, decepcionada e o pior: me sentindo usada. Não sei o que aconteceu depois que fui embora da festa e fingi estar adormecida quando as meninas voltaram para o chalé. Não escutei nada, todas estavam em silêncio e esse clima de velório está presente no café da manhã. O de ontem foi divertido e em clima de união, mas hoje está cada uma na sua e sem se atrever a começar uma conversa. Só é possível escutar o som dos talheres.

As malas de nós quatro já estão todas na sala, assim como já estamos trocadas e prontas para ir embora. Luana segue de pijama, ela só vai mais tarde.

Passamos dos limites ontem e a conversa teve uma crescente que não deveria ter tido. Me arrependo do descontrole, de não ter tido cuidado com as palavras e de ter magoado ela, mesmo estando muito magoada também. É por isso que todas sempre pedem minha opinião nos assuntos: eu sou a pé no chão do grupo. A que sempre tenta resolver os assuntos de forma diplomática e no melhor momento possível.

Dessa vez, não consegui ser assim.

Olho para Luana de canto de olho, ela tem olheiras profundas e o rosto inchado de quem chorou a noite toda. Eu também estava assim, mas escondi com corretivo para ninguém perceber.

— Me passa o leite, por favor? — Ana pede com a voz baixa, e Diana entrega a caixa de leite para ela.

— Tem bolo de ontem. Se não comerem, vai pro lixo — Luana diz, sem ânimo algum.

Ana entende o comentário passivo agressivo e logo vai até a geladeira, pega o bolo e coloca em cima da mesa. Diana serve um pedaço para elas, mas eu recuso. Estou sem fome alguma.

Como apenas uma banana para não viajar de estômago vazio, até porque, não sei se faremos alguma parada na estrada.

— Lu... — Rebeca a chama com a voz baixa. — Será que podemos conversar antes de a gente ir embora?

— O que mais você quer jogar na minha cara, Rebeca? —
Lu está na defensiva, o que é compreensível.

— Não me trate assim, por favor! — Beca respira fundo e deixa o talher no prato. — Me desculpa por ontem. Se eu não estivesse bêbada, nunca teria usado aquela abordagem tão estúpida, não foi minha intenção. Devia ter tido aquela conversa de outra forma, e assumo total a culpa por tudo. Se quiser me odiar pelo resto da sua vida, vou entender. A gente combinou não

falar nada durante esse fim de semana e... Enfim, só queria te pedir desculpas.

Ficamos todas em silêncio, esperando para ver a reação da Luana.

— Eu só preciso de um tempo para processar tudo o que ouvi e... pensar na minha vida.

— Tudo bem, eu te dou o tempo que você quiser.

— Só queria lembrar que na próxima semana nós temos a última prova do vestido de madrinhas! — Diana comenta e olha para mim. — Estaremos todas lá se você ainda permitir, não é, meninas?

— Acho melhor eu não ser madrinha mais. — Aperto os lábios e meu olhar encontra o de Luana. — Já não tinha clima antes, mas agora... Não ficaria confortável nessa posição e acho que você concorda comigo, certo?

Ela confirma e passamos o restante do café em silêncio total, com muitas coisas para refletir.

Assim que termino de comer a banana e beber a xícara de café, peço a chave do carro para Rebeca e vou levando as malas para o estacionamento, tudo para acelerar nossa

partida. Fico fumando e esperando do lado de fora, até as três aparecem na porta do chalé.

Luana sai também e elas se despedem uma a uma. Existe uma pequena conversa baixa acontecendo em cada abraço, sei disso porque Luana chora e passa a mão nos olhos para secar as lágrimas. Ela abraça até mesmo Rebeca, sei que vão ficar todas bem, só precisam deixar tudo esfriar um pouco para se acertarem.

Uma a uma, minhas amigas descem as escadas, enquanto Luana continua lá em cima, observando-as se afastarem e nosso final de semana terminar. Tenho certeza que ela imaginou que a viagem fosse terminar de outra forma, a pensar em tudo o que planejou para nossos dias.

Agora, vendo-a lá em cima, a sensação que tenho é que essa é a última vez que nos veremos.

Então, antes de entrar no carro, guardo a cena na memória: Luana abraçando o próprio corpo com o pijama de Frajola, cabelo atrás da orelha e pés descalços. O semblante triste, diferente de quando chegamos.

Talvez eu nunca a supere, mas está na hora de tentar de verdade.

CAPÍTULO 16



“Hoje eu sinto tanto não ter você e nem o tempo fez eu te esquecer Pra que chorar se você não vem?”

Fim de tarde - Fat Family

Comprei um fone anti-ruído só para fugir de qualquer um que queira falar comigo no trabalho essa semana.

Não estou de bom humor e não quero ficar de conversa fiada com o povo do escritório. O

que eu puder fazer sem falar com os outros e por e-mail, eu farei. Fugi de todas as reuniões nos últimos 10 dias e nem sei como consegui tal proeza com Sérgio me atazanando a cada instante.

Dele não consegui fugir.

Ele aparece na minha mesa de propósito, só para me irritar, com seu jeito arrogante e cheio de si. Se acha tão mais inteligente, tão mais experiente que todo mundo, só por ser mais velho.

Quando, na verdade, ele é um pamonha que só está aqui devido aos contatos. É, quem não tem indicação, não tem nada hoje em dia.

E cada novo documento desse cliente que deveria ser meu, é um lembrete de que eu deveria estar em seu lugar, comandando toda a equipe. Pode ter certeza que teríamos menos erros, mais agilidade, e processos mais claros para todos.

Como ele é o responsável, não mexo um dedo para facilitar sua vida. Se quiserem meus serviços, que me contratem como supervisora de projetos. Até lá, faço o que me foi mandado e, se isso for mais enrolado... Poxa, que pena, não é mesmo?

Meu lema nos últimos dias é: darei o meu mínimo e esse será o meu máximo. Aprendi com os estagiários Gen Z que não fazem nada além do que é sua função.

Não estou com paciência para ser uma funcionária exemplar.

E é só pensar naquele demônio que recebo uma nova notificação dele no computador, pelo sistema de mensagens da empresa. Apoio o cotovelo na mesa e enterro o rosto nas mãos assim que vejo seu nome aparecendo ali. Minha caixa de entrada é quase toda composta só por e-mails dele, é sério que ninguém vê isso?

Estou sem paciência há dias, como se vivesse em uma TPM eterna que acaba com toda a vontade que tenho de viver. Tudo me estressa, tudo me irrita, tudo me tira a paz. Ficar sozinha no meu apartamento, assistindo a filmes por horas a fio para tentar me desconectar da realidade, não está funcionando.

Esse seria o momento ideal para reservar um horário naquelas salas de raiva, em que você coloca o equipamento de segurança necessário e passa uma hora inteira quebrando tudo o que você quiser com uma música estourando na caixa de som. Um descanso para não acabar matando um sem querer — ou por querer.

É uma bagunça atrás da outra que cai no meu colo e não quero mais resolver nada de ninguém!

Cansei!

Está na hora de dar uma volta, esticar as pernas, fumar um cigarro e ver um pouco do céu poluído de São Paulo. Organizo minha mesa: fecho meus caderninhos, coloco as canetas no estojo, procuro o maço de cigarro e o

isqueiro na minha bolsa. Pego o celular e me levanto para dar uma pausa.

— Tami, se alguém me procurar, manda enviar um e-mail que vejo depois — aviso à minha colega da mesa da frente, a única pessoa com que estou sendo paciente nos últimos dias, só porque ela é a pessoa mais na dela que eu já vi na vida e me dá todo o espaço que preciso.

— Por acaso isso é mais uma pausa pro cigarro? — pergunta, mas não de forma julgadora.

Concordo e ela se anima. — Será que rola passar lá na cafeteria e me trazer um café gelado de caramelo salgado?

— Claro... — Estendo a mão para ela, pedindo seu cartão. Ela deve gastar quase todo o seu VR na cafeteria do prédio, porque quase todos os dias desce comigo para comprar uma bebida ou pede para eu comprar para ela. Não que eu tenha algo a ver com a sua vida.

— Você lembra a senha? Ah, deixa... vou te enviar por mensagem. É débito, tá?

— Sim, senhora!

Aceno um tchau, arrumo o crachá no pescoço e vou em direção ao elevador. Até que um café superfaturado não é uma má ideia depois de uma semana inteira bebendo o ruim do escritório. Já passou da hora deles começarem a passar um café mais forte do que aquele “cháfé”

de todo dia.

Um grupo de pessoas do escritório de cima já está no elevador quando ele se abre no meu andar, reconheço alguns e cumprimento sem dar abertura para conversa.

Funciona, com o bônus do fone fazendo seu trabalho em afastar as pessoas.

Já no térreo, sinto meu celular vibrar e o pego enquanto vou para a área de fumantes do lado de fora. Primeiro tem a mensagem da Tami com a senha do cartão, depois, uma mensagem das meninas. Elas estão se revezando, cada dia uma delas tenta falar comigo, mesmo eu já deixando claro que não estou a fim de conversar com elas. Se não quero falar com quem não faz ideia do que aconteceu, imaginem com quem sabe.

Não quero falar sobre os meus sentimentos, e ficar relembrando e matutando isso não fará as coisas serem diferentes. Já basta minha psicóloga ter me ouvido choramingar nas últimas sessões. Foram 10 dias, o suficiente para tudo assentar na minha cabeça, a raiva passar e eu começar a entender tudo o que senti lá. Mas isso não quer dizer que estou pronta para externar isso.

Elas tentam conversar de formas diferentes, Ana manda vídeos do TikTok que sejam fofos e empoderadores. *“Você é amada”*, *“Não se esqueça que você é importante para alguém”* e *blá-blá-blá*. É fofa, não tem como negar, então curto para não deixá-la no vácuo.

Rebeca é mais direta, manda mensagem já puxando o assunto que quero evitar, e por isso nem ao menos abro as notificações. Já joguei a conversa dela para a pasta de arquivados para não ficar olhando o tempo todo. Diana é engraçadinha, faz uma piadinha aqui, manda uma fofoca de artista pop ali... Hoje é o dia dela.

Vejo primeiro as mais antigas, só para dar uma risada das bobearias que ela me manda na sua tentativa de ter uma resposta.

Diana diz:

Você fica sumida e perde as maiores notícias do mundo.

Se você me respondesse, eu te contaria quem da nossa sala da faculdade engravidou do melhor amigo do marido, mas já que você não quer falar comigo...

Diana diz:

Comprei aquele blush que você me indicou e ficou péssimo na minha pele.

Se quiser, é seu. Só que você tem que vir aqui em casa buscar.

Diana diz:

Tô morrendo de vontade de comer aquele guacamole do tiozinho.

Bora?

Diana diz:

Amiga, me responde. Pelo menos para sabermos se você tá bem ou se preciso ir na sua casa com a polícia. Quer dizer, bem você está, porque curte os vídeos da Ana (sim, é óbvio que ela nos conta, não precisa revirar os olhos).

Morta também não tá porque seu Spotify está mostrando o que você escuta. Não cansou de Lana Del Rey ainda? Cuidado para o povo do teu escritório não te internar.

Estou na metade do cigarro quando leio a de hoje e uma risadinha escapa. Elas estão preocupadas mesmo, e talvez já tenha passado da hora de responder. Assumo que sou dramática, mas dessa vez talvez eu esteja me passando.

Bianca diz:

Estou bem, não precisa de polícia.

(nunca cansarei de escutar a Laninha)

Prometo que em breve chamo vocês para sair, tá?

Te amo.

Jogo a bituca no cinzeiro e vou até a cafeteria vazia. Faço o meu pedido e o de Tami, então sento em uma mesa alta para esperar.

Meu celular vibra em cima da mesa e eu até sinto uma pequena pontada de felicidade ao pensar que é Di fazendo alguma piadinha, contente porque a respondi, mas assim que acendo a tela, meu coração para.

Nova mensagem de Luana

O que devo fazer com isso? Entro em pânico. Achei que ela fosse me deixar em paz para sempre, que nunca mais falaria comigo. Que iria seguir sua vida e fingir que nada aconteceu. Do mesmo jeito que eu planejava fazer por pelo menos alguns bons anos, após silenciar todo mundo convidado para o casamento, para não arriscar ver conteúdo que não quero consumir. E agora, tenho uma nova mensagem dela.

Respiro fundo, focada só na mensagem que já me destruiu sem eu nem saber qual é o contexto, e a abro.

Luana diz:

Sei que você não quer saber de mim, mas acho que o que foi dito no calor do momento merece uma segunda chance, sem todo o caos daquele dia. Tenho muito o que te falar e espero que você possa me dar uma oportunidade de conversarmos com calma, só nós duas.

Será que podemos marcar um café essa semana?

Leio várias vezes, até meu nome ser chamado pelo barista e eu me levantar para pegar as bebidas. Bloqueio o celular, o coloco no bolso e faço o caminho de volta, repetindo a mensagem na cabeça.

Não sei nem como me sentir agora, se deveria estar brava ou... satisfeita? Mas satisfeita pelo quê? Por ela tomar atitude pela “segunda” vez na vida? De qualquer forma, se até nossas amigas estão me mandando mensagem com medo da minha reação, ela ter mandado mesmo sabendo que eu poderia responder com um textão ou a ignorar para sempre é... corajoso, talvez.

Subo para o escritório, entrego o café e o cartão para Tami antes de voltar a sentar em minha sessão. Não faço mais nada pelo resto do dia, porque a cada minuto aquela mensagem aparece em minha cabeça, me atormentando de curiosidade.

O que ela quer? Pedir desculpas, talvez. Ou então, me esculachar a luz do dia e com a cabeça fria. Daquela forma polida e gentil dela.

“São muitos ‘e se’ inventados pela sua cabeça ansiosa. Acho que, no final das contas, só está faltando uma conversa sincera”, A voz de Ana ecoa na minha cabeça, lembrando da conversa que tivemos antes de tudo acontecer.

Não dá para viver a vida com o ‘e se’. Eu não ficaria em paz, e talvez o primeiro passo da mudança seja: em vez de fugir, enfrentar.

Bianca diz:

Posso amanhã depois do trabalho, me manda o endereço.

CAPÍTULO 17



CAPÍTULO 17

“Vou te encontrar para tomar café

Porque se tomarmos vinho você vai dizer que me quer

Eu sei que é mentira”

Coffee - Chappell Roan

Foquei no trabalho só para me distrair do fato de que ia ver Luana depois do expediente.

Ao mesmo tempo que o dia pareceu durar uma eternidade, com aquele relógio que quase andava para trás, agora que estou no Uber a caminho da cafeteria, parece que passou rápido demais. Não me arrependi de ter concordado em vê-la, mas estou muito ansiosa e nervosa.

Aproveito o trânsito de horário de pico em São Paulo para retocar a maquiagem e ter certeza de que estou alinhada. Caprichei na roupa também, para causar uma boa impressão. Tudo bem que ela já me viu de todos os jeitos possíveis, mas não custa nada estar bonita para essa conversa.

Vestido de alcinha por cima da camiseta e maquiagem leve, com cara de saúde. Não tem como errar assim.

Confiro o trajeto no celular do motorista o tempo todo, como se pudesse, de alguma forma, fazê-lo chegar mais rápido até o meu destino. Não falei para as meninas que esse encontro ia acontecer, então não faço ideia se elas já sabem por parte da Luana. Acredito que sim, até porque elas conseguiriam auxiliá-la, já que sabem o contexto — quase — todo do que aconteceu. Ou sabem de tudo, já que ela pode tê-las atualizado com mais calma sobre os gritos que dei durante a briga.

— Moça, está um trânsito enorme na rua que você vai, quer que eu te deixe aqui? — o motorista pergunta, me tirando do devaneio.

Olho no seu GPS e vejo que está demorando quase 20 minutos só para andar 400 metros. Se eu descer agora, ele consegue fugir do trânsito e já fazer outra corrida, e eu bem que estou precisando de um cigarro para acalmar os ânimos.

— Quero, sim, pode finalizar a corrida que vou a pé. —
Pego minha bolsa, espero para ver se ele finalizou mesmo, vejo se não tem alguma moto passando do meu lado e abro a porta. —

Boa noite e bom trabalho!

— Pra senhora também!

Meus ombros se retraem com o “senhora”. Talvez eu não aparente ser tão nova quanto penso.

Com a bolsa grudada no corpo, acendo o cigarro e começo a caminhada até o café. São meus últimos minutos para pensar no que vai acontecer e no que vou escutar. Como duas adultas sóbrias que precisam de uma conversa franca sobre os últimos anos das nossas vidas para colocar um ponto final em tudo.

O lugar é fofo, com trepadeiras por toda a fachada, uma porta de madeira charmosa e uma bicicleta vintage pendurada na parede bem na entrada. De um lado, ficam as mesas — todas de madeira, com pinceladas de tinta colorida em suas pernas — e muitas prateleiras cheias de livros e decorações inusitadas, como uma bota velha servindo de vaso de planta. No fundo, vejo o balcão de atendimento com uma vitrine cheia de bolos e doces. E do lado, uma porta de vidro que dá para um jardim.

É lá que vejo Luana.

Ela está com uma camisa colorida, uma calça de alfaiataria preta e tênis. Com certeza veio direto do trabalho, porque esse é o *seu* look de trabalho, não importa se é no *home office* ou no presencial. Seu cabelo está meio preso com uma piranha e ela mexe no celular, distraída.

Meu coração se aperta com o quão linda é.

Luana sente minha presença, porque levanta o olhar e, assim que me vê, abaixa o celular e se ajeita na cadeira.

É, não tem mais volta.

Ela se levanta quando caminho até a mesa. Na hora de nos cumprimentarmos: climão. Não sei se a abraço, se só dou um beijinho, se cumprimento de longe... Ela também não sabe, então fazemos uma dança estranha até entender o que fazer. Escolhemos um abraço capenga.

— Pegou muito trânsito? — pergunta, puxando assunto.

— Demais, tive que vir andando o quarteirão porque era mais rápido do que de carro. —

Sento na cadeira à sua frente e ela volta para o seu lugar.

— Ai, aconteceu o mesmo comigo. — Lu força um sorriso.

É tão estranho jogar conversa fora com ela. Um papinho sem sentido só para disfarçar o real motivo desse café.

— Já pedi o cardápio para você. — Ela me entrega a prancheta com papéis recicláveis. — E

já escolhi o meu, então a gente pode fazer o pedido juntas.

— Tá bom, o que você escolheu? — pergunto, depositando toda a minha atenção no cardápio, só para aproveitar o tempo que tenho sem ficar olhando para ela enquanto fala comigo.

— Um panini de queijo minas com tomate seco, salada e suco de abacaxi.

— Humm... Parece ser bom.

— Tudo aqui é uma delícia, não tem uma coisa que vai escolher e não vai gostar.

Concordo e olho mais um pouco o cardápio, então decido: sanduíche de pastrami com salada e molho de mostarda e mel, acompanhado de um cappuccino. Chamamos o garçom e fazemos o pedido. Assim que ele se afasta da mesa, o silêncio constrangedor toma conta do ambiente.

Eu não vou ser a primeira a falar, foi ela que me convidou e disse que queria conversar comigo, então é ela que vai ter que tomar a iniciativa.

Luana se mexe na cadeira e coloca a mão em cima da mesa, ansiosa. Seus olhos piscam mais vezes do que o normal e tenho certeza que está suando frio só pela sua postura. Não a pressiono, e adianta, porque logo começa:

— Obrigada por ter vindo — diz, baixo. — Eu nunca iria me perdoar se aquela fosse a última vez que a gente se visse ou conversasse.

— Não seria justo deixar tudo terminar daquele jeito. Também acho que a gente merece um pouco mais do que aquela briga, se não pela gente, então pelas menininhas que cresceram brincando juntas. Elas merecem um desfecho melhor.

— É, acho que elas não iriam gostar de saber dessa bola de neve que nos metemos.

— Não iam. — Faço uma careta e Lu dá um sorriso de lado.

— Sei que foram só alguns dias, mas pensei muito... Tipo, muito mesmo, em tudo o que

aconteceu e que me foi falado.

— Você e a Rebeca chegaram a conversar? — pergunto, curiosa.

— Sim, esse fim de semana ela foi na minha casa e... foi muito bom. Ela me trouxe muitas coisas para refletir. Coisas que eu estava só jogando pra debaixo do tapete e fingindo que não existiam. Acontece que esse tapete já estava com um calombo de tanta sujeira que tinha ali.

— Acho que a gente perde um pouco da noção do que está fazendo depois de muito tempo só fingindo que não está acontecendo nada — reflito, e ela concorda.

O garçom chega com nossos pedidos, cortando o assunto que estava começando.

Agradecemos quando ele coloca nossos pratos na mesa e esperamos até que ele esteja longe para voltar a

conversar. O sanduíche está lindíssimo, mas estou tão nervosa que fico sem fome. Só fiz o pedido para ter uma desculpa do que fazer com as mãos e a boca durante a conversa.

— Eu meio que separei o que eu tinha para te falar em tópicos, espero que não ache estranho. Foi só uma forma que encontrei de conseguir pensar em tudo sem ficar confusa ou me atropelar — diz, e então dá um gole em seu suco.

— Tudo bem, eu sou toda ouvidos. — Pego a metade do sanduíche, coloco um pouco de molho e dou uma mordida. Nem consigo apreciar o quanto está gostoso devido ao nervosismo.

Meu coração está disparado enquanto Luana organiza os pensamentos, ou enquanto espera criar coragem para começar.

— Vocês tinham razão: não sei o que estou fazendo da minha vida e não tem brilho no meu relacionamento. Eu estaria mentindo se falasse que não percebi isso antes, porque percebi, mas para mim estava tudo bem. Foi uma das coisas que joguei pra debaixo do tapete. Sei que não é desculpa, mas cresci vendo um modelo de relacionamento: o dos meus pais. Você sabe muito bem como eles são...

— Frios, quietos e mandões? — pergunto com a boca cheia e Lu faz uma careta, concordando.

— E estáveis. O João Pedro sempre foi estável, e as coisas foram acontecendo tão naturalmente que fui me deixando levar. Ele não é ruim, sabe... Sei que as meninas devem ter te falado que ele é horrível, mas ele nunca fez nada de errado comigo. Ele é gentil, paciente, gosta de estudar... — Lu passa a mão na cabeça e alinha a franja solta.

— Não quero soar como uma cuzona, mas eu não me importo com ele, Luana. — Dou de ombros e então deixo meu sanduíche no prato.

— Certo. Tá. — Ela parece ficar desnorteada, então coça a garganta e se arruma na cadeira de novo, agora pegando seu panini e dando uma mordida. Ficamos em silêncio até ela estar pronta para falar de novo. — Na briga você falou que o problema não era ele, e sim eu. E eu concordo. O problema sempre fui eu, que me deixei de lado tantas vezes para agradar a ele e aos meus pais... Eu nem sei por que me envolvi nesse casamento.

— Você acabou de responder o porquê: pra agradar seus pais.

— Eu sei, eu só...

— Prometi a mim mesma que ia te escutar, mas não estou entendendo muito bem o motivo dessa conversa. Você não precisa me dar satisfação alguma da sua vida, sabe? Se você veio me dizer que se deixou de lado por um casamento, ok, todas nós já sabemos disso. Então... —

interrompo.

Posso estar um pouco babaca, mas poxa... É para isso que ela me convidou para um café?

— Eu não paro de pensar em você — assume de repente e eu paraliso.

É o quê?

Nos encaramos. Seus olhos carregam medo e ela aperta os dedos em cima da mesa.

— E eu não digo só desde a viagem... Eu não paro de pensar em você desde que nos beijamos dois anos atrás.

Pisco algumas vezes, absorvendo suas palavras.

— O que você quer que eu faça com essa informação? — Não me importo em ser ríspida, mas o que ela quer que eu responda? — Tipo, tá. Eu fugi de você por dois anos, mas logo você conheceu outra pessoa e seguiu sua vida. Ok, você estava no seu direito e eu nunca vou te culpar por isso, mas... Você me deu um fora, agiu como se nada tivesse acontecido-

— Eu joguei meu problema debaixo do tapete.

— Então eu sou um problema? — Franzo a sobrancelha, tentando entender onde ela quer chegar.

— Não, o problema era minha melhor amiga dizer que estava apaixonada por mim, me beijar e eu gostar. Eu nunca poderia te fazer viver o inferno que é a minha família. E eu preferia sua amizade do que te perder, mas você só fugiu de mim sem parar... Então entendi o recado e achei que, quando eu comesse a sair com outro, você fosse superar toda a situação e voltar para perto, sei lá. Eu sei, falando em voz alta isso é ridículo, mas achei que fazia sentido.

— Isso não faz o mínimo sentido! Conheço a sua família, sei onde estava me metendo, ou você acha que falei todas aquelas coisas da boca pra fora? Por favor, Luana, nós somos adultas, não adolescentes! Isso tudo está parecendo um grande drama sem sentido! Eu estava pouco me fudendo pros seus pais, com todo o respeito. — Despejo em seu colo. — Mas não acho justo o que você fez comigo na viagem. Você me provocou, me olhou diferente, segurou na minha mão, ficou perto... Cara, você foi atrás de mim, tipo, de verdade!

— E você não fez o mesmo, Bianca? Fala a verdade para mim. Você não me olhou de cima a baixo e ficou me secando quando estávamos na jacuzzi? Não foi me ajudar com as cervejas na geladeira e ficou puxando assunto? Ou então deu aquela ideia do piquenique no pôr-do-sol...

Você cantou *Evidências* para mim!

— Não, isso foi diferente, eu...

— Por que com você é diferente e comigo não? — Me coloca contra a parede.

— Não sou eu que estou de casamento marcado.

— Posso cancelar.

— Calma, o quê? — Viro a cabeça de lado, confusa. — Não estou entendendo onde você quer chegar.

— O casamento, eu posso cancelar. Meus pais vão me odiar pelo resto da vida, mas ok. Eu só sei que não consigo te tirar da cabeça.

— Não — falo, incisiva, e é sua vez de franzir a sobrancelha.

— Mas eu disse que...

— Não, Luana — repito e ela encosta na cadeira, confusa.

— Você não gosta mais de mim?

— Eu queria muito não gostar, mas eu gosto — assumo, o coração disparado no peito. —

Mas isso está errado, Lu. Eu não quero ser a responsável pelo término de um relacionamento, de um casamento. Não é justo colocar esse peso em cima de mim.

— Mas no chalé, a gente...

— Eu sei o que aconteceu no chalé e não me arrependo. Mas antes de ficarmos, você me pediu para ser sua “pelo menos uma vez”. Eu não sei você, mas para mim isso não soa como alguém que tem certeza do que está fazendo, sabe? — Ela fica quieta, vejo as lágrimas surgindo em seus olhos, o queixo tremendo. — Não quero ficar com você assim. Desde o início, eu disse para as meninas que não era para fazermos a intervenção e briguei com elas sobre você achar que

eu estava fazendo isso por mim, mas sempre foi sobre você! Sobre você estar sem brilho, sobre você estar em um relacionamento que não parece amar, sobre você estar renunciando quem é por uma situação que não te cabe. Você disse que pensou muito nesses dias, mas acho que pensou mais em mim do que em você, e eu posso até estar apaixonada por você e me arrepender disso pelo resto da vida, mas eu nunca ficaria em paz por saber que você terminou um casamento por minha causa! Até porque, isso com certeza viraria motivo de pauta na nossa primeira briga. Isso é algo que você tem que fazer por você e somente você. Eu deveria ser uma consequência da escolha que você fez para a *sua* vida, não o fator principal... Esse sempre deveria ser você.

Luana não me responde, mas deixa algumas lágrimas escorrerem por seu rosto. Já eu, seguro todas as minhas.

CAPÍTULO 18



CAPÍTULO 18

*“Se você estiver se sentindo sozinho e com frio
Tudo o que você precisa fazer é me chamar
e eu estarei aí no próximo trem”*

Where You Lead - Carole King

O casamento não foi cancelado.

Eu meio que já esperava que isso fosse acontecer. O que eu não esperava, entretanto, era estar na loja de vestidos. Precisei vir para cancelar a reserva do meu, já que eles não aceitam fazer cancelamento por telefone e não me deixaram assinar o documento digitalmente.

Aproveitei que já tinha uma folga no escritório por causa do horário agendado com as meninas e vim.

Não que o Sérgio tenha ficado super feliz em me ver saindo no meio do expediente, mesmo eu já tendo avisado para o RH com *muita* antecedência. Pelo menos, estou bebendo champanhe de graça e não preciso lidar com sua cara feia pelo resto do dia. O que não o impede de ficar me mandando mensagens. Meu celular não para de vibrar.

Escuto as vozes altas de Diana e Rebeca lá no provador enquanto espero sentada em um dos sofás da sala redonda, cheia de espelhos e com um pequeno palco no centro.

— Não estou gostando do comprimento, Beca. Juro, eu vou cair a qualquer momento, olha só! — Di reclama tão alto que é impossível a loja inteira não escutar. Que bom que esse horário é só nosso!

O barulho de saltos se aproximando, acompanhado da voz de Beca retrucando sobre Diana estar falando muito alto, me faz sentar de lado no sofá com a taça em uma mão, em uma pose ridícula, só para ver a cara delas quando me verem ali.

— As duas estão falando alto, juro. Dá pra escutar vocês lá da entrada! — Faço biquinho e giro a taça devagar, como as mulheres em filmes antigos. É claro que arregalam os olhos, porque não contei que viria.

— Aaaah! Que tudo! — Di dá uma corridinha em minha direção. Deixo de bobeira, coloco a taça na mesinha lateral e me levanto para abraçá-la.

— Vai ser madrinha com a gente? — Beca se aproxima também e damos um abraço triplo.

— Não, não mudei de ideia. — Faço uma careta e aponto para a recepção. — Só vim cancelar o contrato e de quebra tomar o seu champanhe.

— Isso quer dizer que não está mais fugindo da gente, certo? — Di levanta uma sobrancelha e dou de ombros.

— Acho que já deu de ficar fugindo — assumo, e Di dá alguns pulinhos no lugar.

— Vamos ver como ficaram os vestidos, meninas? — A costureira se aproxima, indicando

para elas subirem na plataforma elevada, e eu aproveito para sentar de novo.

— Nossa, que milagre é esse? Você sem se isolar e fingir que ninguém mais no mundo existe? Eu diria que é uma evolução — Rebeca debocha e eu lhe mostro o dedo do meio, o que a faz me dar língua.

— É, conversei com uma pessoa esses dias e ela me disse que passou muito tempo jogando os problemas pra baixo do tapete em vez de enfrentar, e acho que isso ficou na minha cabeça —

assumo, envergonhada, e elas concordam.

Sinto o celular vibrando e nem preciso ver a tela para saber quem está me ligando.

— E quem foi esse ser de luz que conseguiu falar com você, diferente da gente? — Diana fica bem retinha na frente do espelho e então franze a sobrancelha, balançando o corpo de um lado para o outro. — Acho que precisa tirar um pouco mais da barra, a senhora não acha?

— Se tirar mais vai ficar muito curto, assim está bom — a costureira retruca, o que me faz apertar os lábios e segurar uma risada. Ela é emburrada, perfeita para lidar com uma patricinha indecisa como a Diana.

— Não foi sua terapeuta, se não você teria falado... — Beca insiste, querendo saber também.

— Talvez eu tenha me encontrado com a Luana essa semana — assumo como se não fosse nada e as duas se viram com olhos arregalados para mim.

— Você o quê? — Diana ameaça vir até mim, mas a costureira a proíbe e ainda briga com ela, enquanto confirma se a barra está boa.

— Por que vocês se encontraram? Meu Deus, Bianca! Como você não nos contou isso? —

Rebeca age como Diana em seu momento de fofoqueira.

— Estou contando agora, não precisa disso tudo! E eu achei que vocês já soubessem, ela disse que conversou com você, Beca.

— Sim, conversamos, mas ela não me falou que ia te ver!

— Deve ter sido de última hora, então. — Finjo tranquilidade e respiro fundo. Sei que elas querem mais informações, mas também tenho meus limites para contar algo. Será que posso contar por etapas?

— E então, não vai dizer nada? — Diana insiste.

— Não tem muito o que falar, só mais do mesmo. Ela está confusa, passou a vida agradando à família, não faz nada por ela mesma, não tem brilho com ele e *blá-blá-blá*.

— E nada sobre vocês? — Beca vira a cabeça de lado e eu fico quieta.

— AHÁ! — Diana aponta para mim como se tivesse feito a maior descoberta do século. —

Eu sabia! O que conversaram?

Aproveito o celular vibrando *mais uma vez* para pegá-lo e dar uma mini fuga do assunto, fingindo ver algo na tela quando é só a ligação do Sérgio tocando.

— Não faz diferença, gente. Vocês estão aqui experimentando seus vestidos, não estão?

Então já sabemos o resultado da conversa. — Olho para o corredor e, então, para elas de novo.

— Cadê a Ana?

— No provador, ela recebeu uma ligação do Edu e estavam conversando. — Di tem aquele olhar de “ela vai se magoar com ele”, e Beca solta os braços do lado do corpo e diz:

— Eu vou lá... — Mas também é impedida pela costureira.

— Eu preciso arrumar a alça do seu vestido, você não vai em lugar nenhum! — a senhora fala, brava, e Rebeca nem se move.

— Tá bom, eu vou.

Levanto e vou em direção aos provadores. Como estamos sozinhas na loja, sei que a única

porta fechada é a dela. Dou três batidinhas na madeira, mas Ana não abre. Escuto-a fungar.

— Amiga, tá aí? Sou eu — falo baixo e bato mais duas vezes.

— Bia?

— Surpresa!

Ela abre a porta em seguida e seu rosto só confirma o que imaginei: Ana está chorando.

— Ô, amiga, o que houve? — Me aproximo, fazendo carinho em seus braços desnudos pelo vestido sem alças.

— Ah, Bia...

— O que o Edu fez?

— Como você sabe que ele fez alguma coisa?

— As meninas disseram que escutaram você atendendo uma ligação dele.

— Eu sou uma idiota. Sei que todo mundo acha isso, mas eu demorei demais para cair na real e perceber — desabafa e eu fico quieta, escutando. — Ele me ligou para dizer que não vai mais ser meu acompanhante no casamento porque a nova namorada não gostou, mas que ele vai no casamento mesmo assim, então que a gente “se vê lá”. Sabe, eu nem dei motivo para ela não gostar de mim, ou ter ciúmes! Você sabe que eu não faço nada para ofender qualquer namorada que ele arranja, e fico ali quietinha, boazinha, só sendo a amiga do Ensino Médio que “não faz mal nem para uma mosca”.

— Detesto te ver assim, sabia? — Lhe dou um abraço e ela dá uma choradinha em meu ombro. — Todas nós sabíamos que ele ia dar uma dessa uma hora ou outra. Quer dizer, ele sempre dá, né? Só que você passa um pano pra ele e a gente vai na sua onda.

— Tô cansada de ser feita de boba...

— Você não é boba, seu único erro é amar demais! — Defendo-a de si mesma, o que a arranca uma risadinha.

— O que está fazendo aqui? — pergunta, e meu celular vibra mais uma vez. Estou de saco cheio disso.

— Cancelando meu contrato e vendo vocês.

— Fico feliz por estar aqui, preciso de você quando estou sozinha com aquelas duas porque elas falam demais no meu ouvido — Ana assume, com a voz baixa para elas não escutarem, e eu sorrio.

— Saiba que o sentimento é recíproco... — Nos abraçamos e o celular vibra de novo. —

Mas que porra!

Tiro do bolso e lá está o nome do Sérgio e suas mais de 15 ligações perdidas.

— Problemas? — Ana pergunta, e eu deixo o momento me levar.

Não a respondo, mas atendo a ligação.

— Alô? — pergunto, brava.

— Ah, lembrou que está em horário de expediente e tem que trabalhar, não é? — A voz irritante do homem surge do outro lado. — Onde está o planejamento da campanha do Maurício?

Temos uma reunião em 15 minutos e não estou com os documentos.

— Se você não fosse um burro incompetente, teria visto que a campanha foi enviada para o seu e-mail semana passada. Mas quer saber? Acho que nem se estivesse impressa na sua cara você ia achar, porque além de tudo é um folgado que não sabe trabalhar e só está nesse cargo porque tem contatos. Se não fosse eu e o resto da equipe, você já teria se fodido faz tempo, então quer saber? Eu me demito! O restante dos documentos da campanha está comigo e é minha propriedade intelectual, já que fiz tudo sozinha. Então, se você quiser ter acesso a esse projeto,

fico mais do que feliz em te passar um orçamento para ele
— despejo tudo de uma vez e Ana só

arregala ainda mais os olhos a cada palavra que é dita.

— Você não pode se demitir! — Sérgio vocifera,
gaguejando, perdido com o que escutou.

— Ah, mas eu só não posso, como já me demiti!

Desligo na cara dele e Ana bate palmas.

— Uau, acho que nunca te vi tão determinada na vida.

— Demorou para eu tomar uma atitude, né? — Me sinto
aliviada, apesar da adrenalina pelo momento.

— E agora, o que você vai fazer? — Ana faz uma careta e
dou de ombro.

— Sei lá, deixa que em breve eu descubro. Vamos, deixa eu
ver esse vestido.

Me afasto para vê-la por completo. Seu vestido tem um
decote coração tomara-que-caia e é de um tecido brilhoso
lindo. Simples, mas a cara dela.

— Acho que eu tinha que cobrir aqui em cima, não acha? —
Ela passa a mão pelo colo e ombros, eu logo nego.

— Está lindíssima e sexy, você não tem que cobrir nem
mudar nada! Vai ficar perfeita no casamento e foda-se o
Edu! Faz muito tempo que a gente devia ter colocado ele
no seu devido lugar. Você não merece isso, Ana! Poxa, é a
melhor de nós, merece um parceiro que seja tão incrível
que me faça parar de só gostar de homem famoso e sentir
inveja de você.

Arranco uma risada dela, que confirma com a cabeça e, então, se recompõe.

— Você tem razão.

— Sei que tenho. Agora vamos acabar logo com isso? Quero ficar bêbada de champanhe.

— Ah, tem champanhe? — pergunta, ansiosa.

— A gente divide e não deixa nada para as duas, o que acha?

— Perfeito.

CAPÍTULO 19



CAPÍTULO 19

“Eu posso tentar te esquecer, mas você sempre será

A onda que me arrasta, que me leva pro teu mar”

Você Sempre Será - Marjorie Estiano

Espero Rebeca vir me buscar no hall. Estou tão ansiosa que é impossível ficar esperando por ela no apartamento, e aqui pelo menos eu sinto que... Para falar a verdade, nem sei que diferença faz estar aqui em baixo.

Ando de um lado para o outro, paro na frente do espelho só para ter certeza de que não tem nada de errado na minha maquiagem, e ajeito o cabelo. O vestido bonito foi emprestado de última hora pela minha prima, que veste o mesmo tamanho que eu, e serviu como uma luva.

Tinha que ser isso ou então eu não iria, já que decidi que ia no casamento hoje de manhã.

Não foi uma decisão impulsiva e, apesar da conversa que eu e Luana tivemos e de tudo o que aconteceu nas últimas três semanas, não sei... Senti que precisava estar lá.

Talvez só queira me torturar um pouco? Talvez. Mas, se ver ela literalmente casando com alguém não me ajudar a deixar toda essa história e esse sentimento para trás, então não tenho mais salvação e terei que aceitar meu papel de eterna apaixonada por quem não posso ter.

Vou ser uma velha amargurada que conta a história do seu grande amor que se perdeu, assim como os velhos contam as histórias de vida. *“Ela se mudou e nunca mais nos vimos”*. Tudo bem que agora temos celular e redes sociais, mas eu com certeza consigo colocar uma grande carga dramática na história: fui convidada para ser madrinha de casamento da mulher que eu amava.

Ah, eu amo um drama.

Meu celular toca e, quando vejo o nome de Rebeca na tela, meu coração dispara. Caminho até perto do portão para ver se está chegando, mas ela já está parada com o pisca alerta ligado um pouco adiante do meu prédio. Abro o portão e dou uma corridinha até seu carro, já que não pode estacionar ali.

— Nossa, mas que gata! — Rebeca diz assim que eu abro a porta.

— Era o que tinha, se não fosse isso, então teria que ser uma calça qualquer. — Disfarço a vergonha com autodepreciação.

— Achei que ficou maravilhosa, viu? Tá com um peitão!

— É sério? Vamos falar dos meus peitos? E essa fenda aí na coxa? Quase dá para ver a sua calcinha! — brinco, ficando vermelha, e ela ri.

— Ai, jura? — responde, animada, os olhos brilhando de satisfação. — Essa era a minha intenção.

Ela faz um biquinho e me dá uma piscadela. Desliga o pisca-alerta e segue o caminho do GPS até onde será a cerimônia e a recepção.

— As meninas já estão indo? — ela pergunta. Aproveito para ver as mensagens do nosso grupo de madrinhas, que foi tirado da pasta de arquivados depois da prova de vestido.

— Humm... Diana mandou a gente correr e Ana disse que já está chegando, então...

— Então a Di já está lá, sozinha, com fofocas e querendo alguém para compartilhar, já entendi tudo.

— Com certeza. — Dou risada. — E deve ser uma das boas, porque, se não fosse, ela estaria contando tudo pra gente por mensagem.

— Ah, mas não tenho dúvidas disso! — Ela aumenta só um pouco o volume e me entrega seu celular para eu controlar a *playlist*.

Apesar do pedido de Diana, Beca não acelera ou faz maluquices no trânsito para chegarmos mais rápido. Vamos

no seu tempo, ouvindo a música que preenche — de forma não constrangedora — o silêncio.

Ela com certeza notou meu desconforto com a situação e por isso está quietinha, me dando tempo para absorver onde estamos indo e o que vou vivenciar logo, logo.

Quanto mais perto estamos, segundo o GPS, mais rápida minha respiração fica. Estou suando frio, sinto o tremor em meu estômago começar a ganhar espaço, acabando comigo devagar. Preciso de um tempo para respirar, mas esse tempo não existe. Até porque, entramos em uma pequena estradinha com vários outros carros na frente, todos provavelmente indo para o mesmíssimo lugar: o casamento de Luana e João Pedro.

— Acho que eu estou fazendo merda — murmuro.

— O quê? — pergunta, tranquila, sem entender.

— Eu não deveria estar aqui, não estou pronta pra isso. Achei que estava, mas não estou. —

Nego com a cabeça e coloco a mão na maçaneta.

Não vou abrir a porta com o carro em movimento, mas os pensamentos intrusivos estão gritando para eu abrir e fugir dali.

— Não pira agora, Bianca. Você sabe que não sou a melhor pessoa para lidar com surtos e é capaz de eu piorar a situação... — Beca alterna o olhar entre mim e o trajeto.

— É sério, não estou brincando. Eu tô ficando sem ar, tipo... Tá abafado aqui, não tá? E eu tô com vontade de vomitar, talvez? — Começo a me abanar e a olhar para cima, puxando o ar escasso para meus pulmões.

— Pelo amor de Deus! Se for vomitar avisa que eu paro o carro! — Beca se desespera e então abre o vidro, ignorando o fato do ar condicionado estar ligado.

O vento que entra pela janela não é tão fresco quanto o do ar, mas a sensação é que estou menos claustrofóbica do que antes. Fecho os olhos e me concentro em respirar para manter o almoço no estômago. Beca fala sem parar alguma coisa que não consigo identificar o que é, entrei no modo sobrevivência e “não vomitar no carro da minha amiga”.

Sinto o carro parar e, quando abro os olhos, estamos no cantinho da estrada. Outros carros passam devagar por nós e Beca se vira no banco para poder me olhar.

— Amiga, sério, olha pra mim. Vamos, respira fundo comigo. Respira... — Ela puxa o ar devagar, me obrigando a imitá-la, e eu faço. — Agora solta devagar pela boca... Muito bom, de novo.

Ela repete o movimento mais algumas vezes e, aos poucos, sinto meu coração se acalmando e a sensação de estar aprisionada quase desaparece. Coloco a mão no peito e meu coração bate mais devagar, talvez na velocidade normal.

— Estou bem... — tranquilizo, olhando fundo em seus olhos assustados.

— Tem certeza? Meu Deus, Bianca, achei que você fosse ter um treco do meu lado! E não

tinha nem como dar a volta com o carro com tanta gente atrás!

— Tenho certeza, sim. Desculpa te assustar, só... Não sei, aconteceu!

— Não precisa se desculpar, sério. Até parece. — Ela toca meu ombro, fazendo carinho e ainda me dedicando toda a sua atenção. — Vamos, vou te levar pra casa, acho que dá pra gente fazer o retorno invadindo o estacionamento de alguma dessas casas...

— Não! — impeço-a quando vai ligar o carro.

— Como assim “não”? Você acabou de ter uma crise de ansiedade no carro por causa desse casamento, não vou te levar pra lá para passar mal de novo.

— Não, eu tô bem, mesmo! — Coloco a mão em cima da dela no volante. — Amiga, me escuta: já passou. Eu tô bem, foi só... Desespero, mas passou. Eu quero ir nesse casamento, eu *preciso* disso.

— Bianca...

— Prometo que vou ficar bem, se eu não ficar chamo um Uber ou me tranco no seu carro até dar a hora de ir embora.

Ela me encara, pensando no que acabei de dizer.

— Vamos fazer o seguinte, então: se você se sentir mal e precisar ir embora, você me avisa que eu te levo.

— Não vou te fazer sair da festa-

— Shiu! Acabei de falar que se você ficar mal, eu te levo embora. Ponto final, sem ficar teimando comigo, se falei, tá falado.

Não respondo de volta, mas sinto meu coração se encher de amor quando Rebeca liga o carro e volta a dirigir para o casamento.

Toda essa confusão me mostrando cada vez mais o quanto posso confiar nas pessoas que escolhi para estarem ao meu redor.

CAPÍTULO 20



CAPÍTULO 20

“Eu te quero na alegria e na tristeza

Eu te esperaria para todo sempre”

How to get the girl - Taylor Swift

— Chegamos... — Beca fala baixo, entrando no estacionamento da casa de festas.

O jardim está iluminado e vejo muitas pessoas andando de um lado para o outro. Passamos por onde será a cerimônia, mas não consigo ver o suficiente do local porque Rebeca faz uma curva para longe, seguindo o moço que está nos indicando onde estacionar.

Ela para o carro, o desliga e então se vira para mim uma última vez.

— Tem cert-

— Eu estou bem — falo devagar, para ela entender que não estou mentindo. — Ansiosa, mas bem. Eu juro!

— De dedinho? — Rebeca levanta o dedo mindinho para mim e eu sorrio, enganchando nossos dedos um no outro.

— De dedinho!

— Tá, não se esqueça: quando quiser ir embora, ou precisar de um tempo, é só me avisar. Tô aqui contigo.

— Eu sei disso, amiga.

Ela assente e se vira para o banco de trás, pegando o salto que estava jogado ali e a bolsa também. Espero ela calçá-lo e, quando está pronta, abre a sua porta e eu abro a minha.

O dia foi bonito, não choveu, então a noite está com o céu azul-escuro sem nenhuma nuvem.

Não está calor, mas também não está frio o suficiente para usar um casaco. Perfeito para um casamento.

— Pra onde é a entrada, moço? — Rebeca pergunta para o cara que nos indicou a vaga no estacionamento e ajeita o vestido no corpo.

— Pode seguir à sua direita, senhora. — Ele aponta para o local e vemos outras pessoas também indo até lá.

— Tá bom, obrigada! — Beca responde sorrindo e, assim que nos afastamos, fecha a cara e me olha, indignada. — Juro, cada vez que alguém me chama de “senhora” eu perco 10 anos de vida. Eu lá tenho cara de senhora? Uma “senhorita” dessas?!

Ela consegue me fazer rir e esquecer de onde estamos por alguns segundos, e agradeço por isso porque, quanto mais nos aproximamos do local, mais preciso respirar para não

ter outra crise. É um sentimento confuso: por um lado, quero muito ficar, por outro, quero fugir.

O espaço tem um caminho iluminado com pequenas luzinhas e arcos de trepadeiras guiando o caminho para os convidados que estão chegando. O jardim, grande e amplo, tem muitas flores

plantadas por todo o local até aparecer, na lateral, onde a cerimônia acontecerá. Será ao ar livre, e mesmo com uma tenda enorme cobrindo todos, seu teto é de vidro, deixando possível ver o céu bonito de hoje.

Tem várias pessoas já sentadas e conversando, outras de pé ao longo do jardim, com taças de espumantes na mão. Um tapete vermelho percorre todo o caminho, desde a última fileira de cadeiras até o altar, que está decorado com um grande arranjo de flores vermelho-escuro e muito marrom. É lindo, dramático, poderoso... mas não consigo ver a personalidade da Lu ali.

Vemos uma fila de pessoas no meio do caminho florido que nos leva até a cerimônia e logo paramos no final dela. Lá na frente, vejo cerimonialistas conferindo os nomes dos convidados e entregando drinks de boas-vindas para todos.

— AH, FINALMENTE! — o grito de Diana nas nossas costas nos assusta.

— Que porra, tá maluca? — Rebeca reclama, e a amiga que foi fofa comigo 3 minutos atrás some, dando lugar a verdadeira Rebeca: sem paciência para qualquer um que exista, mesmo sua melhor amiga.

— Por que demoraram tanto? Que droga! Bora! — Ela agarra nossas mãos e começa a nos puxar em direção ao salão vazio, furando a fila de todo mundo.

— Por onde você veio? — pergunto, tentando entender como ela apareceu atrás de nós enquanto nos leva para a frente.

— Aconteceu tanta coisa! Não acredito que vocês demoraram tanto, eu mandei vocês virem logo! A Ana já chegou, mas vocês sabem como ela é, está lá fazendo média com as pessoas e fugindo do Edu com a namoradinha nova, você tem noção de que ele apresentou a lambisgoia pra Ana e pediu a *benção* dela para eles namorarem? Eu quase voei no pescoço dele na hora. E

parece que todo mundo decidiu querer me contar da vida nos mesmos 10 minutos, foi bomba atrás de bomba! Eu descobri por que a Jéssica terminou o casamento, e vocês vão morrer quando eu contar: ele vendia fotos e vídeos para homens e mandaram tudo para ela! Juro! Ela até-

— Meu Deus, como fala... — murmuro, atordoada.

— E como a gente não sabia da existência dessas fotos antes? — Rebeca pergunta, dando risada, incrédula. Um garçom passa por nós com uma bandeja de champanhe e ela logo pega uma taça para si.

— NÃO SEI TAMBÉM! — Di grita e não para de andar.

Passando pela fila, reconheço várias pessoas que fazem parte da vida de Luana, inclusive aceno um oi para uma tia que sempre estava presente nas festas de família. Diana para na frente das assessoras e não hesita:

— Elas chegaram. Estamos indo lá, tá? — avisa e a moça autoriza nossa entrada no salão, no lado oposto ao da cerimônia. Suspeito que se ela não autorizasse, Diana entraria conosco de qualquer jeito.

Ana nos vê do jardim e, antes de continuarmos, faço Diana esperá-la. Nós três olhamos nossa amiga se aproximar, dando uma corridinha desengonçada de salto.

— Vocês chegaram! — diz, enganchando o braço no meu.

— Alguma de vocês vai nos contar o que está acontecendo? — Beca pergunta e Di volta a apressar o passo, agora entrando no salão.

— Não sabemos também, mas a Lu já chegou e falou que quer conversar com a gente. —

Ana luta para acompanhar as passadas rápidas de nossa amiga.

O salão tem tantas flores que só consigo imaginar a fortuna que foi. Tem uma mesa de frios, uma mesa de doces, o bar, um palco com os músicos terminando de montar seus instrumentos...

Tudo grandioso. Atravessamos o salão até pararmos na frente de uma porta de madeira com uma

placa de “Área Restrita” bem no meio.

Diana bate três vezes e espera.

— Quem é? — Escutamos a voz de Lu abafada lá de dentro.

— A Di, amiga! A Beca e a Bia chegaram! — Di responde, e assim que Luana autoriza nossa entrada, ela abre a porta, indicando para eu ir na frente.

Franzo a sobrancelha e paro.

— Por que eu entraria? — pergunto, confusa.

— Entra logo e para de pensar — Diana ordena. A forma como fala até chega a me assustar, então só concordo e olho para Ana, que dá o primeiro passo para a sala.

Sinto a mão de Di nas minhas costas, me empurrando de leve para seguir o fluxo. Primeiro, passamos por um pequeno hall, o que faz sentido, já que a voz de Luana estava distante quando Di nos anunciou. Assim que viramos uma paredinha, nos deparamos com o espaço amplo, com sofás chiques e um espelho enorme do lado da penteadeira. Luana está perto de um sofazinho do outro lado da sala, sozinha.

Ela não está pronta para o casamento. Na verdade, usa um vestido comum de festa. O cabelo está impecável, solto em ondas, sem precisar de um grande penteado. A maquiagem com cílios enormes destaca seus olhos, e os pés estão descalços.

— Oi, amiga! — Ana é a primeira a dizer algo e Lu para, olhando para nós quatro.

— Ai, que bom que vocês estão aqui! — Ela aperta as mãos uma na outra, mas seu rosto se ilumina só por um instante, antes de ficar séria de novo ao se aproximar de nós.

Olho-a de cima a baixo, procurando por algum sinal de algo errado. No canto da sala, vejo seu vestido de noiva pendurado, esperando.

— Você disse que precisava falar com nós quatro juntas, então aqui estamos — Di diz, muito ansiosa.

Estou desconfortável por ser incluída nessa conversa que, muito provavelmente, não quero ouvir.

— Tá tudo bem, amiga? — Beca pergunta e dá mais um gole no seu champanhe.

— Se por tudo bem você quer dizer que cancelei o casamento alguns dias atrás, então: sim, está tudo bem!

Luana joga a bomba no nosso colo dessa forma, sem nem ao menos preparar o terreno antes.

Rebeca engasga com o champanhe, já Ana e Diana arregalam os olhos e abrem as bocas, enquanto eu fico estática, em completo choque.

Lu dá uma risada, nervosa pelas nossas reações, e então atravessa o cômodo, se aproximando um pouco.

— Você o quê? — Diana pergunta.

— Cancelei o casamento.

— M-mas e as pessoas que estão lá fora? — Ana gagueja e aponta em direção à porta.

— A festa estava paga, não fazia sentido avisar todo mundo e perder os fornecedores, então vocês são as primeiras a saber. Daqui a pouco, vou entrar lá e avisar todo mundo.

— E o João Pedro? Seus pais, sua família... — Rebeca questiona e eu sigo em choque. É

muito difícil absorver o que ela está falando, mas para ela, parece ser a coisa mais fácil do mundo.

— Ele entendeu, por incrível que pareça, mas meus pais estão com raiva e minha família não sabe ainda, por isso estão lá fora. Meus pais ficaram com vergonha de contar para todo mundo e falaram que se eu ia destruir minha vida assim, tinha que fazer o pacote completo. Então, aqui estou eu.

Ela coloca as mãos para trás, olha para cada uma de nós até parar a atenção em mim.

— Seu vestido tá aqui... — Aponto para o vestido que parece nos encarar, e nós cinco olhamos para ele.

— Esqueci de cancelar com a equipe que ia trazer ele pra cá, então... — Ela dá de ombros, pouco afetada com o fato de que cancelou seu próprio casamento.

— Você quer explicar um pouco melhor sobre tudo isso? — Diana se afasta de nós e senta em um dos sofás.

Rebeca vira todo o conteúdo do seu champanhe e já enche a taça com uma garrafa que encontrou em um baldinho de gelo perto da mesa de comidinhas. Eu nem vi aquela mesa ali antes.

Luana respira fundo e seus olhos ficam marejados, olhando só para mim.

— Antes da despedida, eu já estava pensando em um milhão de coisas, mas depois da intervenção e da nossa conversa, Bibi... Vocês têm razão, sabe? Esse casamento não é pra mim, essa vida que eu estava tentando construir também não. — Lu começa a chorar e nós ficamos em silêncio, dando espaço para ela se expressar. — Eu me envolvi com uma pessoa que não amo de verdade, por pura pressão daqueles que estavam à minha volta. Eu me diminuí, me fiz caber em caixinhas que não me pertenciam e não era feliz, por mais que fingisse ser. É por isso que cancelei o casamento. Não foi por você, Bibi, mas por mim.

Não sei qual é a reação das meninas, porque agora só tenho olhos para a Luana. Choro junto ao escutá-la revelar o que esteve na sua frente o tempo todo e só ela não conseguia ver. Mais do que tudo, consigo sentir a verdade

em seu olhar e o quanto está decidida na sua decisão. Dá para ver que é por ela mesma, e não por outra pessoa.

Sorrio, compreendendo até a alma de cada palavra dela.

Encurto a distância entre nós e passo a mão em seu rosto devagar, enxugando suas lágrimas com cuidado para não estragar sua maquiagem. Ela sorri, e deita o rosto em minha mão, segurando-a para si.

— Estou feliz que, mesmo com todas as consequências que você vai enfrentar agora, você pensou em si. É importante isso, e mais ainda que você tenha conseguido enxergar o que seu coração quer de verdade — digo baixo, absorvendo cada detalhe do seu rosto e mostrando para ela que sua decisão é válida por ser *dela*, e de mais ninguém.

— Eu queria falar isso para vocês antes de todo mundo, porque além de precisar de apoio quando subir naquele palco para contar pra todos que não terá mais casamento e vocês serem a minha família... — Ela olha para nós, e então volta a atenção para mim. — Essa é a segunda vez nos últimos dois anos que tô fazendo algo porque eu quero, e não porque preciso ou porque me mandaram fazer.

— Pela segunda vez? — pergunto, o coração batendo forte ao sentir seus dedos encostando nos meus devagar. Ela entrelaça nossas mãos e me segura forte.

— A primeira foi quando te beijei no chalé. Sei que você estava me vendo como uma mulher confusa, mas nunca tive tanta certeza do que queria na minha vida quanto naquele momento. E eu queria deixar mais do que claro que não estou cancelando esse casamento só porque tô apaixonada por você, mas eu estaria mentindo se não falasse que esse é um grande motivo.

Consigo escutar os “awn” que nossas amigas soltam fora da nossa bolha e sorrio, antes de beijá-la, me entregando ao momento.

Luana não precisa nem de um segundo para me beijar de volta, envolvendo-me em seus braços. Se eu achava que nosso primeiro beijo havia sido o melhor, é porque nada havia me

preparado para sentir a Luana com o coração entregue por completo para mim.

Nossas amigas batem palma e gritam em comemoração, o que nos faz dar risada ao nos afastar, sentindo um pouco de vergonha com toda a comoção.

— Ai, parem com isso! — peço, tímida, e Luana ri.

— A gente tem que comemorar! — Diana se levanta animada, nos abraça e dá alguns pulinhos. — Ai, que noite linda! Casamento cancelado, João Pedro e seus pais longe, as duas se dando uma chance... Parece que o universo está se alinhando, sabe?

— Dá pra soltar elas, por favor? — Rebeca tenta tirar o braço de Diana em volta de nós duas, mas Ana estraga seus planos, entrando no abraço também.

— Para de ser chata e vem aqui! — Ana pede e, fingindo estar fazendo contra a vontade, Rebeca nos abraça.

Diana tem razão, é como se o universo estivesse se alinhando. E o melhor é saber que tenho uma parte do meu mundo nos meus braços.

— Eu amo vocês! — Luana diz, acompanhada de mais um apertão de Diana, que nos arranca risadas.

— Tá, tá, agora chega de verdade! — Rebeca interrompe e faz Diana se afastar. — Vamos deixar as duas terem um momento sem a gente escutando cada coisinha.

— Ahhh, não! — Diana retruca e Rebeca insiste, já pegando no braço da amiga e chamando Ana com a cabeça.

— Ah, sim! — responde, e então se vira para nós. — Vou confirmar com a cerimonialista qual é o horário que está marcado para tudo começar, aí a gente dá uns minutinhos e vem te chamar para falar com todo mundo, tá?

— Tá bom.

— Não façam nada que eu não faria, hein? — Diana diz, a voz sumindo enquanto Rebeca a arrasta para fora da sala, e Ana nos dá um tchauzinho antes de desaparecer.

Ficamos olhando em direção à porta até escutarmos o barulho dela se abrindo e fechando.

— Você é maluca! — digo para ela. — E muito corajosa, meu Deus, Luana!

— Eu sei, acho que nunca tive tanta coragem de fazer algo em toda a minha vida! Depois que me dei conta que já tinha tomado uma decisão, foi como se o peso do mundo inteiro saísse das minhas costas. É clichê, eu sei, mas foi essa a sensação. A cobrança, o medo de não agradar... Quer dizer, eu continuo com um pouco de medo, até porque nem sei se meus pais vão voltar a falar comigo e-

— É claro que eles vão. São seus pais e você sabe como eles são. Talvez fiquem bravos por muito tempo, mas são seus pais, no fim das contas, e te amam muito! — tranquilizo, e ela concorda.

— Você está brava comigo? — pergunta baixo, passando a mão em meu cabelo e colocando-o atrás da minha orelha.

— Você não tem noção do medo que eu estava de vir aqui hoje e te ver casando. Achei que fosse te perder pra sempre e, ao mesmo tempo, seria incapaz de fazer algo para impedir —

assumo. — Não estou brava, só... surpresa. Muito surpresa.

— De um jeito bom ou ruim?

— Achei que te beijar fosse uma resposta boa... — Coloco a mão em sua cintura e ela sorri.

— Obrigada por não me deixar cancelar o casamento no café. Teria sido impulsivo, percebi isso depois. Eu precisava de mais alguns dias para decidir de verdade.

— Sei disso, te conheço com a palma da minha mão, lembra?

— Pelo menos agora posso correr atrás do tempo perdido da forma certa! E tô mais do que

disposta a te provar que estou convencida da minha decisão todos os dias. Só preciso saber se você está aberta para me dar uma chance, mesmo depois de toda essa confusão que acabei te envolvendo.

Passo o nariz no dela, que fecha os olhos, sorrindo.

— Sou apaixonada por você há muito tempo, Luana. Me afastei e, mesmo sem te ver, você não saía da minha cabeça. Tentei deixar pra lá, mas não consegui. Você é tudo o que eu sempre quis.

— Queria não ter demorado tanto para perceber o mesmo...

— Foi no momento que tinha que ser. — Beijo-a de novo e Luana me abraça, agarrando nossos corpos um no outro. Até me afastar de repente. — Calma, então seus pais nem vieram?

— Nem o João Pedro. Ele ficou arrasado... — fala, com dó.

— Poxa, que barra. — Tento soar triste também, mas aperto os lábios, segurando um sorriso, e Luana dá risada.

— Isso é maldade!

— Maldade é você não estar me beijando agora.

Luana me beija mais uma vez, e mais uma e mais uma. E se não fossem as meninas batendo na porta vários minutos depois, eu ficaria mais do que feliz em passar o resto da noite ali.

EPÍLOGO



EPÍLOGO

“Quando eu envelhecer eu sei que será com ela

Eu estava certa o tempo todo, ela é muito melhor”

10x Better - Marielle Kraft

Cinco meses depois

O sol que queima minha pele é bom, eu estava precisando disso.

Deitada na espreguiçadeira de olhos fechados, aproveito as férias sem nenhuma preocupação. Só quero sol, mar, bons drinks e ela.

Apoio o corpo no cotovelo e olho para ela, vindo em minha direção com o biquíni que comprei porque sabia que ficaria perfeita nele e o *snorkel* na mão. O cabelo está solto, caindo por seus ombros e seios, e a visão faz com que eu precise cruzar as pernas. Admiro-a de cima a baixo, às vezes ainda não acredito no que estamos vivendo.

Ter Luana de volta na minha vida *dessa* forma foi uma das melhores coisas que me aconteceram.

— Conseguiu ver alguma coisa? — Levanto o óculos, deixando-o na minha cabeça enquanto ela se aproxima, jogando o *snorkel* na mesa atrás de mim.

— Só alguns peixinhos nas pedras, acho que amanhã no passeio vou conseguir ver melhor.

Ela me faz abrir as pernas e se ajeita em cima de mim. Sentir seu corpo no meu é o suficiente para não me importar que esteja me molhando toda. Passo a mão por sua cintura quando me beija. Seus lábios estão salgados pelo mar, deliciosos e macios, assim como sua pele.

— Você está muito gostosa, sabia? — falo, mordendo seus lábios, e ela ri.

— A gente bem que podia ir embora um pouco mais cedo, o que acha?

Concordo, não preciso que ela seja explícita para entender o que ela quer dizer e agora mal posso esperar para voltar

para o apartamento alugado.

— Às vezes sinto falta de quando vocês não se falavam, pelo menos eu não precisava ficar escutando essas coisas — Rebeca retruca, o que nos faz olhar para nossa amiga, deitada a uma espreguiçadeira de distância.

— Para de ser mal amada! — Lu dá risada enquanto sai de cima de mim, deitando na espreguiçadeira vazia.

— Quero só ver se fossem vocês no meu lugar. — Beca finge que está vomitando e joga a canga nela. Ela não aguenta a pose de “anti-amor” e logo dá risada também.

— Ai, não reclama que quando você voltar pro nordeste vai sentir falta da gente! — Dou a língua para Beca. Foi uma surpresa quando ela nos contou que conseguiu uma mini férias para poder viajar com a gente. Sentimos falta de estarmos juntas depois da sua mudança.

— Seguinte, a Ana flertou com o cara do quiosque e ele colocou a gente na lista de uma festa que vai ter perto do calçadão. Bora? — Diana se aproxima com duas caipirinhas na mão e entrega uma para mim.

— Uau, o mar está fazendo bem pra nossa garota! — Me viro para trás e lá está ela, flertando com o gatinho do quiosque.

— Já era hora! — Luana puxa minha mão para perto dela e dá um gole na caipirinha, fazendo careta ao sentir o quão forte está.

Escuto meu celular tocando e o procuro na bolsa enorme de Lu. Vejo a foto da minha mãe na tela e mostro para ela, que se ilumina e pega o celular para atender a chamada de vídeo.

— Oi, sogrinha! — Lu se ilumina.

— Oi, norinha! Onde vocês estão que não respondem minhas mensagens? — Minha mãe dá a bronca de forma mais leve do que seria se fosse eu atendendo.

— Na praia, está super vazia hoje! — Ela vira a câmera, mostrando o marzão na nossa frente, e então filma uma a uma para minha mãe.

— Oi, Raquel! Quer um pouco? — Diana cumprimenta e oferece a caipirinha.

— Bebendo em plena terça-feira? Ah, esse é meu sonho! — Minha mãe ri e Lu mostra Beca para ela, as duas dão um oizinho antes de Lu pular para a minha espreguiçadeira, sentando do meu lado e me enquadrando na câmera.

— Você não tá nem aí mais pra mim, né, dona Raquel? — Finjo estar ofendida e minha mãe revira os olhos. — Bom saber que agora só a sua “norinha” é importante...

— Olha aqui, as duas façam o favor de pelo menos avisar que estão vivas? Eu fico preocupada.

— Em São Paulo você não me liga duas vezes por dia para saber se estou bem e lá é bem mais perigoso do que em Ubatuba — respondo, levantando a sobrancelha.

— Tá bom, então, Bianca. Luana, meu amor, você pode fazer o favor de avisar a sua sogrinha se vocês estão bem para eu não ficar preocupada?

— Pode deixar, sogrinha linda! Vou te avisar tudo — Luana diz, sorrindo.

— Puxa-saco! — digo para ela, que me dá um selinho ao dar risada.

— A Ana está beijando o carinha! — Diana grita, o que faz nós quatro nos virarmos para o quiosque, encontrando Ana na ponta do pé para poder alcançar o garoto do lado de dentro do quiosque.

— Ahhhh! — gritamos todas.

— Juízo! — Escuto minha mãe gritando antes de mandar alguns beijos e desligar.

Nossa atenção fica toda para Ana, que no instante em que para de beijar, troca telefone com o gatinho e volta em nossa direção.

— Que isso, hein? — Rebeca provoca. — Tá com tudo, indo melhor que você, Di!

— Eu juro que não sei por que sou sua amiga.

Diana retruca de volta e senta na mesma espreguiçadeira de Beca. As duas serão aquelas amigas velhinhas que brigam o dia inteiro, mas que não deixam de se ver sempre que podem.

Lu pede para Ana contar tudo o que aconteceu e vemos nossa amiga vermelha, tentando disfarçar e contar ao mesmo tempo.

Observo minhas melhores amigas e namorada juntas e sorrio. A vida não tem como ser melhor.

AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTOS

Escrever um livro pós-burnout é uma experiência. Eu achei que não iria conseguir criar mais nada, até que a história desse grupo de amigas — que estava rascunhada desde 2022 —

reapareceu na minha cabeça. Foi uma delícia revisitar ideias antigas e adaptar para a cabeça e experiência da Nicole de 2025.

Esse não é o primeiro livro sáfico que escrevo, mas é o primeiro que publico e que sabor foi colocar meu amor por garotas nessas páginas. Além do romance entre Bia e Luana, *Antes do Sim* é uma história sobre amizade, e dar vida a esse grupo de amigas foi colocar um pouquinho de cada uma das minhas amigas e da forma que lidamos uma com a outra nessas páginas. Nós brigamos e somos francas umas com as outras — às vezes até demais —, mas o mais importante: nos amamos e sempre estamos ali para ajudar e nos apoiar. Acho que essas são as melhores amizades que podemos ter, a que sabemos que podemos ser vulneráveis, que nunca estaremos sozinhas.

Então, esse livro é dedicado para elas: *Cams, Fran, Amanda A., Amanda F., Laís, Laura, Nathália O., Lola, Andresa, Sacia, Pam, Ana Carol, Ju M., Maria Clara, Maristela, Thaís, Jessica, Mari P., Su, Gabi R., Amanda C.,*

Mari C., Maternidade das Minas e Cailan (único boy, mas não dá pra te deixar de fora).

Sempre digo que não escrevo livros que vão mudar vidas, mas sim dias. Então, se eu consegui te tirar um pouquinho da sua realidade para te fazer dar risadas: meu muito obrigada por dar uma chance para as minhas palavras e por me permitir fazer parte da sua rotina, mesmo que só por algumas horas.

Também queria agradecer todo mundo que colaborou para esse livro vir ao mundo: minhas melhores amigas, minha rede de apoio literária e a equipe Livros do UP, que cuidou de cada detalhe desse lançamento.

Nos encontramos de novo muito em breve, combinado?

Beijos,

Nicole Oliveira



SOBRE A AUTORA

SOBRE A AUTORA

Nicole Oliveira é uma escritora bissexual, nascida na Baixada Fluminense e criada em São José dos Campos, São Paulo. Virginiana, nascida nos anos 90 que está eternamente presa nos clássicos de comédia romântica dos anos 2000; já foi apresentadora de TV, colunista do jornal O

Vale e influenciadora digital.

Seu gosto musical está dividido entre o pop punk da sua adolescência, Taylor Swift e Broadway. Ama tatuagens old school, comédia romântica e filmes slasher de procedência duvidosa.

Além das publicações no mercado editorial independente e do seu trabalho como leitora crítica e diagramadora de e-books, em 2025 se tornou autora de ficção da Buzz Editora.

Tem dois gatos antipáticos, dois filhos que sabem que não sai de casa sem o Kindle na bolsa e um marido que é obrigado a ler tudo o que escreve.

@eagoragemeos



LEIA TAMBÉM

LEIA TAMBÉM

[365 Novos Caminhos](#)

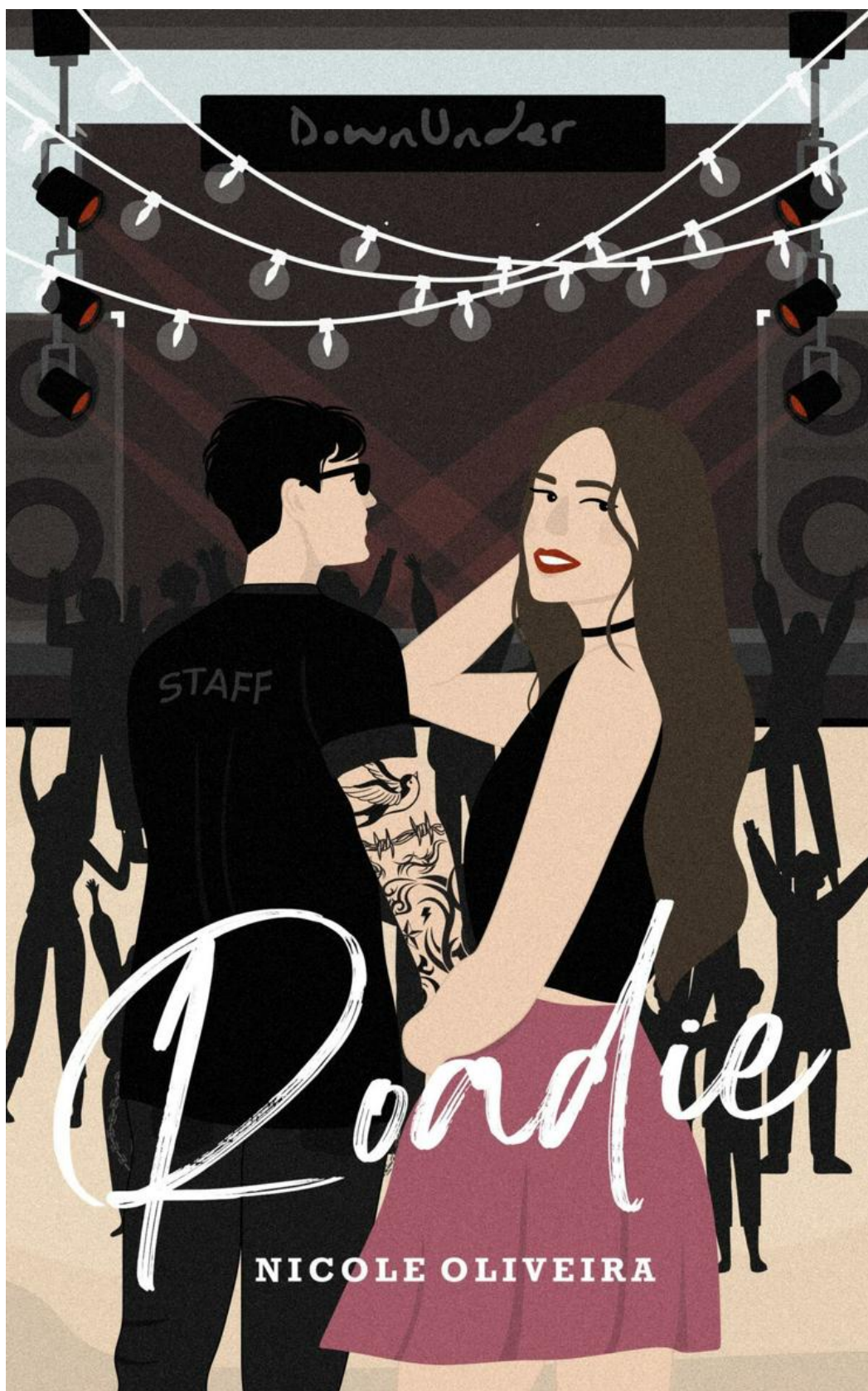
**RANÇO TO LOVERS - ELE É CHEFE DELA - SLOWBURN
- GRUMPY x SUNSHINE - MISTÉRIO - HOTS - ELE**

SE APAIXONA PRIMEIRO - BRUXARIA NATURAL

Após sair de um relacionamento abusivo, o plano de Marina Dias era mudar de vida e recomeçar em um novo lugar. A bolsa de estudos para terminar a faculdade em Londres veio em ótima hora e ela encarou essa aventura com algumas malas, uma gata e a vontade de nunca mais voltar.

Quando se juntou a um grupo de ativistas universitários, entendeu que seu propósito talvez fosse maior do que esperava. LittleWin sofre há anos com a exploração de grandes empresas no comércio local e o Centro Educacional, que mantém um trabalho social e educacional com crianças, é ameaçado pelo sistema corrupto do governo e da Vann, empresa que quer monopolizar a região com empreendimentos e a qual ela conseguiu um emprego. Trabalhar como agente dupla não é fácil, principalmente quando seus olhos começam a brilhar para seu chefe não tão arrogante assim.

Entre amores não correspondidos e a adaptação de uma nova vida, ela entende que, às vezes, as pessoas não são quem elas aparentam ser, e sempre é tempo para dar uma nova chance a sentimentos que estavam há muito tempo adormecidos.



[Roadie](#)

**STRANGERS TO LOVERS - PROTAGONISMO DEMI -
SLOW BURN - STAFF DA BANDA - DOIS PONTOS DE**

**VISTA - INSPIRADO EM MCFLY BRASIL 2022 -
AMBIENTAÇÃO NACIONAL - BOY GATO PRETO**

Para se enquadrar no padrão superprotetor de seu pai, Manuela sempre foi a filha perfeita e a aluna modelo. Agora, com 23 anos e depois de tanto ver seus amigos vivendo suas vidas enquanto ela não pode nem ao menos sair de casa, cansou de sustentar essa imagem tão exaustiva que esperam dela.

A oportunidade perfeita para traçar seu próprio caminho surgiu quando sua banda favorita, DownUnder, anunciou o retorno aos palcos depois de 10 anos de pausa, com direito a uma pequena turnê no Brasil. Mesmo com medo, Manu decide que é o momento certo para realizar o sonho de adolescência e fazer sua primeira loucura, afinal, não deve ser tão difícil assim perseguir famosos pelo Brasil por algumas semanas. Certo?

No caminho para sua independência, Manu tenta equilibrar sua insegurança com a grande vontade de se permitir viver. A aventura fica ainda mais intensa quando uma dessas inseguranças tem nome, sobrenome, sotaque inglês e um sorriso que tira seu ar.

Document Outline

- [Aviso](#)
- [Playlist](#)
- [Prólogo](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Epílogo](#)
- [Agradecimientos](#)
- [Sobre a Autora](#)
- [Leia Também](#)